

ACADEMIA MILITAR

Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspectiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.

Autor: Aspirante de Infantaria Pedro Ferreira Vieira Simões de Abreu

Orientador: Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista Paulo Luís Almeida Pereira

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2017



ACADEMIA MILITAR

Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspectiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.

Autor: Aspirante de Infantaria Pedro Ferreira Vieira Simões de Abreu

Orientador: Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista Paulo Luís Almeida Pereira

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2017

EPÍGRAFE

“A rapidez é a essência da guerra: ganhe vantagem com a falta de preparação do inimigo, trace o seu percurso por onde não é esperado, ataque os locais vulneráveis do adversário.”

Sun Tzu

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, irmã, namorada,
família e amigos, por todo o apoio, ajuda, dedicação e compreensão durante estes 5 anos.

AGRADECIMENTOS

Terminando este Trabalho de Investigação Aplicada, chega o momento de agradecer a todos os que caminharam ao meu lado durante estes 5 anos e contribuíram para realização deste trabalho, que se constitui como um importante marco da minha vida.

Apesar de muitos terem contribuído de alguma forma direta ou indiretamente para o meu sucesso, existem nomes que tenho de realçar.

Em primeiro lugar quero agradecer ao Sr. Tenente Coronel de Infantaria Paraquedista Paulo Luís Almeida Pereira, o meu orientador deste trabalho, que sem os seus conselhos, orientações e ajuda a realização deste trabalho não teria sido a mesma. Quero agradecer todo o tempo e atenção prestada para que juntos atingíssemos os objetivos a que nos propusemos desde a entrega do projeto. Um grande OBRIGADO!

As minhas próximas palavras de agradecimento vão para o Sr. Tenente-Coronel de Infantaria Pinto de Oliveira por toda a preocupação que sempre demonstrou como Diretor de Curso de Infantaria da Academia Militar. Agradeço também ao Sr. Major Araújo e Silva que nesta fase do trabalho abraçou as funções de Diretor de Curso, ajudando-nos em tudo o que precisamos para a realização dos nossos trabalhos.

Sinto-me muito agradecido aos Excelentíssimos Senhores Generais Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, Carlos Alberto Grincho Cardoso Perestrelo e José Manuel Lopes dos Santos Correia, ao Sr. Coronel de Infantaria Paraquedista Hilário Dionísio Peixeiro, ao Sr. Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista João Francisco da Costa Bernardino e ao Sr. Major de Infantaria Paraquedista Luís António Pereira Mamão que disponibilizaram tempo da sua agenda para me receberem e prestarem os seus importantes testemunhos sobre o tema e pelos seus conselhos para melhorar o trabalho.

Um especial agradecimento ao Sr. Coronel de Infantaria Paraquedista José de Moura Calheiros, pelo testemunho prestado mas sobretudo pelo seu empenho em arranjar informação e documentos que acrescentassem valor a este trabalho.

Agradeço também ao Sr. Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista João António Rodrigues Henriques pelo apoio na ajuda de obtenção de informação, que enriqueceu o trabalho.

Tenho também de agradecer aos Tenente-Coronel Arlindo José da Cruz Neto, Tenente-Coronel Emílio Vanderlei Ribeiro e Tenente-Coronel Nilton Gomes Rolim Filho, do Exército Brasileiro, pela disponibilidade em ajudar no que fosse preciso para o trabalho.

Um obrigado especial ao meu Avô Alfredo Ferreira Vieira, pelo carinho e inestimável zelo com que me ajudou efetuar a leitura de revisão.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer ao meu Pai, por ter sido em toda a minha vida o exemplo de Homem e de Oficial que quero ser, sem dúvida a pessoa que mais idolatro. E pelos conselhos prestados não só durante a execução do TIA mas de todo o meu percurso na Academia Militar.

Quero também agradecer à minha Mãe pela constante preocupação, carinho e ajuda durante estes 5 anos e durante toda a minha vida. À minha Irmã e Namorada que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos.

E por ultimo um obrigado especial à minha família e amigos

A todos, um GRANDE OBRIGADO.

RESUMO

O tema deste trabalho é: “Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspectiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.”

Pretende-se esclarecer o quadro de emprego dos lançamentos em massa em possíveis conflitos, apontando possíveis direções para o melhoramento e cada vez maior adequação das forças Paraquedistas nacionais na realização de Operações Aerotransportadas autónomas ou combinadas. Os objetivos deste trabalho prendem-se com as características das forças Paraquedistas nacionais quando empregues em operações, abordando capacidades, orgânica, equipamento, armamento, projeção e sustentação. Concomitantemente aborda-se a análise de Operações Aerotransportadas já executadas, para que se possa fazer a ponte para a aplicabilidade deste tipo de operações no quadro atual e futuro dos conflitos internacionais.

A metodologia aplicada no presente trabalho foi o método científico hipotético-dedutivo seguindo uma estratégia de investigação qualitativa.

Este estudo não só permitiu perceber como evoluíram as Operações Aerotransportadas com lançamento em massa e quais as suas especificidades mas também perceber quais as características que as modernas Forças Paraquedistas devem ter e como deve ser feita a constituição de uma força para cumprir uma missão iniciada com um lançamento em paraquedas.

No final deste trabalho conclui-se que a aplicabilidade dos lançamentos em massa continua a ser uma verdade. Este tipo de Operações Aerotransportadas apresenta-se como uma importante ferramenta para qualquer poder político de um país ou para qualquer Comandante. As forças Paraquedistas asseguram uma capacidade de resposta rápida e fíavel caso seja necessário projetar o poder militar para locais distantes de modo a exercer influencia numa região, e/ou se tenha que ultrapassar obstáculos que possam dificultar a projeção de força por outra via.

Palavras-chave: Paraquedistas, Lançamentos em Massa, Operações Aerotransportadas, Projeção.

ABSTRACT

The underlying subject of the present thesis focusses on: “Airborne Operations: evolution, current applicability and an outlook on mass parachute drops as a means of force projection”.

The intention is to clarify the scope of employment of mass drops in conflicts, suggesting possible routes to follow for the improvement and a better adequacy of national Paratrooper forces in the conduct of Airborne Operations, be these solely national or of a combined nature. The main goal of this essay was to evaluate how the characteristics of national Paratrooper forces allow them to be employed in operations, analysing capabilities, organic structure, equipment and weapon systems, deployment and sustainment. Meanwhile, the analysis of past Airborne Operations was conducted to establish a benchmark in the feasibility of this type of warfighting, both in the current as in the future scenario of international conflict.

The methodology applied in this essay was the hypothetical-deductive, following a strategy of qualitative research.

This study allowed the understanding of how mass drop Airborne Operations evolved and their idiosyncrasies. Concurrently, it allowed the understanding of the characteristics that a modern Airborne Force must possess, as well as how a force of this nature should be tailored to accomplish a mission through the use of a parachute drop.

At the end of this study we reach the conclusion that the applicability of mass drops remains current. This type of Airborne Operations presents itself as a relevant tool for the political establishment of any country, as for the Commander of a Theatre of Operations. Mass Drops represent the capacity to have a rapid and reliable answer in case of the need to project military power to a distant location at a short notice, or over sizable obstacles that could hinder a land or maritime deployment, so that influence can be exerted in that region.

Key-Words: Paratroopers, Mass Drops, Airborne Operations, Projection.

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	I
DEDICATÓRIA	II
AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
ÍNDICE GERAL	VII
ÍNDICE DE FIGURAS	X
ÍNDICE DE QUADROS	XI
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	XII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA	5
1.1 Enquadramento	5
1.2 Forças Paraquedistas de Portugal.....	9
1.3 Força de Reação Imediata (FRI).....	12
1.4 Histórico de operações com lançamentos em massa	15
1.4.1 Operação Neptuno - 1944	15
1.4.2 Operação Zeta - 1969	19
1.4.3 Operação Serval - 2013	20
1.5 Simpósio do <i>Challenge Inter Écoles de Parachutisme</i> (CIEP)	22
1.5.1 Portugal no CIEP.....	22
1.5.2 Brasil no CIEP.....	25
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	27
2.1 Tipo de Abordagem	27
2.2 Questão Central e Questões Derivadas	28
2.3 Hipóteses.....	29
CAPÍTULO 3 – MÉTODOS E MATERIAIS	31
3.1 Técnicas Utilizadas	31

3.2 Amostragem.....	33
3.3 Técnicas de Tratamento e Análise de Dados	34
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	36
4.1 QD1 - Que capacidades devem ter as modernas forças Paraquedistas?	36
4.2 QD2 - Quais as fragilidades das forças Paraquedistas e como podem ser colmatadas?.....	37
4.3 QD3 - Qual a necessidade de Portugal possuir forças Paraquedistas e que vantagens se podem retirar da capacidade de executar Operações Aerotransportadas?.....	38
4.4 QD4 - Em que quadro de conflito se poderá perspetivar o emprego de uma Operação Aerotransportada?.....	40
4.5 QD5 - A capacidade de sustentação de uma força paraquedista poderá condicionar o seu emprego?.....	43
4.6 Verificação das Hipóteses.....	45
4.6.1 Hipótese número 1 (H1).....	45
4.6.2 Hipótese número 2 (H2).....	46
4.6.3 Hipótese número 3 (H3).....	47
4.6.4 Hipótese número 4 (H4).....	48
4.6.5 Hipótese número 5 (H5).....	50
CONCLUSÕES	51
Recomendações de futuras investigações.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
APÊNDICES.....	II
APÊNDICE A – DICIONÁRIO DE TERMOS.....	II
APÊNDICE B – ENTREVISTA TENENTE-CORONEL BERNARDINO	IV
APÊNDICE C – ENTREVISTA CORONEL MOURA CALHEIROS	XII
APÊNDICE D – ENTREVISTA GENERAL JERÓNIMO	XIX
APÊNDICE E – ENTREVISTA MAJOR GENERAL PERESTRELO....	XXVI
APÊNDICE F – ENTREVISTA CORONEL PEIXEIRO	XXXII

APÊNDICE G – ENTREVISTA MAJOR MAMÃO.....	XXXVIII
APÊNDICE H – ENTREVISTA MAJOR GENERAL CORREIRA	XLII
APÊNDICE I – ENTREVISTA GENERAL DELION.....	XLVIII
ANEXO	LV
ANEXO A – POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES DO BOAT.....	LV
ANEXO B – POSSIBILIDADES DE UM BIPARA	LVII

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº. 1 – Orgânica de um BIPara.....	12
Figura nº. 2 – Esquema do Desembarque nas praias da Normandia	16
Figura nº. 3 – Zonas de Lançamento das Divisões Americanas.....	18
Figura nº. 4 – Localização da Operação ZETA.....	19

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1 – Análise de conteúdo relacionado com QD1	36
Quadro nº 2 – Análise de conteúdo relacionado com QD2	37
Quadro nº 3 – Análise de conteúdo relacionado com QD3	38
Quadro nº 4 – Análise de conteúdo relacionado com QD4	40
Quadro nº 5 – Análise de conteúdo relacionado com QD5	43
Quadro nº 6 – Verificação da H1	45
Quadro nº 7 – Verificação da H2.....	46
Quadro nº 8 – Verificação da H3.....	47
Quadro nº 9 – Verificação da H4.....	48
Quadro nº 10 - Verificação da H5	50

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

6 th AD	<i>6th Airborne Division</i>
82 nd AD	<i>82nd Airborne Division</i>
101 st AD	<i>101st Airborne Division</i>
AA	Antiaérea
ACar	Anticarro
AM	Academia Militar
BAv	Base Avançada
BOAT	Batalhão Operacional Aeroterrestre
BP	Base de Partida
BrigRR	Brigada de Reacção Rápida
CC	Carro de Combate
CFT	Comando das Forças Terrestres
CIEP	<i>Challenge Inter Écoles de Parachutisme</i>
CompTerrestre	Componente Terrestre
Cor	Coronel
CP	Cabeça de Ponte
CTP	Corpo de Tropas Paraquedistas
DAAT	Destacamento de Apoio Aeroterrestre
EMGFA	Estado Maior Geral das Forças Armadas
EP	Exército Português
ETAT	Escola de Tropas Aerotransportadas
FAP	Força Aérea Portuguesa
FFAA	Forças Armadas
FRI	Força de Reacção Imediata

Gen	General
GNR	Guarda Nacional Republicana
H	Hipótese
HAHO	<i>High Altitude High Opening</i>
HALO	<i>High Altitude Low Opening</i>
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares
In	Inimigo
JPADS	<i>Joint Precision Airdrop System</i>
Maj	Major
MGen	Major General
NEO	Operação de Evacuação de Não Combatentes
OAP	Operações de Apoio à Paz
PDE	Publicação Doutrinária do Exército
Precs	Precusores Aeroterrestres
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
QO	Quadro Orgânico
RI10	Regimento de Infantaria nº10
RI15	Regimento de Infantaria nº15
RPara	Regimento de Paraquedistas
TCor	Tenente-Coronel
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TO	Teatro de Operações
TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos
UEC	Unidade Escalão Companhia
VCB	Vigilância do Campo de Batalha

ZL

Zona de Lançamento

INTRODUÇÃO

A Academia Militar (AM) é um estabelecimento de ensino superior universitário que tem como objetivo formar os futuros oficiais dos quadros permanentes do Exército Português (EP) e da Guarda Nacional Republicana (GNR). O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) tem como tema “Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspetiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força” e insere-se no 5º ano do curso com mestrado integrado de ciências militares, na especialidade de Infantaria, sendo a última etapa antes do ingresso nos quadros permanentes do EP. Nesta parte do trabalho de investigação é feito um enquadramento/contextualização da investigação, para que seja mais fácil o entendimento do tema em foco, posteriormente é feita a justificação da escolha do tema do TIA, bem como a apresentação dos objetivos e da questão central e por fim é apresentada a estrutura do trabalho.

Tendo em conta a realidade dos tempos de hoje, as preocupações com a projeção e sustentabilidade de uma força são cada vez maiores. A utilização de forças Aerotransportadas confere a possibilidade de rápida movimentação, quer para um Teatro de Operações (TO) quer dentro deste, utilizando o espaço aéreo para manobrar, colocando mais facilmente, quando em operações com lançamento¹, forças em terreno controlado pelo adversário. Em suma este tipo de forças conferem ao poder militar de qualquer estado, surpresa, rapidez e flexibilidade, pois são forças com elevada mobilidade que permitem fazer face a contingências, através da rápida resposta, tendo capacidade de ultrapassar obstáculos terrestres e massas de água e assim concentrar potencial de combate em locais críticos, através do transporte aéreo e lançamento em paraquedas, que de outra forma seria mais difícil e moroso. (EXÉRCITO, 2012b)

Dado o tema apresentado, considera-se ser fundamental, para melhor entendimento, ter a noção plena do que é uma Operação Aerotransportada. Este este tipo de operações é descrito no PDE 3-05-00 OPERAÇÕES AEROTRANSPORTADAS como, “Movimento de forças de combate e do seu apoio logístico para uma área objetivo ou para um objetivo por intermédio de: Lançamento, Heli-assalto ou Aterragem.”(EXÉRCITO, 2012b, p. 1-3), sendo, de acordo com a mesma PDE, lançamento definido como: “As tropas, o seu equipamento e apoio logístico (pelo menos inicial), são deslocadas em aeronaves para a área

¹ Ver significado em Apêndice A.

do objetivo, sobre a qual são lançadas em paraquedas, para cumprimento duma missão operacional.”(EXÉRCITO, 2012b, p. 1-3)

É importante esclarecer que no âmbito deste TIA, para ajustar à realidade do EP considero como lançamento em massa, o lançamento em paraquedas de uma unidade, no mínimo, de escalão companhia (UEC), pois o emprego deste escalão de unidade de manobra é previsto no Plano Pégaso do Estado Maior Geral das Forças Armadas (EMGFA) que estabelece o emprego da Força de Reação Imediata (FRI) e respetivas forças a projetar.

Quando se inicia um trabalho desta natureza é importante ter em conta as três fases do processo de investigação científica, que são: exploratória, analítica e conclusiva. A fase exploratória começa logo com a identificação do problema de investigação (Sarmiento, 2013). “A escolha e a delimitação do tema são procedimentos essenciais para o sucesso de uma investigação e que devem ser cumpridos no estrito respeito pela afinidade, proximidade, experiência e interesse que o investigador tem no domínio em que o tema se insere. Embora podendo haver um conjunto diversificado de fatores a ter em conta neste processo, estes são, contudo, os mais relevantes.”(IESM, 2014, p.30).

Como tal a problemática identificada na escolha do tema deste TIA, prende-se com a análise das Operações Aerotransportadas com lançamento de Paraquedistas na perspetiva da integração de forças militares portuguesas neste tipo de operações.

Segundo o Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM) no início de uma investigação deve ser logo estabelecido o objeto de estudo, para este conferir ao projeto um rumo a seguir (2014). O objetivo geral vai ajudar a clarificar o que procurar e o estado final desejado. (Sousa & Baptista, 2011)

Pretende-se, no final deste trabalho, que seja esclarecido o quadro de emprego dos lançamentos em massa em possíveis conflitos, apontando possíveis direções para o melhoramento e maior adequação a este tipo de operações das forças Paraquedistas nacionais na realização de Operações Aerotransportadas autónomas ou combinadas.

“A formulação dos objetivos específicos deve corresponder à decomposição ou desconstrução dos objetivos gerais da investigação em aspetos mais restritos e elementares, traduzidos em atividades e tarefas que deverão ser observáveis e mensuráveis, de modo a permitir conhecer o grau de cumprimento dos objetivos gerais”.(IESM, 2014, p.47)

Os objetivos específicos deste trabalho prendem-se com as características das forças Paraquedistas nacionais para serem empregues em operações, abordando capacidades,

orgânica, equipamento, armamento, projeção e sustentação. Concomitantemente, abordar-se-á a análise de Operações Aerotransportadas já executadas, para que se possa fazer a ponte para a aplicabilidade deste tipo de operações no quadro atual e futuro dos conflitos internacionais.

Diversos autores defendem que o início de qualquer trabalho de investigação tem o seu ponto de partida na formulação de uma pergunta de partida ou questão central (QC), que irá servir como barreira delimitadora do que o autor do trabalho se propõe a responder ou a concluir no final do mesmo. Quivy e Campenhoudt escrevem no seu livro que uma boa forma de atuar é “(...) procurar enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor.”(2005, p.32).

Desta forma, a questão central deste trabalho a que me proponho dar resposta no final do mesmo é a seguinte: “Tendo em conta o atual quadro internacional de conflitos, qual a aplicabilidade de empenhar forças aerotransportadas através de um lançamento em massa no Teatro de Operações, seja para fazer face a conflitos assimétricos seja para opor a uma força convencional e quais os fatores a ter em conta na constituição de uma força tipo para operações desta índole?”

Este TIA contempla 4 capítulos e conclusões: 1 - Revisão de Literatura; 2 - Metodologia de Investigação; 3 - Métodos e Materiais; 4 – Apresentação, Análise e Discussão de Resultados.

No primeiro capítulo, na revisão de literatura, é feito o enquadramento/explicação sobre o que são as missões das forças Paraquedistas e o que são Operações Aerotransportadas, no subponto seguinte são apresentadas as forças Paraquedistas de Portugal: o Regimento de Paraquedistas (RPara), onde é feito o processo de formação dos militares Paraquedistas, o Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT) e os Batalhões de Infantaria Paraquedista (BIPara). De seguida é feita uma breve descrição da FRI por ser uma força em Portugal onde há a possibilidade do lançamento em massa para a projeção desta. Posto este subponto, é feito um histórico de operações e exercícios com lançamentos em massa. Por fim é apresentado o conteúdo de um simpósio realizado neste âmbito entre as tropas Paraquedistas de vários países.

No capítulo da metodologia, o segundo, é explicado como é que este TIA foi desenvolvido, qual foi a abordagem, a sua QC e respetivas questões derivadas (QD) bem como as hipóteses (H) que surgem como possíveis respostas a estas últimas.

O terceiro capítulo é uma descrição de como foi feita a recolha de dados, neste caso análises de documentos e as entrevistas que foram conduzidas.

No quarto capítulo o leitor pode verificar quais aos resultados obtidos, bem como a sua análise. É feita a comparação entre os resultados da revisão de literatura com os resultados das entrevistas. Com a discussão de resultados o leitor pode reconstituir o caminho como foi conduzida a investigação, tendo como guia a resposta às QD e comparação com as respetivas H para cada questão.

Por último, são tiradas as conclusões sobre o produto final da investigação em forma de conhecimento obtido e referidas também as dificuldades e limitações que tiveram de ser ultrapassadas para a realização do trabalho. Aponta-se ainda recomendações para aplicação do conhecimento adquirido e para novas investigações que possam dar seguimento a este trabalho.

De referir que no final da parte textual do trabalho se encontra um conjunto de apêndices e anexos que completam a informação e o conteúdo desta parte, destacando-se nos apêndices um dicionário de termos ligados ao tema do trabalho.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Enquadramento

Como é referido na introdução do trabalho, as preocupações com a projeção de uma força e a sua sustentabilidade são cada vez maiores, nos dias que correm. A utilização de forças Aerotransportadas confere grande mobilidade estratégica com a possibilidade de rápida movimentação de uma força quer para um TO quer dentro deste, grande mobilidade tática com a capacidade de ultrapassar obstáculos, o que permite a intervenção em qualquer ponto de um TO, com execução de parte da manobra com recurso à utilização da 3ª dimensão do Campo de Batalha. A utilização de forças Paraquedistas, através do lançamento em paraquedas, permite colocar rapidamente forças em terreno controlado pelo adversário. Este tipo de forças conferem ao poder militar de qualquer estado, surpresa através da capacidade de emprego a longas distâncias, incerteza por parte do inimigo (In) por não saber o local e o efetivo de cada lançamento, rapidez pela sua velocidade de aproximação e flexibilidade pela capacidade de adaptação destas forças a qualquer tipo de missão, ou seja, são forças com elevada mobilidade estratégica que permitem fazer face a contingências, através da rápida resposta, tendo capacidade de ultrapassar obstáculos terrestres e massas de água e assim concentrar potencial de combate em locais críticos, através do transporte aéreo e lançamento em paraquedas, que de outra forma seria mais difícil e moroso. (EXÉRCITO, 2012)

Esta conceção de forças aerotransportadas vem de encontro ao que são as forças Paraquedistas do EP, que segundo o site do próprio exército são definidos como: “Os Paraquedistas são uma força de infantaria ligeira, vocacionada para as operações convencionais, com capacidade de projeção imediata e elevado estado de prontidão, caracterizando-se pela concentração de potencial de combate, rapidez na ação e flexibilidade, dotadas de capacidade de inserção no Teatro de Operações através de salto em paraquedas.” (Exército, 2016)

As missões das unidades Paraquedistas, como forças aerotransportadas, podem ser de carácter estratégico, operacional ou tático.

Quando nos referimos ao nível estratégico, estamos a referir-nos a demonstrações de força, ataques a alvos importantes em território adversário, conquista de cabeças de ponte²

² Ver significado em Apêndice A.

(CP) aérea, interdição de linhas de comunicação do In e à realização de golpes de mão de grande escala.

O nível operacional prende-se com a utilização das forças em todo o TO, para conquistar objetivos operacionais, sendo disso exemplos aeroportos, pontes ou terreno fundamental na área da retaguarda do In.

Ao mencionarmos o envolvimento vertical para a retaguarda ou flancos do dispositivo In estamos a fazer referência ao nível tático.

Seja qual for o nível, estratégico, operacional ou tático, após a operação as unidades Paraquedistas têm de retirar, efetuar ligação com unidades amigas ou manter a posse do terreno até à operação de junção.

Independentemente do nível das operações a executar considera-se como sendo exemplos de missões típicas que as unidades Paraquedistas podem executar as seguintes: conquistar Bases Avançadas³ (BAv), executar golpes de mão, reforçar em áreas avançadas ou flancos, negar a utilização do terreno e Eixos de Aproximação (EAprox) ao In, retardar, desarticular e desgastar as forças In, podendo também executar operações de economia de forças e de baixa intensidade, como a Contrainsurreição, Operações de Apoio à Paz (OAP), Combate ao Terrorismo e Evacuação de Não Combatentes (NEO).

O lançamento em paraquedas confere fundamentalmente possibilidade de influenciar a ação de forma determinante com a capacidade de atingir objetivos rapidamente ou alcançar terreno onde não se consegue a inserção de tropas por outro meio (EXÉRCITO, 2012).

Tendo em conta o tema do presente trabalho é importante ter a noção do que é uma Operação Aerotransportada. Este tipo de operações é descrito na Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 3-05-00 Operações Aerotransportadas como, “Movimento de forças de combate e do seu apoio logístico para uma área objetivo ou para um objetivo por intermédio de: Lançamento, Heli-assalto ou Aterragem.” (EXÉRCITO, 2012, p.1-3), sendo, de acordo com a mesma PDE, lançamento definido como: “As tropas, o seu equipamento e apoio logístico (pelo menos inicial), são deslocadas em aeronaves para a área do objetivo, sobre a qual são lançadas em paraquedas, para cumprimento duma missão operacional.” (EXÉRCITO, 2012, p.1-3)

³ Ver significado em Apêndice A.

As Operações Aerotransportadas dividem-se em três tipos segundo a doutrina portuguesa:

1. Operações de conquista e posse – Neste tipo de operação a força é lançada para conquistar um objetivo em profundidade no campo de batalha sendo reforçada ou rendida por uma força terrestre após a conquista.
2. Operações de interdição de área – Neste tipo de operações o objetivo é negar, dificultar ou impedir ao adversário a utilização de uma determinada área. É usada este tipo de operação quando o terreno dificulta a mobilidade para ou dentro dessa área.
3. Golpes-de-mão aerotransportados – Neste tipo de operações o objetivo é destruir instalações ou posições, capturar pessoal In, perturbar, interromper ou desorganizar operações In. São operações limitadas na sua dimensão devido às dificuldades de controlo e apoio logístico. Um Golpe-de-mão aerotransportado pode ser uma operação de cariz tático ou estratégico.

(EXÉRCITO, 2012)

As Operações Aerotransportadas caracterizam-se por serem operações conjuntas muito complexas, tanto a nível de planeamento como da execução. São operações onde o controlo tem de ser forte e flexível.

O recurso a este tipo de Operações tem muitas vantagens, no entanto, é necessário fazer referência às limitações inerentes ao tipo de forças que as executam pois estas são importantes para o planeamento das próprias Operações.

As Operações Aerotransportadas estão, como é lógico, dependentes das aeronaves disponíveis, tanto para o transporte como para o apoio de fogos e logístico. Além da quantidade, a tipologia da aeronave também vai ter influência na finalidade e duração da operação. É essencial que se detenha superioridade aérea, pois de outra forma as aeronaves ficam mais vulneráveis no seu movimento e os Paraquedistas durante o tempo em que se encontram no ar, após o lançamento, até aterrarem nas zonas de lançamento⁴ (ZL). Assim, devem as defesas aéreas inimigas ser suprimidas ou neutralizadas durante esse período.

Depois do lançamento qualquer corte no reabastecimento da força pode por em causa toda a operação, pois estas forças têm capacidade limitada em apoio de fogos de artilharia de campanha e de defesa aérea, aquisição de objetivos e de sustentação até que meios adicionais sejam postos à sua disposição

⁴ Ver significado em Apêndice A.

Outra preocupação é a mobilidade tática limitada, por isso as viaturas e helicópteros disponíveis vão ter influência na sua movimentação dentro do TO. É ainda necessário a atribuição de meios que permitam superar o problema logístico da evacuação de baixas da Cabeça de Ponte (CP) aérea. (EXÉRCITO, 2012b)

O planeamento de uma Operação Aerotransportada compreende quatro fases: Concentração e Aprontamento, Movimento Aéreo, Desembarque Aéreo e a fase de execução do Plano Tático Terrestre. A fase da Concentração e Aprontamento começa quando se recebe a ordem preparatória. Durante esta fase é desenvolvido e ensaiado (se possível) o Plano Tático Terrestre, a força é concentrada e preparada, são reunidos os equipamentos e abastecimentos necessários, é feito o deslocamento para a Base de Partida⁵ e é feito o embarque da força bem como o carregamento dos materiais, terminando quando inicia o movimento aéreo. A fase do deslocamento aéreo é a fase desde a descolagem da aeronave até ao lançamento em paraquedas das tropas Paraquedistas. Por sua vez a fase do desembarque aéreo engloba desde que o lançamento em paraquedas até à reorganização⁶ da força. O sucesso ou fracasso da missão pode depender de quão rápido a força consegue recuperar a integridade tática. O primeiro objetivo de qualquer Operação Aerotransportada com lançamento deve ser a organização da força no solo o mais rapidamente possível pois quanto mais cedo os militares se reúnem, mais cedo começam a lutar como Unidades coesas. O quão eficientemente e rapidamente isso acontece é um resultado direto do planeamento detalhado, carregamento nas aeronaves e reunião na ZL.⁷ (Headquarters, 1990)

Por fim a fase de execução do Plano Tático Terrestre onde as forças, que já se encontram no solo organizadas, procedem ao cumprimento da missão. Esta fase termina quando a missão é completada e a força é substituída ou exfiltrada. (EXÉRCITO, 2012b)

Para cada fase da Operação Aerotransportada surgem quatro produtos correspondentes de planeamento. Estes produtos são desenvolvidos de forma inversa em relação à ordem das fases.

Surge em primeiro lugar o Plano Tático Terrestre, plano de como se vai desenvolver a manobra e como a missão vai ser cumprida, neste o comandante da força expressa a sua intenção e os objetivos a atingir. O Plano Tático Terrestre estabelece qual a missão da Força Conjunta e o respetivo conceito da Operação Aerotransportada. Deste plano decorre tudo o

⁵ Ver significado em Apêndice A.

⁶ Ver significado em Apêndice A.

⁷ Tradução livre do autor.

que é necessário para o planeamento subsequente. Aqui serão tomadas em consideração as necessidades e prioridades de atribuição dos meios aéreos e de apoio às forças a embarcar. Com base neste Plano, as Unidades a projetar elaboram os seus planos de operações. O comandante tem de ter especial atenção com o planeamento da reorganização do escalão de assalto⁸, ou seja, a força lançada primeiramente que vai criar condições para a missão do escalão de seguimento⁹, bem como à execução descentralizada na área do objetivo.

Seguidamente surge o Plano de Desembarque onde estão planeadas as ZL, localização e respetiva descrição, bem como a sequência de desembarque nas mesmas e estabelecimento dos procedimentos de reorganização.

O Plano de Movimento Aéreo vem em terceiro lugar e embora a componente aérea seja a principal interveniente na execução do Plano de Movimento Aéreo, o seu planeamento é uma responsabilidade conjunta. A Componente Terrestre contribui com o seu Plano de Desembarque e a disposição da força no ou nos Aeródromos de Partida. O Plano de Movimento Aéreo irá assim conter a informação necessária para permitir o carregamento oportuno e a correta sequência do desembarque das Unidades e dos horários a cumprir para a execução do Plano Tático Terrestre.

Por fim surge o Plano de Concentração e Aprontamento que é o plano que deriva com a junção de todos os outros anteriores, para ser tratado todo o treino operacional para a missão bem como todo o processo administrativo-logístico.

Neste Plano são definidos os pormenores de deslocamento da Força que irá ser projetada até à Base de Partida¹⁰. Poderá ser necessário preparar uma área de acantonamento e de serviços para albergar as diferentes Unidades e, em função do tempo previsto para a sua estadia, outras áreas para treino, briefings, estacionamento de viaturas ou outras circunstâncias. É desta zona de concentração que a Força se desloca para a Zona de Embarque, a fim de se preparar para a operação. (EXÉRCITO, 2012b)

1.2 Forças Paraquedistas de Portugal

Atualmente o EP está organizado em três brigadas, é na orgânica da Brigada de Reação Rápida (BrigRR) que podemos encontrar as Unidades de Paraquedistas em Portugal.

⁸ Ver significado em Apêndice A.

⁹ Ver significado em Apêndice A.

¹⁰ Ver significado em Apêndice A.

Os Batalhões operacionais de Paraquedistas em Portugal estão dispersos no país e fazem parte do encargo operacional de três Regimentos.

A Unidade com a missão de formar os Paraquedistas portugueses é o Regimento de Paraquedistas em Tancos. Como está contemplado no seu Quadro Orgânico (QO): “O RPara forma militares na área do paraquedismo militar e apronta o Batalhão Operacional Aeroterrestre.” (EXÉRCITO, 2016b, p.1). O RPara, além do BOAT, tem na sua constituição o Batalhão de Formação (BF), sendo deste a responsabilidade de ministrar todos os cursos de formação das tropas Paraquedistas.

O BOAT “é uma unidade de apoio técnico e logístico aerotransportado, constituída, organizada e equipada para apoiar as Operações Aerotransportadas, sendo-lhe atribuída, essencialmente, a responsabilidade de preparação técnica e apoio no âmbito aeroterrestre das unidades aerotransportadas, executantes das operações.” (EXÉRCITO, 2012, p.11-1). Esta unidade tem a seguinte missão, exarada no seu QO: “O Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT) prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza.”.(EXÉRCITO, 2016a, p.1)

É da responsabilidade deste Batalhão organizar e executar o lançamento de Unidades de Paraquedistas e de cargas aéreas, bem como apoiar o RPara na formação aeroterrestre dos militares Paraquedistas. O apoio na formação assenta na cedência de especialistas ao BF para ministrar formação aeroterrestre avançada, decorrente da especificidade das suas subunidades, a Companhia de Precursores¹¹ (Precs) que apoia lançamento em paraquedas e das Operações Aerotransportadas, a Companhia de Equipamento Aéreo na dobragem e manutenção dos paraquedas, a Companhia de Abastecimento Aéreo¹² no lançamento de cargas para missões de reabastecimento aéreo, nomeadamente de forças que se encontrem isoladas no campo de batalha e o Pelotão Cinotécnico com as valências decorrentes da utilização dos cães de guerra.

Tem como possibilidades, entre outras, integrar a FRI, para apoiar a projeção e lançamento de Operações Aerotransportadas, com um Destacamento de Apoio Aeroterrestre¹³ (DAAT) e de um Destacamento de Precursores e operar Bases de Partida (BP) e Bases Avançadas (BAv) para o lançamento das Operações Aerotransportadas e/ou

¹¹ Ver significado em Apêndice A.

¹² Ver significado em Apêndice A.

¹³ Ver significado em Apêndice A.

Aeromóveis, sendo que o número de BP e BAv a operar ao mesmo tempo dependente da ativação de um DAAT para cada uma, estando assim limitado.

Outras possibilidades e limitações deste Batalhão podem ser consultadas no anexo A deste trabalho. (EXÉRCITO, 2016a).

Os dois Batalhões de Infantaria Paraquedista, 1BIPara e 2BIPara, estão sediados no Regimento de Infantaria número 15 (RI15) em Tomar e no Regimento de Infantaria número 10 (RI10) em São Jacinto, respetivamente.

A missão dos BIPara é prepararem-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza. São diversas as possibilidades, podendo ser consultadas no anexo B do trabalho, destes batalhões, das quais se destacam:

1. Conduzir operações de assalto aéreo através de salto tático em paraquedas (desembarque aéreo) ou aterragem de assalto, em todo o tipo de conflito, qualquer tipo de terreno e condições meteorológicas, explorando a mobilidade estratégica e velocidade de reação;
2. Realizar Operações Aerotransportadas para entrada inicial de forças, em ambiente hostil, com recurso ao lançamento em paraquedas ou a aterragem de assalto, para conquistar terreno vital;
3. Executar Operações Aerotransportadas, em combate de alta intensidade, com limitações significativas no poder de fogo e proteção;
4. Atuar por um período de três dias sem ser reabastecido.

(EXÉRCITO, 2016c, p.4)

Os BIPara têm também algumas vulnerabilidades, nomeadamente no que concerne ao apoio que necessitam para a condução de operações devido a serem uma força ligeira, tanto em apoio de fogos como em apoio de combate e de serviços. Segundo o QO destas forças, são limitações:

1. Reduzida proteção, apresentando grande vulnerabilidade aos fogos do inimigo.
2. Limitada capacidade para conduzir operações por longos períodos, normalmente com duração entre 3 a 5 dias, sem apoio de serviços adicional.
3. Dependência inicial de Apoio de Fogos Aéreos.
4. Necessidade de superioridade aérea local para a fase de deslocamento e desembarque aéreo.

5. Necessidade de condições meteorológicas favoráveis para a fase de deslocamento e desembarque aéreo.
 6. Não dispõe de meios aéreos orgânicos.
 7. Capacidade limitada de defesa aérea.
 8. Capacidade limitada de recompletamento de pessoal em curto espaço de tempo.
- (EXÉRCITO, 2016c, p.6)

As vulnerabilidades de proteção das unidades de Paraquedistas são de certa forma reduzidas pela introdução no seu material orgânico de armamento destinado a aumentar o poder de fogo, nomeadamente com a atribuição de armas anticarro (ACar) desde os mais baixos escalões. As limitações logísticas derivadas do lançamento em paraquedas podem ser colmatadas, como supramencionado, através do abastecimento aéreo, ou com a realização de operações de junção com forças de cariz mais musculado.

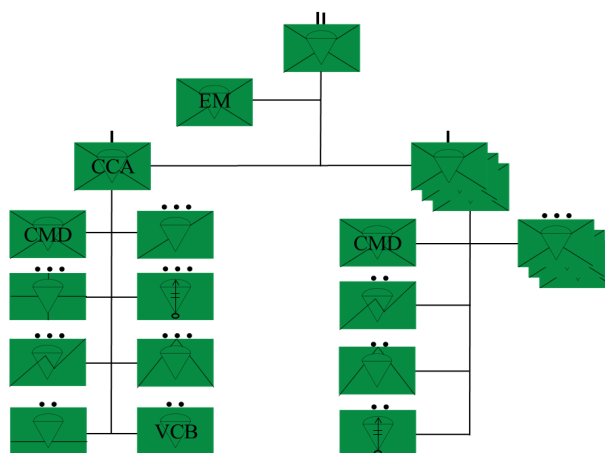


Figura nº. 1 – Orgânica de um BIPara

Fonte: Autor

1.3 Força de Reação Imediata (FRI)

A Diretiva Operacional N.º003/CEMGFA/12 define que a FRI é uma força constituída para o cumprimento de missões no Espaço Estratégico de Interesse Nacional, e que esta se caracteriza por ser uma Força Nacional Conjunta, composta pelos três ramos¹⁴ das Forças Armadas Portuguesas (FFAA) pelo seu elevado grau de prontidão e de disponibilidade, flexibilidade, capacidade de projeção e sustentação com diversas capacidades.

¹⁴ Exército, Força Aérea e Marinha.

Sendo uma força conjunta a FRI permite aprimorar a interoperabilidade, através do treino de doutrinas e procedimentos, mas o principal objetivo para que esta força foi criada é a evacuação de cidadãos nacionais em áreas de tensão ou crise. (CEMGFA, 2012)

A FRI é constituída pela Componente Terrestre, Componente Naval, Componente Aérea e Componente de Operações Especiais. Sendo a Componente Terrestre (CompTerrestre) correspondente ao ramo do Exército, o Comando das Forças Terrestres (CFT), que é o órgão do EP com responsabilidades de comando da componente operacional, define na diretiva nº 09/CFT/2015 – Aprontamento da CompTerrestre da Força de Reação Imediata, ser da responsabilidade da BrigRR a organização e o aprontamento da CompTerrestre que integra a Força. (CFT, 2015)

Segundo a diretiva nº 05/BrigRR/16 a constituição e responsabilidade da componente terrestre da FRI é: Comando, Estado-Maior e uma Unidade de Manobra (UEC) da responsabilidade do 1BIPara, Módulo Sanitário da Companhia de Comando e Serviços (CCS) da BrigRR, Destacamento de Transmissões da Companhia de Transmissões da BrigRR, Equipa de *Explosive Ordnance Disposal* do Regimento de Engenharia nº1, Modulo Sanitário e Equipa Tática CIMIC. De realçar que o 1BIPara tem ainda de aprontar uma UEC que esteja pronta a reforçar a competente terrestre da FRI caso a UEC de manobra seja projetada.

Através da mesma diretiva a BrigRR define que o 1BIPara tem de garantir que o treino operacional antevê o emprego da FRI nos seguintes tipos de operações:

1. “Proteção e evacuação de cidadãos nacionais em áreas de tensão ou crise no Espaço Estratégico de Interesse Nacional (EEIN);”
2. “Participação, em defesa dos interesses nacionais, em operações de apoio a missões de assistência humanitária no EEIN;”
3. “Exercer as funções atribuídas às Forças Armadas (FFAA) em caso de acidente grave, catástrofe e calamidade em Território Nacional (TN), em colaboração com as autoridades competentes.”

O ponto número um está relacionado com as Operações Aerotransportadas e com Operações de Evacuação de Não Combatentes¹⁵, é neste ponto que se pode prever a execução de uma através de um lançamento em paraquedas. Para a execução de qualquer missão o 1BIPara, tal como toda a CompTerrestre da FRI, deve estar preparado com um grau de

¹⁵ Operação com o objetivo de retirar não combatentes que residem ou se encontrem num país afetado por uma crise interna ou conflito armado para um lugar seguro.

prontidão 2 (5 dias *Notice To Move*). A evacuação de cidadãos nacionais enquadra-se nas NEO. Este tipo de operações poderão ser realizadas em ambiente permissivo, incerto ou hostil pelo que a CompTerrestre FRI deve estar pronta para intervir nestes três ambientes.

O Comandante da BrigRR por considerar este cenário uma possibilidade do eventual emprego da FRI estabelece na sua intenção que:

1. “Planear e prever o aprontamento de um Destacamento de Apoio Aeroterrestre (DAAT) para apoio a projeção das Forças que integram a FRI na execução de Operações Aerotransportadas e/ou Aeromóveis, garantindo, em caso de necessidade, a preparação e confeção de cargas para lançamento no reabastecimento e sustentação
2. Considero ainda fundamental a inclusão de Defesa Antiaérea (AA) para proteção da força. Nesta conformidade, pretendo planear e prever o aprontamento de uma Secção Míssil Portátil (S) com a capacidade de projeção através de salto em paraquedas e grau de prontidão igual, para apoio a projeção e proteção das Forças que integram a FRI.”
(BrigRR, 2016)

Na sua intenção o Comandante prevê as necessidades inerentes a uma Operação Aerotransportada com lançamento em paraquedas. Para o cumprimento do que é estabelecido no primeiro ponto, o RPara tem de conferir condições ao BOAT para que este tenha as condições de treino e capacidades de constituição dos DAAT para apoio à projeção da força e para a preparação e confeção de cargas em caso de necessidade. No segundo ponto o Comandante pretende dotar a CompTerrestre de capacidade AA pois o 1BIPara, sendo uma unidade de Infantaria Ligeira não tem, aumentando assim a capacidade de proteção da força.

Uma força destas deve possuir capacidades e valências que permitam a realização das missões para as quais está concebida, como tal, a escolha de uma força Paraquedista confere capacidades que outras forças não têm, das quais se destacam: a projeção aérea para a condução de operações de evacuação de cidadãos nacionais fora do território nacional e o estabelecimento de uma CP permitindo um acesso seguro para a entrada de forças.

A constituição de uma força com estas capacidades é feita devido à diáspora portuguesa no estrangeiro que segundo um estudo levado a cabo pelas Nações Unidas apresentado no *Emigration Factbook 2015*, estima-se que são cerca de 2,3 milhões de portugueses emigrados em todo o mundo (Albuquerque & Bastos, 2016) sendo que a proteção de cidadãos portugueses no estrangeiro é contemplada num artigo da Constituição da Republica Portuguesa, nomeadamente artigo 14º, como tal torna-se responsabilidade do

Estado (República, 2015). Outra das razões para Portugal ter sempre uma força como a FRI é o facto do território nacional estar dividido, continente e arquipélagos, tendo o país de precaver possíveis crises nessas ilhas. Tanto num caso como noutro, no estrangeiro ou nos arquipélagos, pode-se dar o caso de a única maneira de colocar forças no local de crise ser através de lançamento em paraquedas.

1.4 Histórico de operações com lançamentos em massa

1.4.1 Operação Neptuno - 1944

No decorrer da Segunda Guerra Mundial surge em 1944 a maior Operação Aerotransportada com lançamento em paraquedas alguma vez realizada, intitulada de Operação Neptuno, inserida na invasão à Normandia¹⁶. Esta invasão estava dividida em duas partes, o desembarque nas praias (Utah, Omaha, Gold, Juno e Sword)¹⁷ da Normandia, como pode ser observado na figura 2, onde estava planeado o desembarque de cinco Divisões de Infantaria, e uma outra parte, a Operação Neptuno, com o lançamento em paraquedas de três divisões aerotransportadas, a *82nd Airborne Division* (82nd AD) e a *101st Airborne Division* (101st AD) americanas e a *6th Airborne Division* (6th AD), inglesa, para assegurar as CP materializadas pelas praias. (Pereira & Batista, 2014)

¹⁶ Aprovada na conferência do Teerão no ano de 1943.

¹⁷ Nome de código atribuído às praias na Normandia.

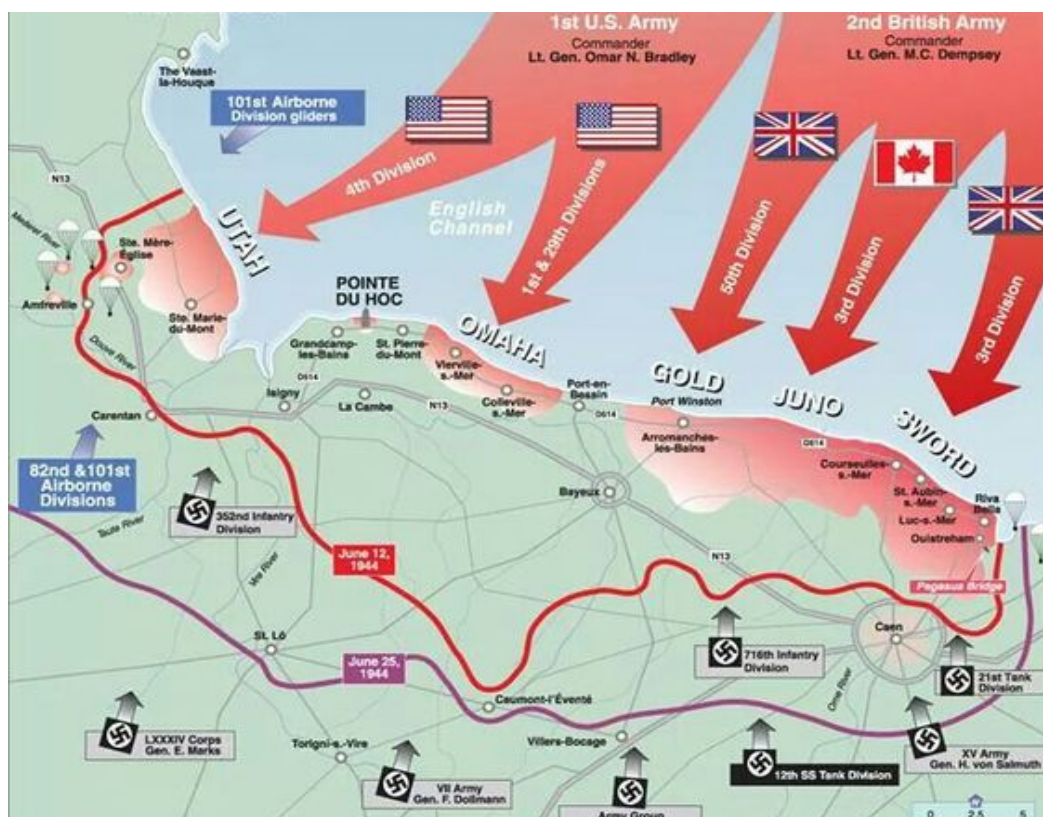


Figura nº. 2 – Esquema do Desembarque nas praias da Normandia

Fonte: (WW2Live, 2016)

O emprego de forças Paraquedistas surgiu numa altura em que estas eram vistas como forças inadequadas para o TO Europeu, devido a serem forças ligeiras. Como é referido no subcapítulo anterior, este tipo de forças está mais vulnerável contra forças blindadas, sendo que, eram este tipo de forças que se previa que se iriam opor a estas forças neste TO. Devido a este facto os combates de encontro causavam sérios danos neste tipo de unidades, pondo em causa a sua existência ou até mesmo do conceito com que estas tinham sido criadas, pois as perdas eram maiores do que os ganhos. Neste contexto esta Operação tinha um enorme significado para as forças Paraquedistas da altura. (Pereira & Batista, 2014)

Antes do lançamento em massa, foram lançados 18 grupos de Precursores Americanos com homens da 82nd AD e da 101st AD, equipados com mecanismos de iluminação e um sistema de sinalização por radar (que só foi utilizado numa das ZL por eles operadas), divididos por 6 ZL para as balizar¹⁸. (Pereira & Batista, 2014)

Quase em simultâneo os aviões que iriam lançar os Paraquedistas, levantaram voo de Inglaterra rumo à Normandia. A chegada à costa deu-se debaixo de um nevoeiro cerrado, isso e a exposição aos fogos das baterias antiaéreas e das metralhadoras alemãs, quando

¹⁸ Ver significado em Apêndice A.

saíram do nevoeiro, dificultou a navegação e a manutenção das formações de voo, causando ainda feridos devido às manobras de evasão, ainda antes do lançamento. Quando foi dada a ordem de lançamento várias foram as causas que levaram a que a força perdesse potencial de combate, o lançamento foi feito sob fogo, levando a que muitos perdessem o material e até a vida, algumas das aeronaves tiveram de lançar os seus militares a baixa altitude o que não permitiu aos paraquedas desenvolverem, levando assim a mais baixas. Quando aterraram houve também homens que perderam a vida por aterrarem em posições alemãs ou asfixiados pelos próprios paraquedas por aterrarem em zonas inundadas. (Pereira & Batista, 2014)

Devido a todos os fatores anteriormente apontados, a reorganização no solo não foi feita de modo como estava planeada, pois só cerca de 10% aterrou na respetiva ZL, ficando o restante espalhado por uma área de 10 quilómetros de diâmetro. Pequenos grupos foram-se reunindo à medida que se iam encontrando, muitas vezes formados por militares de unidades diferentes, mas como todos sabiam a missão seguiram para cumprirem as suas tarefas (Pereira & Batista, 2014)

As três Divisões foram lançadas com o objetivo de empenhar a defesa alemã montada ao longo da costa pela retaguarda, de forma a obrigá-la a combater em duas frentes em simultâneo. A 6th AD¹⁹ foi lançada no sector Este, para conquistar e segurar o flanco esquerdo com a missão subsequente de capturar as pontes do Rio Orne e o Canal Benouville, destruir a artilharia de costa em Merville e as pontes do Rio Dives, a fim de impedir a concentração de potencial sobre as CP Aliadas. (Pereira & Batista, 2014)

Por sua vez as duas Divisões americanas iriam apoiar o desembarque em Utah, com a 101st AD a ser lançada na retaguarda das forças defensivas de Utah, enquanto as 82nd AD foi lançada um pouco mais para Oeste na área do rio Merderet de modo a controlarem uma área entre as praias e os rios Douve e Merderet. (Pereira & Batista, 2014) Como pode ser observado na figura nº3.

¹⁹ Designada de 6ª para causar a ideia da existência de mais cinco Divisões.

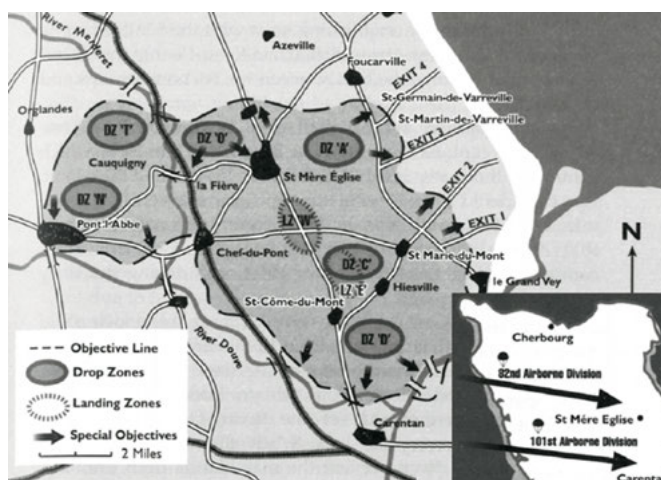


Figura nº. 3 – Zonas de Lançamento das Divisões Americanas

Fonte: Revista “Boina Verde” nº239

As primeiras ações de sucesso foram levadas a cabo por militares da 82nd, começando com a libertação de *Saint-Mère-Eglise*, de seguida *Saint-Marie-du-Mont* e a conquista das passagens sobre as áreas inundadas na retaguarda de Utah. Seguiu-se a proteção a algumas zonas de aterragem para planadores que transportavam equipamento pesado e reforços de pessoal. Contudo a ação dos planadores não teve grande sucesso pois muitos tiveram problemas na aterragem. (Pereira & Batista, 2014)

No dia D²⁰ os efetivos eram aproximadamente de 1500 para cada Divisão Americana. Foi com este número de homens que cumpriram a sua missão de garantir as CP para que o desembarque fosse possível. A 82nd AD conquistou e segurou o flanco a Oeste enquanto a 101st AD suprimiu as baterias alemãs e conquistou as passagens da praia de Utah até ao interior. Já a Divisão inglesa só conseguiu reagrupar 40% do seu efetivo, contudo conseguiram cumprir a sua tarefa de destruir as pontes do rio Dive e conseguiram controlar o flanco Este. (Pereira & Batista, 2014)

O espírito de missão das tropas Paraquedistas, capacidade de adaptação, improvisação, de combate e o elevado nível de treino aliado à sorte de os lançamentos não terem corrido como planeado por terem sido dispersos, confundiram a reação alemã, que não foram capazes de perceber a os números elevados da invasão aliada, sendo lentos a reagir e por vezes sem ímpeto devido à incerteza da situação, levou ao sucesso da Operação Neptuno, abrindo caminho para as tropas que desembarcaram na Normandia. (Pereira & Batista, 2014)

Em suma, durante a invasão, relativamente ao lançamento das forças, estima-se que as perdas tanto em pessoal como em material tenham sido na ordem dos 60%, o que levou a

²⁰ Dia que as tropas aliadas desembarcaram na Normandia para iniciar a conquista até Berlim.

que estas forças combatessem maioritariamente com armamento ligeiro e armas individuais. A escolha do período da noite para o lançamento, no dia que não tinha as melhores condições meteorológicas, tornaram a reorganização difícil e muito lenta que por sua vez dificultou o comando e controlo. (Pereira & Batista, 2014)

1.4.2 Operação Zeta - 1969

Conhecida no seio dos Paraquedistas como a maior operação, que envolveu lançamento em paraquedas, conduzida pelas tropas Paraquedistas na guerra colonial.

Esta operação ocorreu entre 6 a 11 de Junho de 1969, com o lançamento de três companhias no norte de Moçambique, duas companhias do Batalhão de Caçadores Paraquedistas 32 (BCP) e uma do BCP31. Como se pode ver na figura nº4 o lançamento foi feito para a zona de Malambuage, para o planalto dos Macondes, a sul do rio Rovuma. (Costa, 2015)



Figura nº. 4 – Localização da Operação ZETA

Fonte: (Afonso & Gomes, 2000)

Como escreve o Major General Lousada nos livros onde retracts a História dos Paraquedistas portugueses, mais concretamente nos volumes que explanam a história do BCP32 e do BCP31, a realização de um lançamento em paraquedas foi uma decisão que decorreu da obtenção de informações, de que o In detinha grande quantidade de material, na Base Limpopo, destinado a ser distribuído pela insurgência e ainda pelo facto de que estes se encontravam numa postura defensiva na qual forças já tinham tentado penetrar por terra

sem sucesso, porque os aquartelamentos portugueses eram muito distantes e para percorrer essa distancia tinham de atravessar zonas controladas pelo In o que levava a deteção das forças portuguesas, perdendo a surpresa e permitindo à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) ²¹ reagir. Conseguindo Portugal através deste tipo de envolvimento (envolvimento vertical) surpreender as defesas do In, pois conseguiu colocar força rapidamente, numa zona onde através de outros meios não seria possível. (Lousada, 2012)

A Operação iniciou-se com o deslocamento para Mueda, de um pelotão de Precursores que efetuou a balizagem da área. Após a balizagem estar feita, o Batalhão que iria ser lançado, saiu de Nacala embarcado nos aviões Nord-Atlas e C-47. A Operação foi composta pelo lançamento em paraquedas de forças com o objetivo de capturar o material e destruir o pessoal, pelo cerco por forças do EP à zona do objetivo e pelo bombardeamento por parte da Força Aérea Portuguesa (FAP), garantindo esta também o transporte das forças Paraquedistas e o apoio aéreo próximo. (Lousada, 2012)

A força era maioritariamente constituída pelo BCP32, ficando à responsabilidade deste todas as atividades aeroterrestres inerentes a este tipo de operação, desde balizagem (tarefa executada pelos Precursores) aos largadores²², à recolha dos paraquedas e ainda as colunas auto para a recuperação do pessoal e recolha de material apreendido. (Lousada, 2012)

Esta operação foi um sucesso, com o objetivo de capturar material a ser cumprido de forma inequívoca e a surpresa plenamente obtida através da rápida inserção do BCP no terreno.

1.4.3 Operação Serval - 2013

A Operação Serval enquadra-se na intervenção militar francesa no Mali em 2013. A necessidade da França intervir militarmente neste país teve origem em 2012 com os ataques a bases militares no norte do Mali levados a cabo pelo Movimento Nacional para a libertação de Azawad²³ (MNLA), que conquistaram cidades sem oposição do governo do Mali, levando à reivindicação da independência dessa região do norte desse país. A situação agravou-se com o início de uma ofensiva dos grupos terroristas *Movement for Oneness and*

²¹ “A FRELIMO é um partido político oficialmente fundado em 25 de Junho de 1962, com o objetivo de lutar pela independência de Moçambique do domínio colonial português.” (DW, 2017)

²² Ver significado em Apêndice A.

²³ Designação para a junção de 3 das 8 regiões do Mali sendo elas, Timbuktu, Gao, Kidal e ainda parte de uma 4ª a região de Mopti inclui também parte do Norte do Níger e do Sul da Argélia.

Jihad in West Africa (MUJWA) e *Al-Qaeda in the Islamic Maghreb* (AQIM) vindos do norte em direção ao centro do país, levando esta situação a que o Governo do Mali fizesse um pedido para a França intervir.

A Operação Serval teve início a 11 de Janeiro de 2013, com o objetivo de parar o movimento das forças rebeldes em direção ao Sul, garantir a proteção dos civis e cidadãos estrangeiros e recuperar a integridade territorial e a soberania do país.

Além da França, outros países contribuíram para esta operação, quatro países vizinhos do Mali, o Chade e o Burkina-Faso no apoio da reconquista de algumas regiões e o Níger e a Argélia que impediram que os grupos terroristas fossem reforçados e tivessem acesso a recursos através das suas fronteiras. A Argélia teve ainda grande importância por ter aberto o seu espaço aéreo para permitir a realização de operações, tanto de combate como de apoio.

Como não poderia deixar de ser os Estados Unidos tiveram uma grande contribuição para esta Operação, não através de forças no terreno, mas com o fornecimento de informações, comunicações, vigilância e apoio logístico. A contribuição mais importante foram os meios aéreos que permitiram ultrapassar as dificuldades de transporte estratégico²⁴ que a França tinha. O Canadá, a Bélgica, a Dinamarca, a Grã-Bretanha e a Holanda também contribuíram com meios de transporte aéreo tático²⁵ e estratégico e com apoio logístico. (Ribeiro, Costa, & Fernandes, 2014)

A 28 de Janeiro ocorreu o lançamento em massa mais recente da história das Operações Aerotransportadas. Duzentos e cinquenta Paraquedistas do 2º Regimento de Paraquedistas da Legião Estrangeira foram lançados no Mali para recapturarem Timbuktu e o seu aeroporto. Os meios aéreos usados neste lançamento envolveram dois C-130 e três C-160 Transall. No final da Operação Aerotransportada foi efetuada uma operação de junção com uma força de 600 homens provenientes de Niono a cerca de 600 quilómetros a sul da Timbuktu. Toda a operação foi apoiada por aviões e helicópteros de combate, garantido o apoio aéreo próximo. (Recognition, 2013b)

A Operação Aerotransportada teve seguimento na noite do dia 29 de janeiro com o outro lançamento em massa de militares e de equipamento de uma Companhia do 17º

²⁴ Ver significado em Apêndice A.

²⁵ Ver significado em Apêndice A.

Regimento de Engenharia Paraquedista para reconstruir o aeroporto conquistado no dia anterior. (Recognition, 2013a)

É de salientar ainda que ocorreram mais Operações Aerotransportadas no Mali, apesar de não terem sido executadas com lançamentos em massa. Foram lançadas forças de operações especiais para controlar o aeroporto de Tessalit (Recognition, 2013d) e foram ainda lançados militares de engenharia e um gerador também para o aeroporto de Tessalit. (Recognition, 2013c)

1.5 Simpósio do *Challenge Inter Écoles de Parachutisme* (CIEP)

No ano de 2016 decorreu em Portugal o *Challenge Inter Écoles de Parachutisme* (CIEP), que é um encontro anual entre as principais escolas de para-quedismo militares europeias para troca de experiências e conhecimentos no âmbito do para-quedismo militar. Integra três componentes: o encontro entre os comandantes, um simpósio e uma competição.

O simpósio realizado teve dois painéis de discussão, um primeiro com o título *Insertion and sustaintment of Special Forces Teams into the depth of enemy territory, covertly and by air means*. E um segundo painel com o título *Feasibility, scenarios and main objectives of Mass Drops in the current operational environment* que vem de encontro ao tema deste TIA.

Neste segundo painel foram feitas duas apresentações, uma apresentação de Portugal sobre os lançamentos em massa no ambiente operacional da atualidade - viabilidade, cenários e objetivos, e uma apresentação do Brasil sobre lançamentos para massas de água e sobre o desempenho e desenvolvimento do novo soldado.

1.5.1 Portugal no CIEP

Portugal refere na sua apresentação a grande utilização dos lançamentos em massa no decorrer da Segunda Guerra Mundial e como os resultados foram muito conclusivos. Tal como foi descrito no subcapítulo anterior a Operação Neptuno é um desses exemplos, nos quais também poderiam ter sido descritos outras operações como a Operação Weserübung²⁶,

²⁶ Invasão alemã à Dinamarca e Noruega em 1940 – com o lançamento de três companhias de Paraquedistas para conquistarem os aeródromos.(Chant, 2016)

Operação Market-Garden²⁷, Operação Merkur²⁸ ou a Operação Husky²⁹. Contudo com a evolução e o equilíbrio dos Elementos Essenciais de Combate, o poder de choque, proteção e poder de fogo a exposição de forças de infantaria ligeira como são as tropas Paraquedistas, fez com que a utilização deste tipo de forças, através de operações com lançamentos em paraquedas, fosse posta em causa. Esta dúvida foi agravada pela falta de apoio de fogo e pelo afastamento físico do escalão superior. (RPara, 2016)

Após este interregno voltou-se a assistir ao emprego de lançamentos em massa por parte dos Estados Unidos da América primeiro em Granada em 1983 e de posteriormente em 2003 na invasão do Iraque, e mais recentemente por parte das forças francesas na Operação Serval no Mali em 2013. Contudo este uso só foi feito porque os executantes detinham supremacia aérea. Para Portugal é esta operação mais recente, que sendo um sucesso, volta a pôr em cima da mesa os lançamentos em massa no contexto operacional atual. Esta operação permitiu deduzir e compreender como é que os lançamentos em massa se podem adaptar ao moderno campo de batalha. Permitiu retirar conclusões, como por exemplo, sobre a capacidade que os paraquedas devem ter pois com o aumento da dotação individual de cada militar as forças francesas tiveram de saltar com o paraquedas principal e com o de reserva abertos, devido aos seus paraquedas estarem limitados a 130kg. A evolução da ciência da meteorologia permitiu uma previsão precisa das condições meteorológicas o que foi preponderante para a sustentação da força que teve de ser feita por abastecimento aéreo devido às colunas logísticas terrestres não estarem seguras naquele TO. (RPara, 2016)

Na sua apresentação Portugal refere seis principais pontos que devem ser analisados para a condução de uma operação deste cariz.

Um dos fatores a ser analisado, que pode limitar a operação, é o tempo de sobrevivência/autonomia, que está relacionado com o que a força consegue transportar consigo no salto em paraquedas. Inicialmente uma força quando é lançada tem de conseguir levar consigo o material necessário para o cumprimento da missão, até que consiga ser reabastecida, substituída ou até ser executada uma operação de junção. (RPara, 2016)

²⁷ Em 1944 na batalhas das Ardenas, os Aliados lançaram a Operação Market Garden, Market era a Operação Aerotransportada com o objetivo de capturar uma série de pontes sobre os principais rios dos Países Baixos, para tal foi efetuado um lançamento em massa de tropas Paraquedistas, esta operação contribuía para a Operação Garden que tinha por o atravessar do rio Reno pelas unidades blindadas.

²⁸ Lançamento de Paraquedistas alemães para a ilha de Creta em 1941 (Megan & Ian, 2015)

²⁹ A Invasão da Sicília em 1943 à semelhança da operação Neptuno consistiu num lançamento de Paraquedistas aliados para garantirem o sucesso de um desembarque anfíbio. (History, 2009)

Outro ponto é o local de emprego, as Operações Aerotransportadas devem ser realizadas para alvos de oportunidade, tendo este alvos elevado valor tático e, como tal, é necessário que a operação seja conduzida em locais com infraestruturas, como aeródromos, que permitam o reforço ou a rendição da unidade através de forças de seguimento ou realização de uma operação de junção com uma força com grande mobilidade, poder de fogo e choque, ou seja, forças blindadas preferencialmente, pois sendo alvos de elevado valor tático o In vai-se empenhar decisivamente para os recuperar. (RPara, 2016)

O potencial de combate tem grande importância, devido à distância a que os Paraquedistas são empregues do escalão superior, numa operação com lançamento em paraquedas. Em termos de meios de apoio de fogos, a unidade deverá ter capacidade para garantir o seu próprio apoio de fogo à sua manobra mas ao mesmo tempo estes meios não devem prejudicar a natureza ligeira das tropas Paraquedistas, como tal Portugal defende que deve ser feita a opção por morteiros estriados de grande alcance em detrimento de artilharia convencional. Ainda na sequência do potencial de combate, estas forças devem ainda ser dotadas de armas ACar que aliadas aos morteiros permitam fazer face a forças mais pesadas. (RPara, 2016)

Tal como deve haver preocupação com a atribuição de meios que confirmem potencial de combate, deve concomitantemente haver uma preocupação/ponderação com os meios de apoio a uma operação aerotransportada que confirmem capacidade de sobrevivência às Unidades de Paraquedistas. Os paraquedas devem ter capacidade de carga, de orientação face ao vento, poderem ser lançados a baixas altitudes, para não estarem tanto tempo expostos no ar, e para a dispersão ser menor na aterragem no solo. Os meios de reabastecimentos aéreo deverão possuir grande capacidade de precisão como é exemplo o *Joint Precision Airdrop System* (JPADS)³⁰, para que haja uma menor exposição das aeronaves ao perigo, podendo as cargas ser lançadas a cerca de 30mil pés, permitindo aos aviões simularem que são aeronaves comerciais. Estes sistemas, associados a paraquedas com grande capacidade de suporte de peso, como os paraquedas G11, permitem até o lançamento de material e equipamento pesado. (RPara, 2016)

Os últimos dois pontos estão intimamente ligados não só entre si mas com os pontos elencados anteriormente, são eles a interoperabilidade e o treino da força. Hoje em dia maior parte dos países não têm capacidade, tanto a nível de meios como de potencial de combate,

³⁰ Sistema de reabastecimento aéreo que funciona por georreferenciação, podendo ser lançado para coordenadas previamente programadas.

para lançar isoladamente Operações Aerotransportadas com recurso a lançamentos em massa. O treino da força deve incluir novos meios/paraquedas com maior capacidade para que sejam desenvolvidas novas doutrinas e táticas, técnicas e procedimentos (TTP). Sendo assim, o treino e o aprontamento de uma força deve ter por excelência a interoperabilidade, as Unidades de Paraquedistas devem ser capazes de cumprir as suas missões trabalhando com forças de outros países que tenham a capacidades que completem as necessidades da Operação Aerotransportada, como por exemplo de transporte ou de reabastecimento. (RPara, 2016)

A interoperabilidade pode ser conseguida através de exercícios conjuntos/combinados, como é exemplo o exercício Real Thaw³¹ executado no mês de Março deste ano. Exercícios deste género permitem testar a interoperabilidade pois permitem que sejam retiradas lições, homogeneizar TTP e integrar forças aeroterrestres e aéreas para uma maior eficiência e eficácia. (RPara, 2016)

A introdução de novos meios com maior capacidade levarão ao desenvolvimento de nova doutrina e TTP, o que trará alterações na formação e treino de forças paraquedistas, implicando que as deverão ser cada vez mais treinadas, não só na robustez e excelência no combate, mas também no domínio de novas tecnologias, adotando uma postura versátil e flexível que permita o seu emprego, no menor tempo possível, para o maior número de cenários expectáveis, constituindo-se como uma mais-valia estratégica para o Comandante de uma Operação. (RPara, 2016)

1.5.2 Brasil no CIEP

Na segunda apresentação o Brasil começa por apresentar a organização da sua Brigada de Infantaria Paraquedista, que conta com cinco mil e oitocentos militares Paraquedistas distribuídos por quinze subunidades tanto de manobra como de apoio de combate e apoio de serviços. A Brigada brasileira tem como missão ficar em condições de ser empregada em toda área de interesse do país, no mais curto prazo, com prioridade para a Região Amazónica. (Brasil, 2016)

³¹ “O Real Thaw (RT) é um exercício anual da Força Aérea Portuguesa (FAP) que tem como finalidade avaliar e certificar a capacidade operacional, perspetivando uma possível projeção de forças num Teatro de Operações. No entanto, as operações não são executadas apenas por militares da FAP. Para a realização das missões, existe uma estrita coordenação com Exército e Marinha. Prova disso são as missões que envolvem Paraquedistas. Nesta edição do RT, serão realizadas várias missões que juntam Paraquedistas e Precursores Aeroterrestres (Precs) portugueses, norte-americanos e holandeses, no sentido de treinar procedimentos operacionais, atualizar conhecimentos e partilhar experiências das operações realizadas.”(EMFA, 2017)

A prioridade para a Região Amazônica deve-se a esta ser uma região rica em recursos naturais, com pouca população, que cobre dezasseis por cento do território do Brasil e por ser uma região muito problemática para as forças militares. Além disso, existem poucas rotas terrestres e está longe do centro económico do país, cerca de três mil e setecentos quilómetros³², tornando-a de acesso difícil e moroso para o exército. (Brasil, 2016)

A questão principal para o Brasil é como enviar elementos rapidamente para fortalecer áreas fronteiriças onde as únicas estradas são os rios. A solução encontrada para esse problema foi a realização de lançamentos em massa, de UEC, utilizando as massas de água como ZL e efetuando uma progressão tática apeada através da selva, conseguindo assim, através da valência do salto em paraquedas, ultrapassar a floresta densa da Amazônia que se constitui como um obstáculo. (Brasil, 2016)

Para o cumprimento desta missão o Brasil constituiu uma Força Tarefa, no mesmo conceito da nossa FRI, denominada de BIGUÁ, com a capacidade de estar a operar em 24 horas após ser acionada e com capacidades como: ser lançada por paraquedas para ZL aquáticas, realizar o lançamento de botes e cargas para essa ZL, conduzir operações em todos os ambientes operacionais, combater forças irregulares, realizar transposição de cursos de água e operações aeromóveis. Na formação desta Força Tarefa houve também uma preocupação com o equipamento, dotando esta Unidade de equipamentos que flutuem, desde a mochila de guerra até a uma bolsa de transporte para a arma individual. O treino desta UEC começou no Rio de Janeiro com saltos de dificuldade progressiva, até que a unidade aerotransportada ficasse operacional. (Brasil, 2016)

³² Equivale aproximadamente à distância entre Tancos e Moscovo

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

2.1 Tipo de Abordagem

O presente trabalho está elaborado através da utilização do método científico hipotético-dedutivo, sendo este definido como “um conjunto de procedimentos e normas que permitem produzir conhecimento. Este conhecimento pode ser completamente novo ou ser o desenvolvimento, a reunião ou o melhoramento de um ou vários conhecimentos já existentes.” (Sarmiento, 2013, p.7).

O Método hipotético-dedutivo segundo Sarmiento (2013, p.9) “baseia-se na formulação de hipóteses ou conjeturas, que melhor relacionam e explicam os fenómenos”, em suma consiste na elaboração de hipóteses para dar resposta às questões derivadas existentes, em que este método é, “logicamente válido pois fundamenta-se na reunião de observações, factos e ideias, que validam as hipóteses” (Sarmiento, 2013, p.9). Estas hipóteses são submetidas a uma análise para verificar a validade destas, apresentando assim uma resposta à respetiva questão derivada e conseqüentemente alterações às hipóteses que não se revelem válidas.

Além do método científico escolhido, num trabalho com este cariz também deve ser escolhida qual a estratégia de investigação a seguir. É então através desta estratégia de investigação que o autor vai conseguir fazer uma correta aquisição de informação de acordo com o tema. Esta abordagem pode ser de três tipos: quantitativa, qualitativa ou mista (IESM, 2014). Para este tema em específico, a abordagem que mais se adequa aos objetivos do trabalho é a qualitativa.

As abordagens qualitativas são sobretudo descritivas, sendo que o seu produto está em tudo relacionado com a visão do autor em relação aos fenómenos que este investiga, por norma o objetivo deste tipo de abordagem prende-se com a compreensão das perspetivas da realidade de pessoas, grupos e culturas, através da experiência que estes têm sobre o assunto. É uma abordagem onde a relação entre a realidade e a subjetividade é inseparável porque o significado ou a interpretação que o autor confere a algo, não dá para ser traduzido em números (Vilelas, 2009).

Segundo Manuela Sarmiento neste tipo de abordagem a informação pode ser obtida por: entrevistas, reuniões do grupo de foco, reuniões do painel, reuniões do barómetro e estudos projetivos (2013). Além de se obter informação através destes meios, a recolha de dados pode ser feita também por análise documental, sendo esta uma técnica que utiliza os documentos para encontrar princípios, objetivos e metas, que nestes se encontram registados (Sousa & Baptista, 2011).

Como é apresentado no capítulo seguinte, os métodos utilizados para a recolha de dados foram as entrevistas e a análise documental.

2.2 Questão Central e Questões Derivadas

Diversos autores defendem que o início de qualquer trabalho de investigação tem o seu ponto de partida na formulação de uma pergunta de partida ou questão central (QC), que irá servir como barreira delimitadora de aquilo a do que o autor do trabalho se propõe a responder ou a concluir no final do mesmo. Quivy e Campenhoudt escrevem no seu livro que uma boa forma de atuar é “(...) procurar enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor.”(2005, p.32).

Desta forma a QC, a que me proponho dar resposta no final do mesmo é a seguinte: “Tendo em conta o atual quadro internacional de conflitos, qual a aplicabilidade de empenhar forças aerotransportadas através de um lançamento em massa no Teatro de Operações, seja para fazer face a conflitos assimétricos seja para opor a uma força convencional e quais os fatores a ter em conta na constituição de uma força tipo para operações desta índole?”

Durante um trabalho de investigação, após a formulação da questão central, o autor do trabalho pode ter necessidade de criar questões derivadas (QD) que iram auxiliar na resposta à QC, estas QD podem ser criadas através da divisão da QC nas suas diferentes vertentes ou podem surgir da necessidade de informação adicional para responder a esta (IESM, 2014). Neste caso surgem então cinco QD, que são:

QD1 - Que capacidades devem ter as modernas forças Paraquedistas?

QD2 - Quais as fragilidades das forças Paraquedistas e como podem ser colmatadas?

QD3 - Qual a necessidade de Portugal possuir forças Paraquedistas e que vantagens se podem retirar da capacidade de executar Operações Aerotransportadas?

QD4 - Em que quadro de conflito se poderá perspetivar o emprego de uma operação aerotransportada?

QD5 - A capacidade de sustentação de uma força paraquedista poderá condicionar o seu emprego?

2.3 Hipóteses

Como proposições conjeturais ou suposições surgem as hipóteses (H), que se apresentam como possíveis respostas às QD, ou seja, estas são como previsões de respostas que deverão ser verificadas se são verdade ou inverdade durante o trabalho, permitindo assim que o autor tenha nestas hipóteses um guia para a sua investigação (Sarmiento, 2013)

Tendo presente este conceito supramencionado as hipóteses que se levantam como possíveis respostas às cinco QD apresentadas anteriormente são:

H1 – As modernas forças Paraquedistas têm capacidade para conduzir ações de carácter limitado de forma autónoma nomeadamente através de capacidade própria de comando e controlo, apoio de combate e de serviços, em território hostil ou semi-permissivo.

H2 – As forças Paraquedistas são ligeiras como tal possuem pouco poder de fogo e proteção, o que num cenário de conflito convencional face a uma força motorizada ou mecanizada é desvantajoso porém a sua orgânica e equipamento específico permitem colmatar estas falhas.

H3 - As forças Paraquedistas permitem uma resposta rápida a conflitos, nomeadamente na sua génese, sendo Portugal um estado com interesses estratégicos internacionais tem de possuir a capacidade de poder intervir com curto tempo de preparação e de forma abrangente. A forte diáspora internacional portuguesa, bem como a sua descontinuidade territorial, requerem que as FFAA possuam uma força de elevado nível de prontidão, grande flexibilidade e capacidade de projeção.

H4 – O emprego de uma operação aerotransportada perspetiva-se em todo o espectro de operações (ofensiva, defensiva e estabilização), seja contra forças irregulares, seja contra forças convencionais.

H5 – As FFAA estão concebidas e equipadas de forma a terem capacidade de sustentar uma unidade projetada, fora do alcance dos meios convencionais, por longos períodos de tempo.

CAPÍTULO 3 – MÉTODOS E MATERIAIS

3.1 Técnicas Utilizadas

Após a escolha da estratégia de investigação, o investigador escolhe quais as técnicas que utilizará para a recolha de dados. Antes dessa escolha o investigador deve conhecer a origem dos dados, se são dados primários ou dados secundários. (IESM, 2014)

Segundo Sarmiento os dados primários são dados que o investigador pesquisa e analisa consoante a sua necessidade de informação. Por sua vez, os dados secundários já existem, ou seja, já foram pesquisados e analisados por outros autores que tiveram a mesma necessidade de informação ou não. Os dados primários deverão ser obtidos após se verificar que os dados secundários não conferem a informação necessária para os objetivos de investigação e para a verificação das hipóteses. (2013)

O processamento e manipulação de dados resultam na produção de informação, podendo esta ser classificada em informação primária, tendo a sua origem no tratamento de dados primários, informação secundária produzida por terceiros e informação bibliográfica, que é a informação usada para a revisão de literatura de qualquer trabalho de investigação. (Sarmiento, 2013)

A obtenção de informação é feita através de técnicas que são procedimentos rigorosos e bem definidos que podem ser aplicados nas mesmas condições, desde que adaptados à investigação em causa. (Sousa & Baptista, 2011)

Como é referido no capítulo anterior, este trabalho segue uma estratégia de investigação qualitativa, sendo as técnicas para obtenção de informação escolhidas a entrevista e a análise documental.

Numa primeira fase do trabalho foi feita uma pesquisa e análise de imprensa escrita, publicações como revistas e livros, documentos e informação na internet que tivesse conteúdo pertinente para o tema, efetuada no Repositório Comum e na plataforma EBSCO através da internet, no museu dos Paraquedistas em Tancos, no arquivo da revista Boina Verde também em Tancos e nas bibliotecas da AM, situadas na Amadora e em Lisboa. Como resultado desta análise surgiu o Capítulo 1 – Revisão de Literatura.

As principais técnicas de recolha de informação primária são a entrevista, a observação e o questionário. (Freixo & Vaz, 2011) Para completar a informação da revisão de literatura de modo a alcançar os objetivos do trabalho e a testar as hipóteses formuladas, foram realizadas entrevistas.

A entrevista é um conjunto de perguntas que são feitas pelo entrevistador e respondidas pelo entrevistado via oral. “Uma entrevista permite obter um conjunto de informações através de discursos individuais ou de grupo”. (Sarmiento, 2013, p.30) Para a recolha de informação através da entrevista, é necessário uma escolha cuidadosa sobre quem deve ser entrevistado, tendo em conta o grau de pertinência, validade e fiabilidade no meio onde se insere o tema da entrevista (Ketele & Roegiers, 1999). Neste trabalho foram entrevistadas entidades cujo conhecimento e inserção no tema é de inegável valor.

As entrevistas dividem-se em três tipos:

1. Entrevistas não estruturadas – neste tipo de entrevistas não há um guião, permitindo ao entrevistado falar livremente sobre um tema e sobre assuntos relacionados, limitando-se o entrevistador a ouvir e a incentivar que o entrevistado continue o seu discurso. (Sousa & Baptista, 2011)
2. Estruturada – é um tipo de entrevista onde há um guião previamente preparado, ao qual o entrevistado, que já o conhece, se limita a responder não fugindo ao guião e ao que é perguntado. (Sarmiento, 2013) Neste tipo, as perguntas são formuladas de forma padronizada e são sequenciais. O entrevistador está condicionado pelo guião definido, não acrescentando perguntas durante a entrevista. (Pardal & Correira, 1995)
3. Entrevista Semiestruturada – Situa-se no meio dos tipos anteriores, onde já existe um guião, fornecido ao entrevistado previamente, com um conjunto de tópicos ou perguntas abertas (Pardal & Correira, 1995), sendo colocadas à medida que a conversa desenvolve consoante a sua pertinência, inclusive, o entrevistador pode acrescentar perguntas durante a entrevista ou pedir esclarecimentos adicionais. O entrevistado pode falar sobre assuntos vários relacionados com o tema, podendo responder pela ordem que quiser às perguntas. (Sarmiento, 2013)

Neste TIA foi utilizada o tipo de entrevista semiestruturada, sendo elaborados guiões de entrevistas³³, de acordo com a entidade a entrevistar, tendo em conta o seu posto, a sua função e a sua realidade em relação ao tema. Cada guião de entrevista tem perguntas comuns a todos os entrevistados, para criar um consenso de opinião sobre o tema e sobre as QD e QC do TIA, tendo também perguntas específicas para possibilitar completar a informação e os conhecimentos da revisão de literatura, de modo a, no final do trabalho, serem retiradas conclusões e dadas respostas às questões de investigação.

3.2 Amostragem

A definição de amostra numa estratégia qualitativa perde significado, o conceito de amostra deve ser usado no sentido não probabilístico. (IESM, 2014) Foi efetuada uma amostragem não aleatória orientada para este TIA, pois a escolha baseou-se em especialistas sobre o tema, dentro do universo Paraquedista e em juízos de valor do autor no processo de seleção. (Barañano, 2004)

Uma das etapas da condução de entrevistas é a seleção da amostra de indivíduos a entrevistar. O entrevistador deve escolher o perfil sociodemográfico do entrevistado, tendo em conta o que quer analisar ou explorar. Para tal, deve ter em conta: “Organização a que pertence, departamento/serviço a que pertence, cargo ou posto, função que exerce na organização, género, nível etário, habilitações literárias, nível sociocultural.” (Sarmiento, 2013, p. 38).

A escolha dos entrevistados foi feita sobre a ideia que estes deviam ser indivíduos com grande conhecimento sobre Operações Aerotransportadas e sobre os lançamentos em massa. Assim, a escolha teve de recair sobre o universo Paraquedista, recaindo dentro deste na classe de Oficiais, por estes serem os principais decisores das Operações militares. Decidiu-se entrevistar Oficiais que durante a sua carreira tenham tido ou tenham na atualidade funções de destaque na condução de Operações Aerotransportadas ou nas tropas Paraquedistas. Neste âmbito foram entrevistados:

O excelentíssimo General (Gen) Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, que toda a sua carreira esteve ligada às tropas Paraquedistas, tendo desempenhado funções como Comandante da Escola de Tropas Aerotransportadas (ETAT), atual RPara, Comandante da

³³ Guiões das entrevistas podem ser consultados nos apêndices do trabalho, apêndice B a H.

BrigRR e mais recentemente Chefe de Estado-Maior do Exército, última função exercida até 2016, ano da sua reforma.

O excelentíssimo Major General (MGen) Carlos Alberto Grincho Cardoso Perestrelo, atual Comandante da BrigRR, sendo esta uma das funções que na atualidade irá ter grande preponderância caso se tenha que executar uma Operação Aerotransportada. Toda a sua carreira foi feita em Unidades Paraquedistas.

O excelentíssimo MGen da GNR José Correia, atual Comandante da Unidade de Intervenção da GNR, figura ligada à história das tropas Paraquedistas portuguesas antes da sua prestação de serviço na GNR.

O Coronel (Cor) Paraquedista José Alberto de Moura Calheiros, Cor na reforma, que desempenhou funções de comando durante as três comissões de serviço na Guerra Ultramarina. Especialista nos teatros ultramarinos, tendo publicado um livro intitulado “A ultima missão”. A última função foi Chefe de Estado-Maior do Corpo de Tropas Paraquedistas (CTP) entre 1977 e 1981, ano em que se reforma.

O Coronel de Infantaria Paraquedista Hilário Peixeiro, atual Comandante do RPara, função ligada a toda a formação dos militares Paraquedistas da atualidade.

O Tenente-Coronel (TCor) de Infantaria João Bernardino, Comandante do 1BIPara e da CompTerrestre da FRI, será dele, caso haja uma Operação Aerotransportada, a responsabilidade do comando das tropas Paraquedistas no terreno, bem como todo o aprontamento destas.

O Major (Maj) de Infantaria Paraquedista Luís Mamão, Comandante do BOAT, por ser esta a Unidade responsável pelo apoio técnico às Operações Aerotransportadas.

3.3 Técnicas de Tratamento e Análise de Dados

As entrevistas decorreram entre 27MAR17 e 11ABR17 e para a concretização das mesmas foi necessário o deslocamento ao RPara e ao Comando da BrigRR ambos em Tancos, ao RI15 em Tomar, a casa do Cor Calheiros em Oeiras, a casa do Gen Jerónimo no Entroncamento e ao Comando da Unidade de Intervenção da GNR na Pontinha.

Durante a execução das entrevistas foi utilizado o gravador, com a autorização de cada um dos entrevistados, para posteriormente ser executada a sua transcrição, tornando

assim mais fácil o tratamento dos dados. Após serem transcritas as respostas, os guiões das entrevistas foram enviados aos entrevistados para que estes os validassem.

Numa estratégia de investigação qualitativa existem múltiplos métodos e procedimentos de análise, por esta razão cada investigador, habitualmente, procura desenvolver o seu próprio método para que se adapte melhor ao seu objeto de investigação, pressupostos teóricos e outros fatores contingentes. (Albarelo et al., 1997)

Posto o tratamento dos dados foi então criado um modelo de análise que se adaptasse melhor aos objetivos com que foram criadas as entrevistas, sendo esse modelo apresentado no capítulo seguinte onde é feita a análise do conteúdo das entrevistas.

Para a análise das entrevistas o processo utilizado baseou-se na criação de quadros resumo das respostas às perguntas que faziam parte de vários guiões, sendo identificados os principais factos apontados por cada uma dos entrevistados e verificado se estes se repetiam entre si, de modo a que essa informação aliada ao conhecimento adquirido da revisão de literatura permitisse gerar respostas as QD.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo apresenta-se, em tabelas, ideias chave das entrevistas relacionadas com cada QD, podendo o conteúdo na sua íntegra ser consultado em apêndice ao trabalho. Após cada tabela, referida a cada QD, apresenta-se as respostas às QD tendo por base não só as entrevistas mas também a revisão de literatura. De seguida são comparadas as respostas às QD com as H levantadas, fazendo-se uma reflexão sobre os resultados.

4.1 QD1 - Que capacidades devem ter as modernas forças Paraquedistas?

Quadro nº 1 – Análise de conteúdo relacionado com QD1

Nº da Entrevista	Conteúdo relacionado com QD1
1	Combate noturno; Combate ACar; Movimentação com meios ligeiros e parachutáveis; C3I ³⁴ de última geração recorrendo a sistemas GPS, comunicações satélite; Utilização de meios DRONE ou RPV ³⁵ ; Interoperabilidade dos meios, nomeadamente entre meios aéreos e terrestres.
3	Serem Unidades ligeiras de grande projeção estratégica; Serem flexíveis, de rápida prontidão para projeção; Poder de fogo; Comunicações a longas distâncias; Observação e Vigilância do campo de batalha (VCB).
4	Devem ser forças ligeiras, com uma organização flexível e assentes numa elevada operacionalidade e prontidão; Grande capacidade de armas de apoio, sobretudo de armas ACar e de armas AA.
5	Projeção (paraquedas modernos, equipamentos de visão noturna, equipamentos de oxigénio e equipamentos de combate adaptáveis e manobráveis com o equipamento de salto); Sobrevivência e Proteção (equipamento tem de ser ligeiro para não condicionar o seguimento da missão, mas tem de conferir alguma proteção); Combate, movimento e manobra (equipamento/armamento ligeiro e manobrável mas tem de dar capacidade de combate e de combate ACar); Comando, controlo e

³⁴ C3I - *Command, Control, Communications and intelligence*

³⁵ RPV - Veículo Pilotado Remotamente

	comunicações (entre unidade e com escalão superior através de meios ligeiros mas fiáveis).
7	As capacidades passam pela (...) pela tecnologia; Colocar tropa no terreno de forma mais rápida, em segurança e o menos dispersa possível; Combate noturno; Proteção e mobilidade através de meios ligeiros blindados parachutáveis.

Fonte: Autor

Uma moderna força Paraquedista deve ser ligeira, dotada de grande flexibilidade e prontidão, com capacidade de proteção, sustentação, rápida projeção, comando e controlo, movimento e manobra e as restantes funções de combate que permitam que a força seja empenhada isoladamente até que seja rendida ou reabastecida. Essas capacidades são conferidas através de meios de visão noturna, meios ligeiros blindados parachutáveis, comunicações com o escalão superior e com as aeronaves e de meios de apoio de combate (armas ACar, apoio de fogos, AA e meios de VCB).

4.2 QD2 - Quais as fragilidades das forças Paraquedistas e como podem ser colmatadas?

Quadro nº 2 – Análise de conteúdo relacionado com QD2

Nº da Entrevista	Conteúdo relacionado com QD2
1	Autonomia; Proteção; Isolamento; Falta de massa humana; Dependência da capacidade de transporte aéreo; Capacidade de transporte individual; Falta de meios que facilitem o processo de reorganização; falta de meios VCB; Dificuldade de Evacuação médica; Poder de fogo.
2	Vulnerabilidade a meios de deteção de aeronaves e das armas AA; Exposição durante a queda em paraquedas.
3	Proteção; Isolamento; Dependência da capacidade de transporte aéreo; Vulnerabilidade perante armas AA.
4	Isolamento; Proteção; Poder de fogo; Capacidade de transporte individual; Dependência da capacidade de transporte aéreo; Dificuldade de Evacuação médica. Dada a sua ligeireza devem ser Unidades com grande capacidade de armas de apoio, sobretudo de armas ACar, Morteiros e de armas AA.

	Para que possam estar mais protegidas contra forças blindadas ou mecanizadas.
5	Proteção; Comunicações, que leva ao isolamento; Capacidade de transporte individual; Poder de Fogo.
7	Proteção; Autonomia; Fragilidade durante o processo de reorganização.

Fonte: Autor

As forças Paraquedistas combatem com o que conseguem transportar consigo, naturalmente essa característica vai influenciar a sua maneira de combater, a capacidade de carga vai causar fragilidades a nível de proteção, autonomia, poder de fogo e isolamento, pois sendo forças ligeiras não têm a mesma proteção que uma força mais musculada, estas forças estão limitadas às armas, munições e víveres que a unidade consegue lançar por paraquedas, como tal devem ter de serem Unidades com grande capacidade de armas de apoio, sobretudo de armas ACar, Morteiros e de armas AA para que possam estar mais protegidas contra forças blindadas ou mecanizadas. Os meios rádios que conseguem transportar consigo também vão causar fragilidades, sendo meios ligeiros por vezes não satisfazem as necessidades de comunicação com o escalão superior, que se encontra a grandes distâncias. A dependência da capacidade de transporte aéreo é outra limitação, sendo o caso português exacerbado pelo número de aeronaves existentes na Força Aérea e que implica, quase sempre, a ponderação de uma Operação Combinada.

4.3 QD3 - Qual a necessidade de Portugal possuir forças Paraquedistas e que vantagens se podem retirar da capacidade de executar Operações Aerotransportadas?

Quadro nº 3 – Análise de conteúdo relacionado com QD3

Nº da Entrevista	Conteúdo relacionado com QD3
1	O Exercício ORION17 contempla um <i>mass drop</i> ; Não deveríamos perder a capacidade de projetar Forças até unidade escalão Batalhão. Se tiveres necessidade de colocar uma força destas, numa dada região, colocas num instante, de um dia para o outro; Fator dissuasor; Defesa de Fronteiras; Situação complicada nas ilhas com diáspora portuguesa no estrangeiro.

2	<p>(...) tinha uma instrução que era muitíssimo boa e exigente. O curso de Paraquedismo devido a estas características tinha uma mística que levava a que os militares tivessem confiança em si e que estivessem convencidos que eram bons. Contudo é muito importante esta valência. Nós em Africa apesar de não termos sido muito utilizados, era de um valor extremo ter a possibilidade se necessário ter a capacidade de pôr um Batalhão inteiro onde quiséssemos. É uma vantagem grande para o Comando ter essa possibilidade, pode não precisar mas é um descanso (...)</p>
3	<p>São forças bem treinadas, altamente preparadas com grande capacidade de resposta. Para um Comandante ou o próprio poder político ter uma força com essa capacidade pode influenciar decisivamente uma situação, ultrapassando massas de água e outro tipo de obstáculos. (...) isso para fazer chegar rapidamente em tempo oportuno a um determinado local onde a situação se alterou e nós queremos dar uma certa tranquilidade aos portugueses da diáspora, só o conseguimos com uma força que consigamos projetar rapidamente, neste caso por aterragem ou lançamento e os Paraquedistas têm essa dupla valência.</p>
4	<p>Esta tipologia de forças deve (...) com uma organização flexível e assentes numa elevada operacionalidade e prontidão; Considerando os TO da modernidade quem tiver Paraquedistas poderá com o seu emprego determinar o sucesso das operações militares. Com estas forças ligeiras pelas suas características de flexibilidade e de grande rapidez de emprego poderá concentrar numa determinada região um elevado potencial de combate.</p>
5	<p>Dá mais opções ao poder político para projetar o poder militar. Caso queira honrar um compromisso no seio de uma aliança, tem uma força, de alguma dimensão, em três ou cinco dias pronta a projetar para onde entender ser necessário. Pode ser usado como fator dissuasor.</p>
6	<p>Inclusive está contemplado em termos NATO determinadas capacidades que os diferentes países devem contribuir para que a força e a capacidade da NATO seja de fato efetiva. A prova que as Operações Aerotransportadas</p>

	se mantêm atuais, é que todos os países e a própria NATO continuam a manter e a investir nesta tipologia de forças.
7	Este tipo de força é uma vantagem para um país com uma limitada capacidade financeira, e já não estou a falar da vantagem termos uma força com um elevado grau de preparação pronta a intervir em qualquer situação, estou a falar de dispormos de uma tropa ligeira com um emprego muito flexível, ou seja, de fácil projeção em qualquer ponto caso o país o entenda. Por fim temos compromissos com a NATO, temos que ter um determinado tipo de forças com um determinado grau de prontidão; Outra necessidade deriva de Portugal ter uma diáspora grande fora do território nacional.

Fonte: Autor

Portugal é signatário de alianças militares, conseqüentemente há compromissos que tem de honrar, nomeadamente no que concerne ao tipo de forças que tem de possuir e o nível de prontidão das mesmas. Para atingir este desiderato, as forças Paraquedistas portuguesas têm executado exercícios combinados onde treinam a execução dos lançamentos em massa para assegurar essa capacidade. Forças Paraquedistas conferem ao país a possibilidade de ter Unidades com rápida capacidade de projeção, permitindo a projeção de uma força militar para qualquer ponto, concentrando nessa região um grande potencial de combate, com menos meios e mais rapidamente do que se tivesse de projetar uma força mecanizada ou blindada. Outra necessidade deriva de Portugal ter uma diáspora grande fora do território nacional e da sua descontinuidade territorial, caso Portugal tenha de prestar qualquer tipo de auxílio, tanto nas ilhas como na diáspora portuguesa, este tipo de forças permite que se chegue aos locais de forma célere e com grande capacidade. Serve ainda para casos em que Portugal necessite de demonstrar força, como refere o entrevistado numero 2, tendo essas ações ocorrido no decurso da Guerra do Ultramar.

4.4 QD4 - Em que quadro de conflito se poderá perspetivar o emprego de uma Operação Aerotransportada?

Quadro nº 4 – Análise de conteúdo relacionado com QD4

Nº da Entrevista	Conteúdo relacionado com QD4
1	Defesa de fronteiras; Ameaça de interesses nacionais no estrangeiro; Hoje em dia com a situação da Ucrânia, com a NATO a querer demonstrar

	<p>capacidade e mesmo com estes exercícios que estamos a ter com os EUA, não é descabido um dia destes virmos a ter uma operação com lançamento em massa com forças da NATO; O reforço de unidades amigas, controlo, conquista de pontos sensíveis ou críticos e segurança de áreas ou populações e NEO; Demonstração de força.</p>
<p>2</p>	<p>Vejo o lançamento em massa mais para um conflito contra uma ameaça irregular meios menos desenvolvidos; Desde a ter uma força no ar preparada a saltar caso haja necessidade de intervir num evento; Auxílio a populações em caso de catástrofe; Lançamento de pessoal e material necessário para socorrer alguém que tenha estado envolvido numa catástrofe, quer seja através de médicos e enfermeiros com essa valência; É muito importante esta valência. Nós em Africa apesar de não termos sido muito utilizados, era de um valor extremo ter a possibilidade se necessário ter a capacidade de pôr um Batalhão inteiro onde quiséssemos, nós estávamos preparados para executar uma Operação Aerotransportada em qualquer Teatro devido ao treino que tínhamos.</p>
<p>3</p>	<p>Em Africa onde as FFAA são menos organizadas é possível; Este tipo de Operações podem ser necessárias no futuro em diversos cenários, além das que vem na doutrina como conquistar CP e executar Golpes de Mão, por exemplo negar ao In a utilização de uma área de terreno, interditar um itinerário, retardar o avanço de uma força, mesmo com perdas substanciais. Aliás na altura da transformação e modernização quando criamos a Companhia ACar foi numa perspetiva, à semelhança dos alemães, de conseguir negar um avanço de uma força blindada; (...) for essa a intenção, influenciar decisivamente numa área de interesse do país por ter essa capacidade altamente preparada e flexível que rapidamente pode colocar e influenciar decisivamente uma situação, ultrapassando massas de água e outro tipo de obstáculos; Estou a ver o emprego dos lançamentos em massa mais nas NEO (...) está ligado com a diáspora portuguesa e com algum tipo de crise que possa surgir nas ilhas. Mas num conflito convencional estou a ver a aplicabilidade como disse anteriormente, num quadro de uma aliança em que haja interesses comuns.</p>

4	A perspetiva de empegno poderá enquadrar-se no âmbito das alianças onde estamos inseridos, nomeadamente integrando unidades a quem estamos afiliados ou num quadro autónomo com a execução de NEO; a intervenção nas ilhas mas numa vertente de apoio humanitário. O importante é que um Comandante possa ter nas suas forças disponíveis a opção de decidir sobre emprego de forças Paraquedistas, pois estas poderão ser seguramente capacidade decisivas no sucesso das operações.
5	Tem aplicabilidade porque é uma maneira de projetar a força rápida e de se conseguir colocar no espaço de uma madrugada uma força com potencial de combate considerável numa região, com surpresa; Demonstração de força; Vejo o emprego numa crise humanitária ou numa alteração político-social em que é preciso mostrar força.
6	Situações de resposta imediata, numa situação de dificuldade ou de desvantagem em que seja necessário o reforço em determinado ponto do TO, em determinados locais muito específicos, onde seja necessário colocar militares; Poderá ter um enquadramento em situações específicas de apoio a população civil, situações de catástrofe.
7	É sempre aplicável, qualquer país que tenha de preparar forças militares para defender a sua soberania ou os seus interesses tem de ter sempre forma de procurar inserir rapidamente forças num determinado local; Operações Combinadas NATO e União Europeia é uma possibilidade; Negação de áreas como aeródromos, unidades de apoio logístico, pontes, eixos de infiltração chave ou qualquer recurso que seja de importância estratégica ao adversário; Vejo o emprego numa NEO em caso de catástrofe natural ou de alteração da ordem pública; Demonstração de força.

Fonte: Autor

O lançamento em massa, num conflito convencional tem de ser cuidadosamente ponderado pelas limitações a que as forças Paraquedistas, pela sua própria natureza, estão sujeitas. Contudo, se a situação estratégica o aconselhar, o emprego de grandes unidades Paraquedistas por lançamento em massa pode, e deve, ser equacionado pelo impacto e rápido alcançar de objetivos de grande valor que esta ação pode granjear. O lançamento em massa poderá ser usado em situações com a necessidade de uma infiltração aérea ou de uma rápida

projeção, situações essas como de reforço de uma força, negação ao In da utilização de uma área de terreno, o interditar de uma via de comunicação, retardar do avanço de uma força ou em qualquer situação onde um país tenha de influenciar decisivamente num curto espaço de tempo. Devido à evolução do campo de batalha o recurso a estes será mais fácil contra uma força irregular com menos meios à sua disposição, forças menos desenvolvidas e organizadas que terão mais dificuldade em detetar a aproximação das aeronaves e terão menos meios para causar atrição no momento do lançamento em paraquedas. O envolvimento vertical permite o acesso a áreas ou zonas que de outro modo seria mais difícil chegar, permite também explorar a surpresa e atacar o adversário no sítio mais inesperado vindos de onde não é previsível. Este tipo de projeção tem, também, grande utilidade nouro tipo de situações, como numa NEO, em situações de catástrofes ou de auxílio a populações.

4.5 QD5 - A capacidade de sustentação de uma força paraquedista poderá condicionar o seu emprego?

Quadro nº 5 – Análise de conteúdo relacionado com QD5

Nº da Entrevista	Conteúdo relacionado com QD5
1	O militar Paraquedista combate com o que transporta, está preparado para combater durante três dias, depois para manter o combate terá que ser reabastecido. Caso a capacidade individual para combater se esgote, o militar não consiga tirar partido do que o campo de batalha lhe fornece e posteriormente a força não seja reabastecida, poderá acabar por não cumprir a missão podendo mesmo vir a ser capturado.
2	Nas Operações tínhamos sempre uma data para terminar, mas era meramente informativo, em Moçambique eram sempre quatro dias, mas quando era necessário prolongar eramos reabastecidos por lançamento de cargas ou por helicóptero. Por vezes até chegamos a ser reabastecidos por cargas sem paraquedas, preparadas em caixas bem protegidas e depois nós aproveitávamos o que desse para aproveitar.
3	Acho que devíamos ter para os dois BIPara o proporcional correspondente em Apoio de Serviços; Temos que ter capacidade de reforçar este Batalhão

	com meios, armas e equipamentos, e de o reabastecer à <i>posteriori</i> , seja através do lançamento de cargas ou através de um escalão de seguimento.
4	A geração de uma força para a execução de uma Operação Aerotransportada deve garantir uma capacidade limitada no tempo mas deverá estar em condições de atuar de forma independente e sustentada e com base em unidades de manobra que integrem as necessárias valências de apoio de combate, apoio de fogos e apoio de serviços.
5	A capacidade de sustentação de uma força é planeada e conduzida pelo escalão superior, e é sempre determinante a possibilidade dessa mesma força prolongar a duração da sua intervenção para lá da sua autonomia (...) uma força for empregue sem que exista uma capacidade de a sustentar, essa missão não poderá ter uma duração prolongada (...) para uma força Paraquedista capacidade de sustentação nacional pouco desenvolvida ou incompleta em algumas funções logísticas ou administrativas, poderá ter menor impacto na condução das operações uma vez que, para esta força será teoricamente necessário um volume menor e menos variado de apoio. Se os homens poderão ter as mesmas necessidades de apoio, já os equipamentos são menos complexos e, por conseguinte, necessitam de menos sobressalentes, munições mais baratas e manutenção mais simples; O RPara considera que conseguiu fazer essa parte da sua missão se o BOAT conseguir ter as cargas preparadas, com os paraquedas prontos e acondicionadas para fornecer o abastecimento aéreo.
6	O Abastecimento Aéreo confere-nos até que seja estabelecida uma CP aérea onde possam aterrar aviões ou linhas de comunicação que permitam a chegada de reabastecimentos, sejam lançadas cargas com todo o equipamento e material necessário, desde munições, armamento, víveres etc.
7	A quantidade de equipamento, armamento e munições que podem levar consigo e a parte da autonomia logística para se autossustentarem. Isso tudo é limitado porque têm de carregar o que levam, normalmente são forças de entrada que passado uns dias ou têm de ser reabastecidas ou têm de fazer uma Operação de Junção.

Fonte: Autor

Uma das características dos Paraquedistas em Portugal é terem capacidade para combater durante três dias sem serem reabastecidos, contudo, a intensidade do combate pode fazer variar a necessidade de reabastecimento. Após a autonomia se esgotar a força tem de ser reabastecida pelo estabelecimento de linhas de comunicação ou caso não seja possível, ser reabastecida via aérea pelo lançamento de cargas ou de efetuar uma Operação de Junção com uma força amiga.

4.6 Verificação das Hipóteses

4.6.1 Hipótese número 1 (H1)

Quadro nº 6 – Verificação da H1

Resposta à QD1	H1
<p>Uma moderna força Paraquedista deve ser ligeira, dotada de grande flexibilidade e prontidão, com capacidade de proteção, sustentação, rápida projeção, comando e controlo, movimento e manobra e as restantes funções de combate que permitam que a força seja empenhada isoladamente até que seja rendida ou reabastecida. Essas capacidades são conferidas através de meios de visão noturna, meios ligeiros blindados parachutáveis, comunicações com o escalão superior e com as aeronaves e de meios de apoio de combate (armas ACar, apoio de fogos, AA e meios de VCB).</p>	<p>As modernas forças Paraquedistas têm capacidade para conduzir ações de carácter limitado de forma autónoma nomeadamente através de capacidade própria de comando e controlo, apoio de combate e de serviços, em território hostil ou semi-permissivo.</p>

Fonte: Autor

Quando comparada a H1 com a resposta que foi dada no final da investigação à QD1, esta foi totalmente verificada, pois tanto na revisão de literatura como com as entrevistas conduzidas verificou-se que uma força Paraquedista tem de ser uma força que tenha na sua orgânica meios que permitam combater isoladamente, devido às características do seu modo de emprego. Os entrevistados foram unânimes da importância dos sistemas de Comando e Controlo e dos meios de apoio de combate. Por fim, a capacidade de ser uma força autónoma, que garanta o seu apoio de serviços até que seja rendida ou reabastecida (limitação), está prevista nos QO dos BIPara e durante as entrevistas vários entrevistados referiram que uma

força deste tipo tem de ter capacidade de conduzir as Operações com aquilo que consegue transportar consigo.

4.6.2 Hipótese número 2 (H2)

Quadro nº 7 – Verificação da H2

Resposta à QD2	H2
<p>As forças Paraquedistas combatem com o que conseguem transportar consigo, naturalmente essa característica vai influenciar a sua maneira de combater, a capacidade de carga vai causar fragilidades a nível de proteção, autonomia, poder de fogo e isolamento, pois sendo forças ligeiras não têm a mesma proteção que uma força mais musculada, estas forças estão limitadas às armas, munições e víveres que a unidade consegue lançar por paraquedas, como tal devem ter de ser Unidades com grande capacidade de armas de apoio, sobretudo de armas ACar, Morteiros e de armas AA para que possam estar mais protegidas contra forças blindadas ou mecanizadas. Os meios rádios que conseguem transportar consigo também vão causar fragilidades, sendo meios ligeiros por vezes não satisfazem as necessidades de comunicação com o escalão superior, que se encontra a grandes distâncias. A dependência da capacidade de transporte aéreo é outra limitação, sendo o caso português exacerbado pelo número de aeronaves existentes na Força Aérea e que implica, quase sempre, a ponderação de uma Operação Combinada.</p>	<p>As forças Paraquedistas são ligeiras como tal possuem pouco poder de fogo e proteção, o que num cenário de conflito convencional face a uma força motorizada ou mecanizada é desvantajoso porém a sua orgânica e equipamento específico permitem colmatar estas falhas.</p>

Fonte: Autor

A H2 é parcialmente verificada. Todos os entrevistados quando abordados sobre as capacidades e fragilidades das forças Paraquedistas referiram que dada a sua natureza ligeira este tipo de forças possuem pouco poder de fogo e proteção, como tal devem possuir meios

que possibilitem o aumento tanto do nível de proteção (como as viaturas blindadas ligeiras e o equipamento individual) como de poder de fogo (armas ACar, Morteiros e armas AA) de modo a que não percam a sua ligeireza mas que concomitantemente possam defender-se eficazmente perante forças blindadas ou mecanizadas. Porém, na formulação desta H2 faltou a previsão sobre as fragilidades associadas à autonomia e à capacidade de Comando e Controlo.

4.6.3 Hipótese número 3 (H3)

Quadro nº 8 – Verificação da H3

Resposta à QD3	H3
<p>Portugal é signatário de alianças militares, consequentemente há compromissos que tem de honrar, nomeadamente no que concerne ao tipo de forças que tem de possuir e o nível de prontidão das mesmas. Para atingir este desiderato, as forças Paraquedistas portuguesas têm executado exercícios combinados onde treinam a execução dos lançamentos em massa para assegurar essa capacidade. Forças Paraquedistas conferem ao país a possibilidade de ter Unidades com rápida capacidade projeção, permitindo a projeção de uma força militar para qualquer ponto, concentrando nessa região um grande potencial de combate, com menos meios e mais rapidamente do que se tivesse de projetar uma força mecanizada ou blindada. Outra necessidade deriva de Portugal ter uma diáspora grande fora do território nacional e da sua descontinuidade territorial, caso Portugal tenha de prestar qualquer tipo de auxílio tanto nas ilhas como na diáspora portuguesa, este tipo de forças permite que se chegue aos locais de forma célere e com grande capacidade. Serve ainda para casos em que Portugal necessite de demonstrar força, como refere o entrevistado numero</p>	<p>As forças Paraquedistas permitem uma resposta rápida a conflitos, nomeadamente na sua génese, sendo Portugal um estado com interesses estratégicos internacionais tem de possuir a capacidade de poder intervir com curto tempo de preparação e de forma abrangente. A forte diáspora internacional portuguesa, bem como a sua descontinuidade territorial, requerem que as FFAA possuam uma força de elevado nível de prontidão, grande flexibilidade e capacidade de projeção.</p>

2, tendo essas ações ocorrido no decurso da Guerra do Ultramar.	
-----------------------------------------------------------------	--

Fonte: Autor

As forças Paraquedistas e as Operações Aerotransportadas representam para um país uma via rápida para chegar a qualquer local onde este queira exercer influência. Esta capacidade permite a Portugal colocar o seu poder militar em qualquer local onde precise de reagir rápido a qualquer tipo de situação. Uma dessas situações pode ser uma catástrofe nas ilhas ou em algum país que tenha uma comunidade de cidadãos portugueses. A prova que Portugal olha para este tipo de forças como uma mais valia é a existência de dois BIPara e de uma FRI que tem previsto na sua génese a capacidade do lançamento em paraquedas, antecipando possíveis NEO. Por último, como referem os entrevistados, Portugal faz parte de alianças militares, como tal há compromissos que tem de honrar, nomeadamente no que concerne no tipo de forças que tem de possuir e o nível de prontidão das mesmas. Posto isto a H3 é totalmente verificada.

4.6.4 Hipótese número 4 (H4)

Quadro nº 9 – Verificação da H4

Resposta à QD4	H4
O lançamento em massa, num conflito convencional tem de ser cuidadosamente ponderado pelas limitações a que as forças Paraquedistas, pela sua própria natureza, estão sujeitas. Contudo, se a situação estratégica o aconselhar, o emprego de grandes unidades Paraquedistas por lançamento em massa pode, e deve, ser equacionado pelo impacto e rápido alcançar de objetivos de grande valor que esta ação pode granjear. O lançamento em massa poderá ser usado em situações com a necessidade de uma infiltração aérea ou de uma rápida projeção, situações essas como de reforço de uma força, negação ao In da utilização de uma área de terreno, o interditar de uma via de comunicação, retardar do	O emprego de uma Operação Aerotransportada perspectiva-se em todo o espectro de operações (ofensiva, defensiva e estabilização), seja contra forças irregulares, seja contra forças convencionais.

<p>avanço de uma força ou em qualquer situação onde um país tenha de influenciar decisivamente num curto espaço de tempo. Devido à evolução do campo de batalha o recurso a estes será mais fácil contra uma força irregular com menos meios à sua disposição, forças menos desenvolvidas e organizadas que terão mais dificuldade em detetar a aproximação das aeronaves e terão menos meios para causar atrito no momento do lançamento em paraquedas. O envolvimento vertical permite o acesso a áreas ou zonas que de outro modo seria mais difícil chegar, permite também explorar a surpresa e atacar o adversário no sítio mais inesperado vindos de onde não é previsível. Este tipo de projeção tem, também, grande utilidade noutra tipo de situações, como numa NEO, em situações de catástrofes ou de auxílio a populações.</p>	
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: Autor

Esta hipótese é totalmente verificada mas, apesar disso, é necessário fazer a ressalva que apesar de uma Operação Aerotransportada poder perspetivar-se em todo o tipo de conflitos, esta utilização tem de ser bem ponderada e muito bem planeada devido aos riscos associados a toda a Operação. As diferentes situações onde estas Operações podem ser utilizadas abrangem todo o espectro de operações desde uma ofensiva, caso da Normandia onde se opunham duas forças convencionais, uma defensiva, em caso do reforço de uma força ou da manutenção da posse de terreno importante e ainda numa operação de estabilização caso seja necessário mostrar força, como Portugal fez em Angola onde se opunha uma força irregular. Além dos exemplos históricos de Operações Aerotransportadas elencados na revisão de literatura, um deles bem recente, os entrevistados apontaram uma outra perspetiva para este tipo de Operação Aerotransportada apontado para a flexibilidade das forças Paraquedistas e concludentemente para a possibilidade de serem utilizadas para o auxílio em caso de catástrofe ou de interferência na ordem pública.

4.6.5 Hipótese número 5 (H5)

Quadro nº 10 - Verificação da H5

Resposta à QD5	H5
<p>Uma das características dos Paraquedistas em Portugal é terem capacidade para combater durante três dias sem serem reabastecidos, contudo, a intensidade do combate pode fazer variar a necessidade de reabastecimento. Após a autonomia se esgotar a força tem de ser reabastecida pelo estabelecimento de linhas de comunicação ou caso não seja possível, ser reabastecida via aérea pelo lançamento de cargas ou de efetuar uma Operação de Junção com uma força amiga.</p>	<p>As FFAA estão concebidas e equipadas de forma a terem capacidade de sustentar uma unidade projetada, fora do alcance dos meios convencionais, por longos períodos de tempo.</p>

Fonte: Autor

A resposta da QD5 verifica a H5, contudo esta hipótese não responde completamente à QD5. Apesar de se verificar que as FFAA têm forma de sustentar uma força fora dos meios convencionais, nomeadamente através do lançamento de cargas pela Companhia de Abastecimento Aéreo do BOAT, a H5 não estava prevista a fragilidade do isolamento de uma força Paraquedista numa Operação Aerotransportada com lançamento em paraquedas que leva a que se sustentação não for garantida por algum motivo a continuação da missão e a sobrevivência da força possam ficar comprometidas.

CONCLUSÕES

Com o término da investigação é importante retirar conclusões e fazer um balanço sobre os novos conhecimentos adquiridos sobre o tema do TIA. Durante este trabalho foi apresentada toda uma investigação que passou por várias fases. Numa primeira fase, na revisão de literatura, foram apresentados conteúdos que abordam as envolventes das Operações Aerotransportadas com lançamentos em massa. Conteúdos como a definição de Operação Aerotransportada, forma de planeamento, o tipo de forças que em Portugal está adaptada para executar estas Operações e algumas das Operações com lançamentos em massa que ocorreram. Numa segunda fase foram conduzidas entrevistas a altas entidades, conhecedoras do tema, que com os seus contributos permitiram completar o conhecimento previamente adquirido. Assimilados estes conhecimentos foi possível responder às QD, que foram formuladas para entender e facilitar a resposta à QC e consequentemente verificar as H formuladas no início da investigação.

A QC que se pretende ver esclarecida no final deste TIA é: **Tendo em conta o atual quadro internacional de conflitos, qual a aplicabilidade de empenhar forças aerotransportadas através de um lançamento em massa no Teatro de Operações, seja para fazer face a conflitos assimétricos seja para opor a uma força convencional e quais os fatores a ter em conta na constituição de uma força tipo para operações desta índole?**

O empenhamento de forças Aerotransportadas através do lançamento em massa terá sempre que ser feito de acordo com um planeamento detalhado e rigoroso, seja num conflito assimétrico ou num convencional. Este tipo de forças pela sua natureza ligeira são forças que enfrentam intrinsecamente algumas fragilidades, nomeadamente no que concerne à proteção, isolamento, autonomia e poder de fogo. As forças Aerotransportadas, neste caso os Paraquedistas, quando são projetados pelo vetor do lançamento em paraquedas, são projetados a grandes distancias do escalão superior e por norma para uma zona onde se irão constituir como a primeira força a chegar ao local, não havendo desse modo forças amigas no terreno. Esta situação vai provocar o isolamento da força, como tal os Paraquedistas devem estar equipados com meios que permitam o contato com o escalão superior e que permitam ao escalão superior saber o estado da missão. Esses meios podem ser tanto meios de comunicações evoluídos, como meios de VCB que permitam ao escalão superior ter uma visão do campo de batalha em direto. O problema do isolamento vai fazer com que a autonomia e a sustentação da força tenham também de ser equacionadas. Uma maior

autonomia requer uma maior capacidade de carga, ou seja, a capacidade de um paraquedas suportar o peso do militar e de todo o seu equipamento individual necessário para este combater, pois só assim é que se consegue aumentar o tempo de sobrevivência em combate sem reabastecimento de qualquer tipo, ou seja, só assim se aumenta a sua autonomia. Quando se decide projetar este tipo de força tem de ser equacionado a sustentação da mesma, pois apesar das forças Paraquedistas estarem criadas e treinadas para combaterem autonomamente durante três dias, após esse tempo vai ter de haver reabastecimento. Este pressuposto está garantido para Portugal através do reabastecimento aéreo, pois mesmo que não haja condições para uma Operação de Junção ou para o estabelecimento de linhas de comunicação, o lançamento de cargas consegue garantir o apoio necessário ao Paraquedistas. À semelhança do aumento da capacidade de carga dos paraquedas para os militares, é importante haver o desenvolvimento de novos equipamentos, como é o caso de paraquedas com maior capacidade e equipamentos de abastecimento aéreo com maior *payload* e mais precisos.

É necessário que na orgânica de uma força de Paraquedistas, concebida para ser empregue a grande distância da unidade mãe, esteja contemplada na dotação de armamento um incremento nas armas de apoio tendo como foco os morteiros e as armas ACar.

A proteção e o poder de fogo são outros dois fatores a ter em conta no planeamento do emprego dos Paraquedistas. Mais uma vez há que ter uma especial preocupação em dotar este tipo de forças com meios que possam garantir a sua proteção contra forças mecanizadas ou blindadas e ainda seria importante ter na orgânica de um Batalhão armas AA, como os mísseis Stinger, e ainda uma Companhia ACar, tal como previsto no antigo CTP, para poder reforçar e aumentar o poder de fogo de uma Unidade sempre que necessário.

É ainda importante equacionar como será feito o transporte aéreo. O fracionamento das aeronaves é importante para que quando a força se encontre toda no solo a reorganização seja feita o mais rápido possível para que a sua capacidade de combater como uma unidade coesa seja restabelecida rapidamente. Neste âmbito, também é muito importante o nível de instrução e preparação de todos os militares Paraquedistas. A importância do soldado e do seu desempenho/prontidão após o salto e o nível de instrução de cada militar neste tipo de operações, é de elevada importância, pois na fase de reorganização é crucial que cada militar saiba como desempenhar o seu papel e que esteja consciente de todo o planeamento para que se consiga reunir com a sua unidade de modo a que o comando e controlo seja restabelecido o mais rápido possível para prosseguirem para o cumprimento da missão.

Os meios aéreos com que o transporte aéreo é feito também são muito importantes. Portugal tem trabalhado no sentido de ter meios para o lançamento deste tipo de operações. Segundo os excelentíssimos Generais Jerónimo e Perestrelo, está em processo de aquisição aeronaves EMBRAER KC-390 que vão aumentar a capacidade de transporte tático das FFAA. Mesmo com a aquisição dos KC-390, continua a existir o problema associado ao transporte estratégico que Portugal e a maioria dos países têm, ou não têm. Uma solução, caso Portugal tenha de conduzir uma Operação Aerotransportada pelos seus próprios meios, pode ser o recurso a aviões comerciais, para uma Base Avançada, num país amigo próximo do local onde se queira lançar a operação, onde estarão os aviões militares de Transporte Aéreo Tático.

A aplicabilidade dos lançamentos em massa continua a ser válido. Este tipo de Operações Aerotransportadas apresenta-se como uma importante ferramenta para qualquer poder político de um país ou para qualquer Comandante. É desta forma que se consegue ter capacidade de resposta rápida e fiável caso seja necessário projetar poder militar para locais distantes e/ou se tenha que ultrapassar obstáculos que possam condicionar ou impedir outra forma de projeção, de modo a exercer influencia numa dada região. Este tipo de forças apresenta ainda uma grande vantagem, que num país como Portugal é de grande importância, o custo de projeção, pois as Unidades de Paraquedistas, sendo ligeiras, não necessitam de tantos meios, como outras forças para desempenharem a sua missão. Projetar uma força Paraquedista pode ser mais fácil do que se julga, pois não é obrigatório que haja grandes planícies para que isso aconteça. Como o caso brasileiro demonstra, é viável, e se necessário possível a utilização de ZL de características especiais de acordo com o terreno e a ameaça, de modo a se conseguir ultrapassar obstáculos que de outra forma seria inexecutável.

O lançamento em massa poderá ser usado para explorar a surpresa e atacar o adversário no sítio mais inesperado vindos de onde não é previsível. A necessidade de uma infiltração aérea ou de uma rápida projeção pode ocorrer em qualquer tipo de conflito e pode ser em situações como de reforço de uma força, negação ao In da utilização de uma área de terreno, controlar nós e vias de comunicação, o retardar do avanço de uma força ou em qualquer situação onde um país tenha de influenciar decisivamente num curto espaço de tempo.

O conceito é válido porque permite colocar rapidamente um grande quantitativo de forças, em locais de outra forma inalcançáveis em tempo oportuno, não obstante, por

segurança dos meios envolvidos, nomeadamente os aéreos, requerer que se disponha de supremacia aérea para a sua realização.

As operações conjuntas e combinadas são cada vez mais uma realidade e o futuro das Operações Aerotransportadas com lançamentos em massa, devido à falta de capacidade da maioria dos países conduzirem operações deste tipo isoladamente. Outro fator que veio dar força a este tema foi a aposta norte americana em colocar a *173rd Airborne Brigade* em Itália. Esta aposta veio trazer a possibilidade de num futuro próximo haver este tipo de lançamentos num conflito, pois temos vindo a assistir a um aumento dos exercícios conjuntos e combinados, com vários países a contribuírem com meios de transporte aéreo e com as suas forças Paraquedistas. Nesta realidade, os exercícios têm sido conduzidos com o objetivo de aumentar a interoperabilidade entre forças e meios utilizados. A necessidade de interoperabilidade e a possibilidade, com grau de probabilidade elevado de usar ZL especiais levam a ter de se gerar novas doutrinas e TTP, de preferência iguais para todos os países aliados.

Existe ainda outra perspetiva pela qual os lançamentos em massa podem ser encarados. Dada a flexibilidade das forças Paraquedistas e das Operações Aerotransportadas, esta valência pode revelar-se bastante útil em situações que não os conflitos armados. Podem ser uteis no auxílio em caso de catástrofe ou de interferência na ordem pública, bem como no apoio às populações civis. Portugal, tem neste âmbito, constituída uma FRI que prevê também esse uso e que está pronta a atuar, num prazo de 5 dias a partir do momento em que recebe a ordem, em caso de algum problema com a diáspora portuguesa no estrangeiro ou nas ilhas.

Por último, importa realçar que hoje em dia a defesa do território nacional e da independência do País é feita fora das fronteiras, combatendo-se a ameaça no seu local de origem, por isso os países necessitam de ter forças ligeiras de fácil projeção para que possam corresponder aos seus compromissos internacionais. Este tipo de forças deve se caracterizar por um alto estado de prontidão, com um nível de treino superior, capazes de se adaptar a qualquer tipo de ameaça, seja convencional ou assimétrica, agindo de forma decisiva para alcançar os seus objetivos.

Durante a execução deste TIA surgiram algumas dificuldades: a limitação de páginas para a realização do mesmo que não tornou possível abordar todo o conteúdo inerente ao tema e outra foi a limitação do número de Apêndices e Anexos permitidos, sendo que estes servem para completar o conteúdo do trabalho e por isso não deveriam ser

limitados, até porque, caso o autor recorra a entrevistas, o estipulado é facilmente ultrapassado.

Recomendações de futuras investigações

No decorrer da pesquisa vários foram os conteúdos que foram abordados e que podem ser desenvolvidos dando origem a novos TIA's. No seguimento deste tema sobre a aplicabilidade do lançamento em paraquedas como vetor de projeção da força, pode ser desenvolvido um trabalho sobre o lançamento de pequenos grupos, seja de Precs ou de Operações Especiais. Este tipo de lançamento serve para atingir objetivos estratégicos, sendo que os tipos de infiltração aérea *High Altitude High Opening* (HAHO) ou *High Altitude Low Opening* (HALO) podem ser uma mais-valia para que a força não seja detetada.

Outro tema interessante poderia ser a evolução do paraquedismo militar, pois com o desenvolvimento do equipamento de combate e a necessidade do aumento da autonomia das forças, o paraquedismo militar teve de sofrer alterações no decurso da sua história.

O tema do Abastecimento Aéreo também de todo pertinente devido às possibilidade que este representa, não só na sustentação de uma força num conflito armado mas também no apoio a populações civis para fazer chegar mantimentos ou outro tipo de necessidades em casos de catástrofe.

O último tema que proponho é relativo à Operação Zeta, pois esta foi a maior Operação Aerotransportada, com lançamento, dos Paraquedistas portugueses e havendo alguém tão conhecedor como o Coronel Paraquedista Moura Calheiros, seria um tema muito interessante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, A., & Gomes, C. de M. (2000). *Guerra Colonial*. Lisboa: Diário de Notícias.
- Albarello, L., Maroy, C., Ruquoy, D., Digneffe, F., Hiernaux, J.-P., & Saint-Georges, P. de. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Albuquerque, R., & Bastos, J. (2016). Nunca houve tantos portugueses emigrados. *Expresso*. Retrieved from <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-04-09-Nunca-houve-tantos-portugueses-emigrados>
- Barañano, A. M. (2004). *Métodos e Técnicas de Investigação em Gestão*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Brasil, B. de I. P. do. (2016). Brigada de InfantariaPára-quedista. In *Challenge Inter Écoles de Parachutisme (CIEP)*. Lisboa: RPara.
- BrigRR, B. de R. R. (2016). *Diretiva nº 05/BrigRR/16 - Forças da BrigRR que integram a Componente Terrestre da Força de Reação Imediata (FRI) 2017*. Tancos.
- CEMGFA, C. de E. M. G. das F. A. (2012). *Diretiva Operacional nº 003/CEMGFA/12 - Força de Reacção Imediata*. Lisboa.
- CFT, C. das F. T. (2015). *Diretiva nº 09/CFT/15 - Aprontamento da Componente Terrestre da Forças de Reacção Imediata*. Lisboa.
- Chant, C. (2016). Operation Weserübung. Retrieved March 7, 2017, from <http://codenames.info/operation/weserubung-a/>
- Costa, J. (2015). Operação “ZETA.” Retrieved February 22, 2017, from <http://www.paraquedistas-boinasverdes.com/2015/09/operacao-zeta.html>
- Defense, D. of. (2016). *Joint Publication 1-02 - Dictionary of Military and Associated Terms*. Washington DC: Department of Defense.
- DW, D. W. (2017). Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Retrieved February 22, 2017, from <http://www.dw.com/pt-002/frente-de-liberta%C3%A7%C3%A3o-de-mo%C3%A7ambique-frelimo/t-17418268>
- EMFA, E. M. da F. A. (2017). Paraquedistas treinam procedimentos operacionais no Real Thaw. Retrieved from <http://www.emfa.pt/www/po/exercicios/artigo-RT9-002.005>
- Exército. (2016). Tropas Especiais Paraquedistas. Retrieved February 23, 2017, from <https://www.exercito.pt/pt/recrutamento/tropas-especiais/paraquedistas>
- EXÉRCITO, E.-M. DO. (2012a). *Pde 3-00 Operações*. Lisboa: Exército Português.

- EXÉRCITO, E.-M. DO. (2012b). *PDE 3-05-00 Operações aerotransportadas*. (E. Português, Ed.). Lisboa: Exército Português.
- EXÉRCITO, E.-M. DO. (2016a). *QO nº 09.02.11 BOAT*. Lisboa: Exército Português.
- EXÉRCITO, E.-M. DO. (2016b). *Quadro Organico nº 07.02.08 RPara*. Lisboa: Exército Português.
- EXÉRCITO, E.-M. DO. (2016c). *Quadro Organico nº 09.02.03 IBIPara*. Lisboa: Exército Português.
- Freixo, M., & Vaz, J. (2011). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas* (3ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Headquarters, D. of the A. (1990). *Field Manual 90_26 - Airborne Operations*. Washington DC: United States Army.
- History. (2009). Invasion of Sicily. Retrieved March 7, 2017, from <http://www.history.com/topics/world-war-ii/invasion-of-sicily>
- IESM, I. de E. S. M. (2014). *Orientacoes Metodologicas Para Investigação*. Exército Português.
- Ketele, J. M., & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lousada, J. M. (2012). *História das Tropas Pára-Quedistas Portuguesas, Vol. II - BCP 32*. (G. Almondina, Ed.) (1ª ed.). Torres Novas: Escola de Tropas Pára-quedistas (ETP).
- Megan, H., & Ian, M. (2015). The invasion of Crete – Operation Merkur. Retrieved March 7, 2017, from <http://eng.world-war.ru/the-invasion-of-crete-operation-merkur/>
- Pardal, L., & Correira, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal.
- Pereira, P., & Batista, M. (2014). Operação Neptuno: A Operação Aerotranportada Aliada no assalto à “Fortaleza Europa”. *Boina Verde*, N° 239, 6–13.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Recognition, A. (2013a). French Armed Forces Have Taken The Control Of The Airport In Kidal. Retrieved March 9, 2017, from http://www.armyrecognition.com/serval_operation_mali_french_army/french_armed_forces_have_taken_the_control_of_the_airport_in_kidal_3001131.html

- Recognition, A. (2013b). French Paratroopers of 2nd Foreign Legion Parachute Regiment were parachuted on Timbuktu. Retrieved March 9, 2017, from http://www.armyrecognition.com/serval_operation_mali_french_army/french_paratroopers_of_2e_rep_foreign_legion_parachute_regiment_were_parachuted_on_timbuktu_2801132.html
- Recognition, A. (2013c). New Airborne Operation by Engineer Paratroopers of French Army on Tessalit Airport in Mali. Retrieved March 9, 2017, from http://www.armyrecognition.com/serval_operation_mali_french_army/new_airborne_operation_by_engineer_paratroopers_of_french_army_on_tessalit_airport_in_mali_1002132.html
- Recognition, A. (2013d). Special Forces were Parachuted on the City of Tessalit to take the Control of Airport. Retrieved March 9, 2017, from http://www.armyrecognition.com/serval_operation_mali_french_army/french_special_forces_were_parachuted_on_the_city_of_tessalit_to_take_the_control_of_airport_0902131.html
- Républica, A. da. (2015). Constituição da República Portuguesa Sétima Revisão Constitucional – 2005. *Diário Da República, N.º 155 – I Série - A, de 12 de Agosto de 2005*.
- Ribeiro, P., Costa, A., & Fernandes, H. (2014). *Intervenção Militar Francesa no Mali Operação “SERVAL.”* Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- RPara, R. de P. (2016). Mass Drop in the current operational environment. In *Challenge Inter Écoles de Parachutisme (CIEP)*. Tancos: RPara.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- Sousa, M., & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios - segundo Bolonha* (5ª ed.). Lisboa: Pactor - Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- WW2Live. (2016). The 21 Best Infographics of D-Day - Normandy Landings. Retrieved March 7, 2017, from <http://ww2live.com/en/content/world-war-2-21-best-infographics-d-day-normandy-landings>

APÊNDICES

APÊNDICE A – DICIONÁRIO DE TERMOS

Abastecimento Aéreo – Desembarque aéreo de cargas por lançamento ou desembarque no solo. (EXÉRCITO, 2012)

Balizagem – Ação que consiste na colocação de ajudas no solo, meios rádio ativos ou passivos, telas, luzes, espelhos, fumos ou outros, destinados a facilitar a aproximação da aeronave e a execução do desembarque aéreo por lançamento ou aterragem. (EXÉRCITO, 2012)

Base Avançada (BAv) – Uma base que dispõe de um mínimo de instalações operacionais e de apoio, para a qual é projetada uma unidade ou parte dela com a finalidade de a partir daí desenvolver as suas operações. (EXÉRCITO, 2012)

Base de Partida – Área ou local contendo instalações adequadas ao apoio logístico ou outro. Localização a partir da qual são lançadas ou apoiadas as operações.

Cabeça de Ponte (CP) – Uma área designada em território hostil ou potencialmente hostil que, quando apreendida e mantida, assegura a projeção contínua de unidades, material, equipamento e abastecimento para as operações. É uma área usada como base para abastecimento e evacuação³⁶. (Defense, 2016) Esta pode ser um cabeça de praia, quando assegura a possibilidade de desembarques, ou pode ser uma cabeça de ponte aérea no caso da área ser um aeródromo ou aeroporto que assegure a aterragem em segurança de aeronaves.

Destacamento de Apoio Aeroterrestre (DAAT) – Unidade com capacidade para apoiar o lançamento de uma operação aerotransportada nos aspetos técnicos e logísticos de âmbito aeroterrestre. São assim designados os destacamentos do BOAT nos aeródromos de partida e nas zonas de desembarque aéreo. (EXÉRCITO, 2012)

Envolvimento Vertical – O envolvimento é uma forma de manobra ofensiva na qual a força principal contorna as principais posições defensivas do inimigo para conquistar objetivos na sua retaguarda. O ataque principal é dirigido ao flanco ou retaguarda do inimigo, fazendo passar as forças sobre as posições defensivas principais do inimigo envolvimento

³⁶ Tradução livre do autor.

vertical. A sua finalidade é conquistar objetivos na retaguarda inimiga tornando as suas posições defensivas principais insustentáveis face ao seu isolamento. (EXÉRCITO, 2012a)

Escalão de Assalto – Elemento de uma força com a tarefa de lançar o assalto inicial na área do objetivo. (EXÉRCITO, 2012)

Escalão de Seguimento – Elementos transportados para uma área-objetivo depois do escalão de assalto. (EXÉRCITO, 2012)

Lançamento – Saída de pessoal ou carga de aeronave em voo. (EXÉRCITO, 2012)

Largador – Oficial ou Sargento Paraquedista qualificado que controla, no que lhe compete, os Paraquedistas e material a lançar (cargas de acompanhamento), desde o momento de entrada na aeronave até à sua saída e emite as ordens respeitantes ao lançamento. (EXÉRCITO, 2012)

Payload – Capacidade de carga.

Precursos Aeroterrestres (Precs) – Paraquedistas especialmente instruídos, organizados, treinados e equipados, para efetuar o controlo de aeronaves em missões conjuntas. Estabelecem e operam os meios auxiliares para a navegação aérea, lançamento e reorganização de pessoal e material lançado ou desembarcado. (EXÉRCITO, 2012)

Reorganização – É o conjunto de procedimentos que permitem a uma unidade lançada em paraquedas adotar, nas melhores condições de velocidade e discrição, o dispositivo de combate necessário à execução da missão atribuída. (EXÉRCITO, 2012)

O Sucesso ou fracasso da missão pode depender de quão rápido a força consegue recuperar a integridade tática. O primeiro objetivo de qualquer Operação Aerotransportada deve ser o lançamento e reunião no solo de todas as forças de combate disponíveis o mais rápido possível. Quanto mais cedo os militares se reúnem e se reorganizam como pelotões, pelotões em companhias, mais cedo podem verificar seu equipamento/armamento e começar a lutar como unidades coesas. O quão eficientemente e rapidamente isso acontece é um resultado direto do planeamento detalhado, carregamento cruzado na aeronave de assalto e reunião na ZL.³⁷ (Headquartes, 1990)

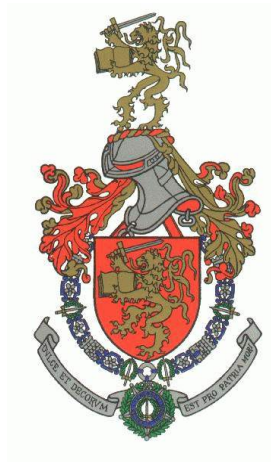
Transporte aéreo Estratégico – Capacidade de transporte aéreo de pessoal, material, equipamento e abastecimento para e entre Teatros de Operações.

³⁷ Tradução livre do autor.

Transporte aéreo Tático – Capacidade de transporte aéreo de pessoal, material, equipamento e abastecimento dentro do Teatro de Operações.

Zona de Lançamento – Zona específica sobre a qual Paraquedistas, equipamento ou abastecimentos, são lançados. (EXÉRCITO, 2012b)

APÊNDICE B – ENTREVISTA TENENTE-CORONEL BERNARDINO



ACADEMIA MILITAR

Trabalho de Investigação Aplicada

ASSUNTO: Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspetiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.

Entrevista ao Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista João Bernardino

Perfil do Entrevistado

Nome: João Francisco da Costa Bernardino

Entrevista n.º: 1

Idade: 50 anos

Local: RI15

Organização: Exército Português

Localidade: Tomar

Posto: Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedistas

Hora Inicio: 271500Mar17

Função: Cmdt do 1BIPara/CompTerrestre FRI

Hora Fim: 271600Mar17

1. Que capacidades devem ter as modernas forças Paraquedistas?

- Capacidade de Combate noturno;
- Capacidade de combate anti carro;
- Capacidade de se movimentarem com meios ligeiros, parachutaveis;
- Capacidade de C3I de ultima geração recorrendo a sistemas GPS, comunicações satélite;
- Capacidade de utilização de meios DRONE ou RPV;
- Capacidade de interoperabilidade dos meios, com meios aéreos e terrestres.

2. Quais as fragilidades das forças Paraquedistas e como podem ser colmatadas? Para além das limitações gerais de todas as forças Paraquedistas (fraca proteção,

isolamento, curta autonomia), quais poderão ser as principais dificuldades encontradas pelas forças nacionais numa operação deste tipo?

Para além das sobejamente conhecidas e sublinhadas no PDE 3-05-00, o homem é a sua maior fragilidade e ao mesmo tempo o seu maior valor.

Começar pelo incentivo contrariando a falta de voluntários que queiram vir para as tropas Paraquedistas, a motivação permanente dos seus quadros, o treino rigoroso e a manutenção das qualificações nas suas diversas vertentes. A aquisição de material e equipamento de qualidade e que responda proficientemente às necessidades da força. Se o homem (sentido lato) não estiver motivado, disciplinado e devidamente treinado, os custos vão ser demasiadamente elevados, o que na situação atual levará a tomadas de decisão que podem mesmo colocar em causa a continuação das tropas Paraquedistas.

Quando falamos numa Operação Aerotransportada temos logo de pensar na capacidade dos meios de transporte aéreo. Os Paraquedistas estão dependentes dos meios da Força Aérea que hoje em dia são diminutos, com os meios da FA temos capacidade de lançar uma companhia, mas para lançar mais que uma companhia Portugal está dependente de meios de outros países.

Uma das características das Operações Aerotransportadas é a surpresa, a capacidade de deslocar uma força de grande efetivo durante a noite e projeta-la no terreno sem que o In ou a ameaça se aperceba. Uma das limitações que de momento enfrentamos é a execução de operações em ambiente noturno ou de muita fraca visibilidade. Quando comparados a ameaças assimétricas, como no Afeganistão ou no Iraque, o nosso equipamento de visão noturna confere-nos vantagem perante esse tipo de ameaça que não se encontra devidamente equipada, mas se fizermos a comparação com forças convencionais, exemplo da Rússia no conflito da Crimeia, este tipo de força está muito melhor equipada.

Limitação nos sistemas de comando e controle tendo em consideração a interoperabilidade em operações conjuntas e combinadas. Esta limitação, aliada à anterior, faz com que o processo de reorganização, critico numa Operação deste tipo pois a força está dispersa pela ZL e onde por vezes o militar tem de ir procurar o seu equipamento individual que o perdeu durante o salto, a força tem de procurar as cargas de porta lançadas com equipamento/armamento e abastecimento, seja mais demorado e inseguro podendo inclusive correr o risco de fratricídio durante o processo. Estas dificuldades encontradas durante reorganização poderiam ser diminuídas com a aquisição de meios de visão noturna com

capacidade Infravermelho, podendo até acoplar-se luzes infravermelhas, invisíveis ao olho humano, tanto nas cargas como aos próprios militares facilitando a sua identificação.

Sendo hoje em dia muito importante para os Altos Comandos de Forças ter uma visão permanente do que acontece no Campo de Batalha, é também uma limitação a nossa falta de meios na aquisição de imagem em tempo real.

3. Até que ponto a capacidade de sustentação de uma força Paraquedista poderá condicionar o seu emprego?

Tudo depende da missão e tarefas a realizar. Forças deste tipo, são direcionadas para combate de grande intensidade e de curta duração. Quando planeias uma Operação Aerotransportada tens de planear exaustivamente como queres utilizar as tropas Paraquedistas, não só que vai ser a missão mas também o que vai acontecer no término desta. O militar Paraquedista combate com o que transporta, ou leva às costas, está preparado para combater durante três dias sem ser reabastecido. Depois para manter o combate terá que ser reabastecido com o necessário para continuar o cumprimento das suas tarefas, sendo que a altura em que este reabastecimento vai acontecer será determinada pela intensidade do combate. O soldado Paraquedista deve ser um militar treinado para usar o que o campo de batalha lhe fornece, ou seja, após o salto para cumprir a missão se acabam as munições ou se a arma fica danificada, o Paraquedista deve ter o conhecimento mínimo para conseguir utilizar as armas ou as munições que encontra no terreno, nossas ou das forças opositoras. Depois há que pensar como e onde é que vamos reabastecer estes militares, por isso é que têm de ser pensadas zonas de reabastecimento para poderem ser reabastecidos via aérea. Planeiam-se zonas principais e alternativas consoante a modalidade de ação.

Caso a capacidade individual para combater se esgote, o militar não consiga tirar partido do que o campo de batalha lhe fornece e posteriormente a força não seja reabastecida, podes acabar por não cumprir a missão podendo mesmo vir a ser capturado.

Uma das soluções é a de dar capacidade de se movimentar com meios ligeiros, parachutáveis, como com as tais mulas mecânicas que estão a ser, ou vão ser, adquiridas de acordo com a lei de programação militar, como te falei na primeira questão. Penso que estes veículos vão trazer uma mais-valia às tropas Paraquedistas porque com estes meios a unidade responsável por transportar os reabastecimentos para alimentar o combate, a Companhia de Comando e Apoio (CCA), vai ter a capacidade de transportar as munições, as armas e reabastecimentos de várias classes para poder dar continuidade ao combate e ainda a capacidade de transportar os militares que ficarem feridos para um local de reunião.

Isto quando falamos de um lançamento a partir de unidade escalão Batalhão, pois uma UEC não tem capacidade para transportar toda esta logística.

4. Como comandante do 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista (1BIPara), quais são as principais preocupações na composição e articulação da força para uma Operação Aerotransportada com inserção através de lançamento?

Quando se recebe uma missão tens de fazer a avaliação da ameaça e do risco e para essa avaliação tens de determinar que tipo de oposição é que vais encontrar. Consoante essa avaliação adequar a composição e a articulação das forças de acordo com a missão, tarefas a efetuar e a ação ulterior. A manutenção permanente da capacidade de comando e controlo e o cumprimento da missão mesmo com uma elevada taxa de baixas.

Para uma operação com lançamento tens de ter em conta o fracionamento das aeronaves. Tens de ter o cuidado de ter as aeronaves preenchidas com o pessoal colocado para o cumprimento da missão, mas tens de ter atenção a outra coisa, se a aeronave for abatida os comandantes não podem estar todos na mesma aeronave, os comandantes, os homens das transmissões, as armas ACar, etc, ou seja, os principais elementos, pessoal ou material, devem estar colocados em aeronaves diferentes para que em caso de algum problema com uma aeronave não seja comprometido o cumprimento da missão.

5. Como é que o meu Tenente-Coronel considera que o 1BIPara está equipado e armado para o cumprimento da sua missão? E no caso específico da componente terrestre da FRI?

Temos o que o exército nos pode fornecer. Existem lacunas, sim é verdade, mas que vão ser colmatadas com a aquisição de material, equipamento e armamento que está a ser adquirido e que esperamos muito em breve receber, já que algum do material, armamento e equipamento está a atingir o ponto de saturação máximo. De acordo com a Lei de programação Militar em vigor irá ser feita a aquisição de diverso armamento e equipamento nos quais se incluem não só as novas espingardas automáticas mas também armas anticarro de curto, médio e longo alcance.

A CompTerrestre da FRI é de constituição modular e por isso, apesar da Unidade de manobra ser uma UEC, é possível dotá-la de meios de apoio e equipamentos existentes na orgânica de material do BIPara e assim incrementar o seu potencial para o combate.

Reitero, que no âmbito da FRI, tal como disse para qualquer outro emprego do BIPara é fundamental ter meios interoperáveis, principalmente no que à capacidade de comando e controlo diz respeito. Esta é uma preocupação permanente do Comandante.

6. Desde que assumiu funções alguma vez desenvolveram treinos de uma Operação Aerotransportada com lançamento em massa? Se sim, quantas vezes? Pode-me dizer em que circunstâncias de desenrolaram e como correram?

Até ao momento não. O Exercício ORION17 contempla um *mass drop*. Estamos a planear e treinar para que a execução decorra sem incidentes e em segurança. Este vai ser um exercício Combinado em que o 1BIPara vai receber de reforço uma Companhia americana reforçada. Está previsto serem lançados os dois BIPara, como *Initial Entry Force* para a realização de uma NEO, cada BIPara na sua ZL e a partir das quais irão desenvolver, executando uma marcha para o contacto, para atingir objetivos distintos que irão materializar uma Cabeça de Ponte Aérea para permitir a evacuação. O 2BIPara vai ficar junto de um aeródromo e o 1BIPara vai executar uma operação de moldagem que vai permitir que o 2BIPara execute a evacuação de não combatentes em segurança.

A Operação Aerotransportada a realizar será planeada e executada tal como descrito, em todos os passos, na PDE 3-05.

7. No âmbito do aprontamento do 1BIPara têm conduzido treinos que permitam melhorar a interoperabilidade com outras forças? Como está o 1BIPara preparado para uma situação em que tenha de executar uma operação de junção (após uma operação aerotransportada) com uma força de outra índole?

Sim temos. Ainda recentemente efetuámos um exercício com militares de uma unidade paraquedista dos EUA. O Batalhão está preparado, no entanto, os meios rádios atuais são um constrangimento, muitas vezes não são compatíveis com todas as forças, nomeadamente as estrangeiras. Normalmente ultrapassamos este tipo de dificuldades com a efetivação de elementos de ligação, equipados com os respetivos meios de comunicação, que são trocados entre as forças.

8. Como comandante da componente terrestre da FRI, em caso de ativação desta quais são as situações com maior probabilidade de lançamento em paraquedas da componente terrestre?

- Projeção para um local muito afastado, num curto espaço de tempo de resposta a fim de reforçar a segurança a um ponto sensível, quando não exista capacidade da aeronave aterrar ou de reforçar por outros meios.

- Reforço de forças amigas em situação de crise, onde se exija uma resposta rápida, a grande distância e que seja impossível a colocação de outras forças por meio terrestre;

- Demonstração de capacidade com o fim de evitar aumento de tensão durante uma crise num país ou mesmo em território nacional, como por exemplo no apoio a forças de segurança numa das ilhas ou incremento da segurança a um ponto crítico, sensível ou segurança a pessoas em perigo iminente;

- Isolar e manter a segurança a uma área crítica ou sensível depois de uma situação de calamidade natural, desastre ou ataque.

9. Qual a sua opinião sobre a aplicabilidade deste tipo de operações (com lançamento em massa) nos conflitos atuais e futuros?

Depende do que se entende com um salto em massa: uma ou mais divisões, uma Brigada um Batalhão? Número de meios envolvidos, 4, 10, 30 aeronaves? Operações como a Market Garden, Merkur (Mercury), Husky, Overlord (Neptune), Varsity, a probabilidade de acontecer é muito diminuta até porque não existem atualmente países com um elevado numero de unidades preparadas para executar este tipo de operações executadas na 2ªGM. No entanto relembremos que num passado relativamente recente a invasão de Timor Leste em que a Indonésia utilizou Unidades de Paraquedistas, a crise no Suez, (Operations Machbesh & Musketeer), Granada, Suez, Iraque (Operation Enduring Freedom), Operation Black Thunderstorm, Operação Serval etc. Para países com grande capacidade de projeção estratégica, sim é aplicável, devido aos meios envolvidos e à necessidade de reduzir significativamente a ameaça e o risco das operações com esta envergadura.

Existem inúmeras situações em que a forças Paraquedistas podem ser uma importante ferramenta para a política nacional, estratégica e governamental de um país. As Operações Aerotransportadas e o uso das tropas Paraquedistas podem ser aplicadas no caso de defesa de fronteiras, efetuando o lançamento de Pelotões distanciados por quilómetros ao longo da fronteira. Outro exemplo pode ser a ameaça de um embaixador ou a um ministro que vai ao estrangeiro e a situação complica-se, com esta capacidade consegue lá colocar uma companhia em poucas horas. Mas para tal é preciso que os órgãos de poder tenham capacidade de adaptar as características das tropas Paraquedistas e aceitarem correr riscos.

As operações com lançamento em massa têm futuro, hoje em dia com a situação da Ucrânia, com a NATO a querer demonstrar capacidade e mesmo com estes exercícios que estamos a ter com os EUA com eles a quererem conhecer o nosso material e as nossas

capacidades não é descabido um dia destes virmos a ter uma operação com lançamento em massa com forças da NATO. Tudo depende da definição da mesma, para nós, para a nossa realidade lançar os dois ou mesmo um Batalhão já é um salto em massa, e os nossos batalhões estão reduzidos. Não deveríamos perder a capacidade de projetar Forças até unidade escalão Batalhão. Tudo depende da aceitação do risco e em situações muito bem definidas, que implicará surpresa completa, ou uma supremacia total do espaço de batalha. Para unidades Escalão Companhia o risco é menor, no entanto tudo depende da capacidade tecnológica da ameaça.

10. Neste âmbito, quais os tipos de conflito ou outras situações atuais onde se poderá perspetivar mais facilmente o emprego de uma operação aerotransportada com lançamento em massa?

Unidades deste género são sempre um fator dissuasor. Estas operações têm também um grande coeficiente psicológico, se tens uma capacidade de projetar forças tão rápido, a ameaça antes de fazer seja o que for vai pensar duas vezes, tal como foi exemplo na guerra colonial em Africa, na Operação QuiPedro e na Operação Zeta.

Tudo depende da estratégia de um países, ou de uma organização e da sua aceitação do risco, que hoje em dia é muito elevado devido à evolução da AA que aumenta a probabilidade de um avião ser abatido.

Ao Nível estratégico, a NATO deveria ter capacidade de intervir com o emprego de operações teste género e envergadura, com capacidade de transporte aéreo e de destruir ou cegar estas ameaças. Na realidade é isso que está a acontecer com a colocação de unidades dos EUA com esta valência na europa, o caso da 173rd Airborne Brigade em Itália.

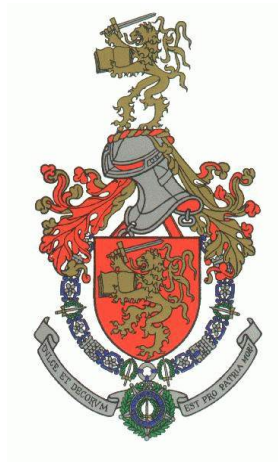
Se bem equipadas, treinadas e orientadas as Operações Aerotransportadas com lançamento em massa podem ser aplicadas a qualquer tipo de conflito de acordo com o conceito doutrinário de tipos de conflito. Se queres projetar uma força num curto espaço de tempo para uma grande distância estas operações são a melhor hipótese.

Os quadros em que este tipo de operação pode ocorrer salientaria os apontados anteriormente, reforço de unidades amigas, controlo, conquista de pontos sensíveis ou críticos e segurança de áreas ou populações.

No nosso caso em concreto um dos cenários possíveis é uma situação complicada numa das nossas ilhas em que as condições do mar não permitem que os navios ataquem nos portos, em que a segurança está posta em causa e que as forças de segurança da ilha

tenham dificuldades em manter o controlo, ou é necessário reforçar a segurança de um ponto crítico com as Lages, se tiveres necessidade de lá colocar uma força destas, uma companhia tu colocas lá num instante, de um dia para o outro tu colocas lá uma força, pronta a montar segurança ou a executar qualquer tarefa que lhe tenha sido atribuída (estando dependente das condições meteorológicas). Evacuação de não combatentes também é um possível cenário, por exemplo na Venezuela, podes lançar uma companhia de Paras mas para evacuar portugueses num país tao grande, com meio milhão de portugueses, vais precisar de apoio extra como por exemplo de países amigos perto, para ser uma base intermedia de apoio como pode ser o caso do Brasil, de modo a que constituas uma base operacional avançada onde colocavas os portugueses na Venezuela até aos meios de evacuação chegarem e levarem os portugueses para o Brasil.

APÊNDICE C – ENTREVISTA CORONEL MOURA CALHEIROS



ACADEMIA MILITAR

Trabalho de Investigação Aplicada

ASSUNTO: Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspectiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.

Entrevista ao Coronel Moura Calheiros

Perfil do Entrevistado

Nome: José Alberto de Moura Calheiros

Entrevista nº: 2

Idade: 80 anos

Local: Casa do Cor Calheiros

Organização: Exército Português

Localidade: Oeiras

Posto: Coronel na Reforma

Hora Início: 291530Mar17

Função: CEM do Corpo de Tropas Paraquedistas **Hora Fim:** 291730Mar17

- 1. Quais as características das tropas Paraquedistas que considera serem as mais importantes? De acordo com a sua experiencia nos Teatros Ultramarinos, considera que essas características foram potenciadas? Se sim, como? Se não, por quê? Quais as grandes diferenças e as maiores vantagens do uso dos Paraquedistas, na Guerra Ultramarina, em relação às outras forças do Exército Português?**

No tempo da Guerra de Africa os Paraquedistas tinham muitos voluntários, ser Paraquedista para aquela juventude era um sonho naquela época. Desta forma que nós tínhamos a possibilidade de fazer uma grande seleção, claro que nem sempre escolhemos os melhores e que deitamos muitos bons fora, mas a média que nos aprovamos era gente muito

resistente com grande vontade e sempre muito motivada e tinha uma característica que agora não existe, a nossa população era muito rustica, estavam habituados a sofrer nas suas aldeias nos seus trabalhos, a juventude começava a trabalhar no duro aos 11 anos 13 anos, desta forma quando chegavam aos 16 anos era já homens feitos, muito endurecidos e muito experientes, como tal a massa humana era boa e a que eram escolhida ficava ainda melhor portanto as características do nosso povo de então eram excepcionais para a guerra, se não fossem essas características a não teria sido possível uma guerra daquelas duram 14 anos. Esta gente já selecionada depois tinha uma instrução que era muitíssimo boa e exigente, a formação de um soldado durava cerca de sete meses, desde que entrava até que se tornava caçador Paraquedista. Dos 5 dias de instrução semanais 3 deles incluíam instrução noturna, para nos treinar de noite era tao importante como treinar de dia, e treinávamos em qualquer tipo de clima fosse a chuva ou ao sol.

A exigência do curso era progressiva de modo que quando chegavam ao fim o ritmo de instrução era enorme e de grande violência, lembro-me que todos os dias do meu curso pensava em desistir e a interrogar-me se aguentaria o dia de amanhã, por isso quando chegávamos ao fim e ganhávamos a Boina Verde e o Brevet era uma distinção bestial

O curso de Paraquedismo devido a estas características, o curso tinha uma mística que ajudava a suportar as dificuldades depois sentidas em Africa. Só na verdade com essa preparação e essa mística é que era possível aguentar o que passamos em Africa.

A instrução nos Paraquedistas tinha outra característica que no exército não tinham, o curso e o treino dos militares era dado por Sargentos e Oficiais que já tinham estado em Africa, que já tinham experiência e que ensinavam aos menos experientes os truques. O pessoal instrutor já era batido. Enquanto no EP era um treino de massa dado por instrutores que também nunca tinham estado na Guerra.

Nos Paraquedistas a rendição das Unidades em Africa não era como no Exército que se rendiam as Unidades completas, a rendição era feita por homem individualmente, assim nunca havia unidades maçaricas, ou seja, formadas só com pessoal que nunca tinha ido à Guerra. Deste modo havia uma uniformidade, um padrão de comportamento das unidas. Talvez o Exército não tivesse esta possibilidade, o que o EP fazia era que as Unidades iam como um todo, e nos primeiros 6 meses estavam num período de aprendizagem, de seguida estavam um ano em que eram na verdade operacionais já com experiencia e nos últimos seis meses já havia uma poupança nos riscos que corriam porque queriam era manter-se vivos, no final as unidades perdiam rentabilidade tal como no inicio enquanto ainda estavam a

aprender. As Unidade Paraquedistas eram mais regulares e constantes, sempre com um desempenho bom, como a rendição era individual, nunca era rendido uma secção inteira, um pelotão ou um Companhia. Isto dava uma grande vantagem em relação ao serviço militar normal e ainda a mística que levava a que os militares tivessem confiança em si e que estivessem convencidos que eram bons, e que a motivação fosse constante desde o início da Guerra até ao final. O que não quer dizer que no EP não houvessem Unidades tão boas e até melhores que as dos Paraquedistas.

2. As forças Paraquedistas faziam preparação específica, em Portugal, para execução de Operações Aerotransportadas nas províncias ultramarinas?

Claro que fazíamos, repare que a instrução era toda orientada nesse sentido. A parte do curso de Paraquedismo de instrução de combate, já era instrução de guerrilha, controlo de populações, a preparação era orientada para o que se ia encontrar em Africa. Quando chegavam a Angola, Guiné ou Moçambique não iam executar nada de novo, só tinham que se adaptar ao Teatro de Operações. Os três TO eram completamente distintos entre eles em termos de condições meteorológicas ou terreno, as vezes ate mesmo dentro do próprio teatro, o norte de Angola era diferente do leste, mas a maneira de combater era idêntica.

Em Portugal fazíamos treinos com as fases todas das Operações Aerotransportadas, desde a balizagem ao lançamento e ao combate no solo. Com estes treinos criávamos uma base de conhecimento sólida que garantia que estávamos prontos a executar uma operação em qualquer um dos Teatros, só tínhamos que nos adaptar às circunstâncias. Por exemplo nós preparamos a Operação Zeta muito rápido, para nós não teve grande dificuldade, não houve nada de novo.

3. Considera que a Operação Zeta é ainda hoje um bom exemplo da utilização dos lançamentos em paraquedas na execução de uma operação aerotransportada? Sabendo que o meu Coronel é conhecedor do Teatro de Operações de Moçambique qual era na altura o maior problema para a realização deste tipo de operações nesse Teatro? E nos outros?

Sim acho que é um bom exemplo, devido à forma como foi planeada e como correu tendo em conta também que era uma operação muito arriscada. Apesar de um incidente, o primeiro avião lançou os Paraquedistas antes do sítio que era suposto. O objetivo, a base Limpopo, estava muito afastada das nossas guarnições mais próxima Nangade e Mocimboa do Rovuma e as características muito ravinosas do terreno e a existência de múltiplas zonas

pantanosas nas linhas de água, dificultavam muito o acesso, via terrestre, das nossas tropas à região.

Eu fiz parte da Equipa de Precs que fez a balizagem, nos fomos lançados vindos de um ponto diferente do BCP que foi lançado, sei que tive dez quinze minutos para fazer a balizagem e que quando terminei vi o primeiro avião a aproximar-se, esta maneira de operar só foi possível porque tínhamos os procedimentos bem treinados. A Operação Zeta foi executada numa situação extremamente favorável, havia uma ZL muito favorável perto da Base Limpopo.

O pessoal da Base Limpopo nunca lhes passou pela cabeça que alguém saltasse de paraquedas num pântano.

Nos estávamos preparados para executar uma Operação Aerotransportada em qualquer teatro devido ao treino que tínhamos.

Mas após esta Operação e com a evolução da guerra a oportunidade de executar este tipo de Operações Aerotransportadas com lançamento em paraquedas, começou a ser mais complicada. Ao início a ameaça montava as bases perto da orla da mata, para poder apanhar sol, porque a vida dentro das matas era muito difícil, com muita humidade e pouco sol. Mas com o decorrer da guerra e com o aparecer de novos meios de Portugal, como helicópteros que permitiam lançar heli-assaltos, começaram a montar as suas bases longe de zona descampadas e mais no centro das matas. Numa fase posterior ainda arranjam outro requinte que foi colocar população à volta das matas, o que nem nos permitia nos aproximarmos mesmo quando eramos deixados de helicóptero perto da orla da mata e nos aproximávamos durante a noite. O que fazíamos para contornar isso era através de fotografia aérea ou de voo de aeronaves determinávamos onde era as bases e de seguida procurávamos clareiras, o mais próximo possível, onde pudéssemos aterrar um helicóptero para lançarmos o assalto. Nos outros teatros funcionava da mesma maneira que em Moçambique.

Isto em termos de utilizar o salto em paraquedas para o assalto a uma base. Porque no início as estradas estavam todas cortadas e foram utilizados saltos em paraquedas em Angola, para ocupar Sacandica, na Serra da Canda e ainda houve mais uma, para chegar a zonas afastadas onde não se conseguia chegar sem ser assim. Houve em Cabinda, que era uma região de difícil mobilidade devido ao seu terreno ser do género da floresta Amazónica, saltos numa povoação no meio de Cabinda, para o Comando Chefe mostrar à população que podia ser rapidamente socorrida rapidamente. O Comando Chefe usava os saltos para

demonstrar capacidade, dizia que no dia tal à hora tal ia haver tropa numa região e nesse dia acontecia o salto em Paraquedas.

Houve também no início da Guerra um avião que caio com o Comando Chefe e com o seu Estado-Maior, foi preparado uma avião com médicos e enfermeiras que ainda andaram a sobrevoar a zona mas que acabaram por não saltar, por verificarem que já havia ajuda na zona. Foi outra possibilidade de lançamento.

Outro exemplo que lhe dou da aplicação do lançamento em paraquedas foi o que ocorreu na Guiné para defesa do General Spínola que iria se encontrar com o Presidente Senghor, o General Spínola já tinha sido quase apanhado uma vez que mataram três Majores que andavam em conversações de Paz, por acaso nessa reunião o General não foi, nós como medo que fosse uma armadilha pusemos aviões a sobrevoar a zona com Paraquedistas que iriam ser lançados caso fosse necessário.

4. Qual a capacidade de sustentação/logísticas que as nossas forças tinham naquela época? Como era entendida a necessidade de prolongamento das operações?

Tantas vezes que as Operações eram perlongada, as vezes até podia ser antecipada, mas a sustentação nunca foi um problema, nos normalmente quando íamos para as Operações tínhamos sempre uma data para terminar, mas era meramente informativo, em Moçambique eram sempre quatro dias, mas quando era necessário perlongar eramos reabastecidos por lançamento de cargas ou por helicóptero. Por vezes até chegamos a ser reabastecidos por cargas sem paraquedas, preparadas em caixas bem protegidas e depois nós aproveitávamos o que desse para aproveitar. Isto caso fosse necessário porque muitas vezes nos usávamos o que o TO nos dava para nos sustentarmos a nível de víveres, bebíamos água das lianas, fazíamos buracos e filtrávamos a areia com lenços, lambíamos folhas de manhã que tinham humidade. Até porque nos não gostávamos de ser reabastecidos, porque assim que eramos reabastecidos, perdia-se a surpresa e eramos detetados.

5. Na sua opinião houve alturas na Guerra Ultramarina em que se poderia ou deveria ter-se optado por lançamento de Paraquedistas? Porque não foi feito?

Não, não me estou a recordar de nenhuma situação onde se deveria ter optado pelo lançamento de Paraquedistas nos três TO, quando foi necessário optar pelo lançamento foi feito, e muito bem feito.

6. Qual a sua opinião sobre a aplicabilidade deste tipo de operações (com lançamento) nos conflitos atuais e futuros?

Hoje em dia numa Guerra Convencional pode ser pouco provável de ser aplicado mas só o fato de ter essa capacidade, caso haja necessidade dá tranquilidade a qualquer comandante. Vejo essa possibilidade mais em Africa, como aconteceu à relativamente pouco tempo, onde as forças não são tão evoluídas, não têm estes meios modernos que agora há de detecção de aeronaves, de defesa AA e mesmo os próprios meios aéreos.

Neste âmbito do quadro convencional vejo mais provável o emprego do lançamento em paraquedas de pequenos grupos de Precs ou de Operações Especiais, com operações de infiltração através dos saltos de grande altitude. Apesar de que um lançamento em massa também pode ser necessário.

Pode também haver lançamento de Paraquedistas para outro tipo de ações ou para fazer face a uma ameaça irregular.

7. Neste âmbito, quais os tipos de conflito ou outras situações atuais onde se poderá perspetivar mais facilmente o emprego de uma operação aerotransportada com lançamento em massa?

Vejo o lançamento em massa mais para um conflito contra uma ameaça irregular meios menos desenvolvidos. Nos estávamos preparados para executar uma Operação Aerotransportada em qualquer teatro devido ao treino que tínhamos.

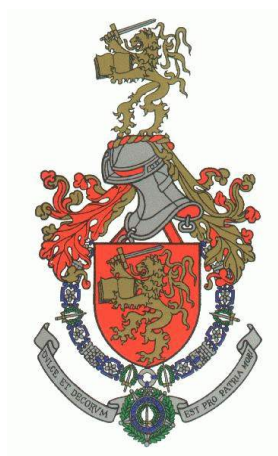
Contudo é muito importante esta valência. Nós em Africa apesar de não ter sido muito utilizados, era de um valor extremo ter a possibilidade se necessário ter a capacidade de por um batalhão inteiro onde quiséssemos. É uma vantagem grande para o comando ter essa possibilidade, pode não precisar mas é um descanso saber que tenho uma força preparada para tal. Como aconteceu na Operação Zeta, uma operação complicada que foi precisa muita coordenação, mas a força estava tao bem preparada que foi um sucesso.

Agora em termos de outras situações parece-me perfeitamente adequado falarmos neste tema. É a melhor forma de meter muita gente num determinado sítio. Como falei quando lhe descrevi a Guerra Colonial, existem um grande número de possibilidades onde podemos aplicar os lançamentos em massa: Desde a ter uma força no ar preparada a saltar caso haja necessidade de intervir num invento como uma reunião onde está uma alta entidade; Auxilio a populações em caso de catástrofe natural ou de outra situação que seja necessário socorrer uma população e que não haja maneira de lá chegar como em Cabinda; Lançamento de pessoal e material necessário para socorrer alguém que tenha estado

envolvido numa tragédia, seja através de médicos e enfermeiros quer com essa valência quer seja através do Tandem.

Mesmo que a Zona não seja a ideal podemos sempre fazer o lançamento em paraquedas, somos militares e o risco está inerente, aquele lançamento que fizemos lá em Cabinda ou mesmo na Operação Zeta houve tipos a ficarem pendurados em árvores, outros que se alejaram e outros que ficaram enterrados nos pântanos, mas com o auxílio dos outros seguiram para cumprir a missão, que foi cumprida.

APÊNDICE D – ENTREVISTA GENERAL JERÓNIMO



ACADEMIA MILITAR

Trabalho de Investigação Aplicada

ASSUNTO: Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspetiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.

Entrevista aos Oficiais Generais Jerónimo, Perestrelo e Correia

Perfil do Entrevistado

Nome: Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo **Entrevista n°:** 3

Idade: 61 anos

Local: Casa do Gen Jerónimo

Organização: Exército Português

Localidade: Entroncamento

Posto: General

Hora Início: 301500Mar17

Função: Reserva

Hora Fim: 301600Mar17

1. Que capacidades devem ter as modernas forças Paraquedistas?

Devem ser unidades ligeiras, para terem flexibilidade, com capacidade de projeção estratégica utilizando os meios adequados. Julgo que devem ter capacidade para num curto espaço de tempo estarem pontas para serem projetadas, isso implica treino, um treino constante e também ter equacionado uma serie de cenários de possível emprego, com planos adequados para esse possível emprego. Porque facilita, claro que na última fase da Operação, o plano tático terrestre não sabemos como vai ser, mas a parte do plano de movimentos e do fracionamento de aeronaves isso já pode estar feito, o que facilita o carregamento das aeronaves e a projeção da força.

Têm de estar dotadas tanto quanto possível com poder de fogo para poderem sobreviver. Em relação à proteção, é como um jogo, se lhe dermos muita proteção perdemos flexibilidade e ligeireza mas têm de ter a suficiente para garantir a integridade da força.

Devem ter boas comunicações, sobretudo comunicações a longa distancia porque são forças para serem projetadas a longa distancia, não são forças para serem empregues à “porta de casa”. Têm de ter boas comunicações com aeronaves, com o escalão da retaguarda.

E capacidade de observação e vigilância porque têm de tentar ver primeiro antes de serem vistas para reagir em tempo.

2. Quais as fragilidades das forças Paraquedistas e como podem ser colmatadas? Para além das limitações gerais de todas as forças Paraquedistas (fraca proteção, isolamento, curta autonomia), quais poderão ser as principais dificuldades encontradas pelas forças nacionais numa operação deste tipo?

Eu nunca optava por pesar tanto essas limitações, embora quando foi a transformação nos enveredarmos de uma força com alguma ligeireza tento em conta o tipo de conflito que foi a guerra subversiva, para uma força com alguma capacidade de atuar em conflitos de uma natureza mais convencional e pusemos maior peso em equipamento, em maiores calibres porque em Africa praticamente utilizava-se o morteiro, o lança granadas e nós pusemos morteiros armas ACar, os misseis, e alguma viaturas e meios de comunicações.

Essas fragilidades que refere devem ser compensadas numa fase mais adiantada da Operação colocando esses meios no terreno ou então sendo reforçada com outras forças que possuam esses meios e que possam dar alguma complementaridade às tropas Paraquedistas.

Agora nunca iria para uma solução em que a gente para ter máxima segurança, ficamos pesados e perdemos a nossa flexibilidade que é a característica principal. Se quisermos dar mais algum peso devemos fazer isso através do escalão de seguimento e apoio.

3. Qual a necessidade de Portugal possuir forças Paraquedistas? Quais as vantagens para Portugal em ter a capacidade de execução deste tipo de Operações Aerotransportadas com lançamento em massa?

Fundamentalmente por duas razões, são forças bem treinadas, altamente preparadas com grande capacidade de resposta. Temos essa vantagem de ter forças com algumas características, são forças com boa preparação física, psicológica e tiro, que deve ser bastante desenvolvida e com facilidade emprego e depois podem ser projetadas rapidamente e a longa distancia. É essa a vantagem para um comandante, seja o CEMGFA ou o próprio poder

político ter uma força com essa capacidade pode se, for essa a intenção, influenciar decisivamente numa área de interesse do país por ter essa capacidade altamente preparada e flexível que rapidamente pode colocar e influenciar decisivamente uma situação, ultrapassando massas de água e outro tipo de obstáculos.

Se nós não tivermos essa capacidade, não conseguimos reagir tão rapidamente a uma situação. Acho que devemos continuar esse tipo de forças, porque se perdermos essa capacidade depois para voltarmos a erguer quando voltarmos a ter a necessidade de usar, se não tivermos vamos ter muita dificuldade em voltar a erguer, se tivermos rapidamente a fazemos crescer ainda mais.

4. Tendo em conta a diáspora portuguesa e a configuração geográfica de Portugal (continente e ilhas), caso seja necessário fazer a evacuação de não combatentes e se justifique um lançamento em paraquedas de forças militares, como será a abordagem ao poder político?

Em princípio o poder político tem uma estrutura militar que está sobre a sua tutela e em função com o que nos deparamos, julgo que, e olhando para a panóplia de meios e forças que temos irá decidir o que será mais adequado para fazer face a uma situação. Tem-se visto ultimamente na BrigRR e no tempo do CTP chegamos a estar em situações de alerta e prontos a ser projetados para o apoio à diáspora, para São Tomé, Congo e Guiné. Portanto isso para fazer chegar rapidamente em tempo oportuno a um determinado local onde a situação se alterou e nós queremos dar uma certa tranquilidade aos portugueses da diáspora, só o conseguimos com uma força que consigamos projetar rapidamente, neste caso por aterragem ou lançamento e os Paraquedistas têm essa dupla valência. Porque mesmo se vir como foi a Operação Crocodilo os navios ainda demoram algum tempo a chegar, os primeiros portugueses e outros guineenses que foram recolhidos foram por um navio americano que estava de passagem, os meios navais não são tão rápidos como os meios aéreos.

Para chegar a esses locais em tempo oportuno penso que o poder político não vai decidir se saltamos em paraquedas ou não saltamos em paraquedas, a decisão passara por essas chefias militares que o aconselharão. Aqui temos o problema que pode ter de haver alguma intervenção política, porque muitas vezes esses locais onde temos de intervir estão muito distantes e nós não temos os meios suficientes para projetar um grande numero de forças e temos que recorrer a meios comerciais para levar a tropa e o material até uma base avançada e a partir daí fazer a ação sobre a área de interesse onde queremos atuar. Isso pode

implicar alguma negociação ao nível diplomático com o país onde queremos montar essa base avançada e para a utilização dos meios aéreos comerciais. Lembro-me de que se esteve para fazer uma intervenção, que não foi feita, à uns anos em São Tomé havia uma reunião da CPLP e diziam que havia elementos do Batalhão Búfalo, da Africa do Sul, lá infiltrados e nós tínhamos o Presidente Jorge Sampaio nessa reunião, de modo que se queria projetar uma Companhia para lá mas a partir do Gabão, a ideia inicial era levar o pessoal por vagas em dois C130 que fariam o trajeto entre Portugal e o Gabão até estar tudo projetado, claro que isto não era exequível, a opção teria de partir pela utilização de meios comerciais.

5. Na constituição de uma força para executar uma Operação Aerotransportada, quais são as maiores preocupações? Como seria feita a obtenção dos recursos necessários, tanto materiais como pessoais? Exemplo: capacidade de transporte estratégico.

Num quadro conjunto há de haver em termos NATO uma pool de aviões que façam o transporte estratégico, depois pode haver as coligações ad hoc de dois ou três países para missões e um desses países ter essa capacidade. Por exemplo quando eu dava instrução um dos exemplos que se citava era a operação em Kolwezi em que o Segundo Regimento de Estrangeiros Paraquedista embarcou em Córsega onde estão sediados, foram até Kinshasa onde embarcaram em aviões americanos e utilizaram os paraquedas americanos também, depois até houve uns problemas de ajustamento das mochilas e das armas aos paraquedas, e saltaram sobre o Kolwezi.

Portugal em termos de meios aéreos está um pouco limitado julgo que temos cerca de cinco C130 e nunca estão todos em condições de operar ao mesmo tempo, há sempre um a fazer uma inspeção intermedia ou uma grande inspeção, podemos agora vir a comprar até seis KC390, mesmo com esses meios se a taxa de operacionalidade não for 100%, que nunca é, conseguimos projetar até uma ou duas UEC, que foi praticamente o que lançamos na Operação Zeta. Podemos vir a ter a capacidade de lançar uma UEB a partir de uma Base Avançada ou se a área não for muito longe por vagas. No mercado não há meios para alugar e para ter meios de outro país só se o interesse for mútuo e haver um entendimento, mas devíamos ter capacidade para projetar até uma UEB.

O problema destas Operações é que se não tivermos já força suficiente no terreno é difícil ter profundidade para assegurar a defesa de um ponto sensível ou de uma CP.

Se tivermos que montar uma Operação Aerotransportada com lançamento em paraquedas temos de ter a preocupação de arranjar maneira de empastelar as comunicações

e assegurar a supressão da AA para haver o mínimo de atrição possível com a tropa na chegada ao local.

Outra preocupação que devemos ter é a preocupação que houve no tempo da Força Aérea com a reestruturação do CTP pelo Gen Almendra e o Coronel Calheiros. Em que a intenção era ter uma Brigada de Paraquedistas Ligeira, com três Batalhões de Paraquedistas, com uma Companhia de Morteiros Pesados, um Companhia ACar e um grupo operacional de Apoio de Serviços, nunca se teve tudo porque era caro ter e formar o pessoal, e agora depois da transição para o exército tivemos uma fase ou tendíamos para ter todo o pessoal a saltar em paraquedas e depois rapidamente passamos a ter unidades onde pouca gente salta em paraquedas, o que é mau, porque eu acho que devíamos ter para os dois BIPara o proporcional correspondente em Apoio de Serviços, de Combate e de Fogos com a valência do salto em paraquedas. Porque imaginemos, lançamos uma operação mas depois não temos gente além dos BIPara habilitada para saltar em paraquedas ou através mesmo de aterragem, vamos ter dificuldade em ter sucesso.

6. Uma Operação Aerotransportada pode ser sinónimo de uma operação de junção, como seria feita a ligação com as outras Brigadas? Como está a interoperabilidade entre Brigadas em Portugal? Está preparado para lançar uma operação com estas características?

Sinceramente não lhe sei dizer ao certo. Ao nível das Brigadas não se treinam Operações de Junção, mas a nível de escalões mais baixos há Operações de Junção, nos exercícios em Santa Margarida por exemplo quando uma força se movimenta para ir reforçar um flanco ou recebe outra força que se junta a eles, basta estabelecer mediadas de coordenação.

De certeza que nos manuais vem como deve ser executada, pode não ser uma prática habitual, mas rapidamente se adquire, porque os meios de comunicação são os mesmos. Aliás a nível de interoperabilidade, hoje em dia nas Operações de Apoio à Paz que temos participado os meios já se encontram no terreno e as forças das três Brigadas é que rodam e todos utilizam os mesmos meios, claro que não utilizam CC ou os meios de Artilharia, mas usam desde os rádios a algumas viaturas.

Nós há uns anos participámos num exercício em Itália, onde também participou uma Companhia do Quinto Batalhão da Brigada Folgore, e a nossa missão foi salta em paraquedas reorganizar e depois montamos em M113 e atuamos como força mecanizada. Que são as viaturas da nossa Brigada Mecanizada.

Durante o meu tempo no ativo, em alguns exercícios trabalhamos com outro tipo de unidades do EP, de Artilharia de Campanha por exemplo.

Por isso acho que não é preciso ter essa preocupação porque em caso de necessidade temos bases e maneiras de coordenar com outras forças.

7. Em que quadro de emprego se poderá perspetivar a opção por uma operação aerotransportada com lançamento de Paraquedistas? Qual a sua opinião sobre a aplicabilidade deste tipo de operações (com lançamento em massa) nos conflitos atuais e futuros?

Isso aconteceu numa altura em que essa capacidade era novidade e ninguém estava à espera que aparecessem elementos na retaguarda. Contudo acho que devemos ter mais exercícios para treinar ações típicas dos Paraquedistas, como conquista de CP e ações na retaguarda e não tantos exercícios onde os Paraquedistas atuam praticamente como Infantaria normal, apesar de estarem perfeitamente adaptados a este tipo de ações também.

Em Africa onde as FFAA são menos organizadas, embora as vezes tenham um meio ou outro mais moderno, é possível. Em face da urgência da situação pode haver necessidade de lançar esse tipo de Operação.

Mas num conflito convencional estou a ver a aplicabilidade como disse anteriormente, num quadro de uma aliança em que haja interesses comuns.

Este tipo de Operações podem ser necessárias no futuro em diversos cenários, além das que vem na doutrina como conquistar CP e executar Golpes de Mão, por exemplo negar ao In a utilização de uma área de terreno, interditar um itinerário, retardar o avanço de uma força, mesmo com perdas substanciais. Aliás na altura da transformação e modernização quando criamos a Companhia ACar foi numa perspetiva, à semelhança dos alemães, de conseguir negar um avanço de uma força blindada.

Acho que devemos para nós, Portugal, uma operação deste tipo não se aplica a uma Brigada mas sim a um Batalhão. Para tal temos de ter um Batalhão bem equipado e temos que ter capacidade de reforçar este Batalhão com meios, armas e equipamentos, e de o reabastecer à *posteriori*, seja através do lançamento de cargas ou através de um escalão de seguimento.

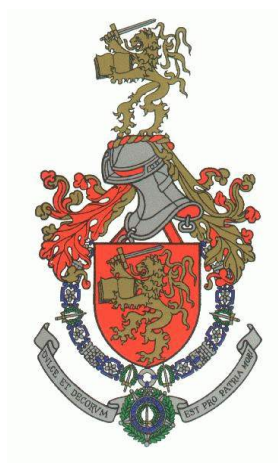
8. Neste âmbito, quais os tipos de conflito ou outras situações atuais onde se poderá perspetivar mais facilmente o emprego de uma operação aerotransportada com lançamento em massa?

Podem ser vários os âmbitos onde se pode dar o emprego de uma Operação Aerotransportada. Basta que haja a necessidade de uma infiltração aérea ou de uma rápida projeção, depois a atuação no solo pode ser de diferentes formas.

Num sítio qualquer há vidas ameaçadas, há pressão da população nacional sobre o poder político, o que temos mais rápido para poder empregar são os Paraquedistas. Claro que temos de ter em conta o que já referi, temos ter em conta o grau de ameaça AA e a capacidade de termos ZL ou de aterragem de aeronaves. Fundamentalmente acho que assenta sobre a necessidade de uma resposta rápida e se esse for o meio mais eficaz de colocar tropa no terreno.

Estou a ver o emprego dos lançamentos em massa também nas NEO, julgo que o emprego dos lançamentos em massa está ligado com a diáspora de portugueses no estrangeiro e com algum tipo de crise que possa surgir nas ilhas. Quando falo em crise pode ser algum tipo de catástrofe natural que tenhamos que socorrer rapidamente.

APÊNDICE E – ENTREVISTA MAJOR GENERAL PERESTRELO



ACADEMIA MILITAR

Trabalho de Investigação Aplicada

ASSUNTO: Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspetiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.

Entrevista aos Oficiais Generais Jerónimo, Perestrelo e Correia

Perfil do Entrevistado

Nome: Carlos Alberto Grincho Cardoso Perestrelo	Entrevista n°: 4
Idade: 56 anos	Local: Comando da BrigRR
Organização: Exército Português	Localidade: Tancos
Posto: Major General	Hora Início: 031430Abr17
Função: Cmdt da BrigRR	Hora Fim: 031515Abr17

1. Que capacidades devem ter as modernas forças Paraquedistas?

Esta tipologia de forças deve continuar a garantir o centro de gravidade em forças ligeiras, com uma organização flexível e assentes numa elevada operacionalidade e prontidão.

Dada a sua ligeireza devem ser unidades com grande capacidade de armas de apoio, sobretudo de armas ACar, Morteiros e de armas AA. Para que possam estar mais protegidas contra forças blindadas ou mecanizadas.

2. Quais as fragilidades das forças Paraquedistas e como podem ser colmatadas? Para além das limitações gerais de todas as forças Paraquedistas (fraca proteção,

isolamento, curta autonomia), quais poderão ser as principais dificuldades encontradas pelas forças nacionais numa operação deste tipo?

Tudo depende da tipologia de missão definida para o emprego de uma força Paraquedista e qual a ameaça presente no Teatro de Operações. As fragilidades identificadas numa força serão naturalmente colmatada em conformidade com condutas ou recursos que minimizem as limitações. Exemplo: Se na ameaça estiverem identificadas viaturas blindadas a doutrina refere que deverá haver um reforço em armas anticarro. O reforço de valências que minimizem os riscos será uma preocupação na ação de comando.

A temática do isolamento no campo de batalha, as eventuais operações de junção ou o processo de recuperação da força, representam fatores determinantes para as preocupações inerentes ao lançamento de uma operação aerotransportada. No decorrer das operações a superioridade aérea é relevante e a projeção da força, nomeadamente, a sua capacidade de carga transportada e o poder de fogo disponível, estão sempre dependentes dos meios aéreos atribuídos e das condições meteorológicas nas zonas de desembarque/lançamento. A eventual dificuldade para realizar evacuações médicas será também uma preocupação acrescida.

Em relação à FRI, esta é constituída pelo comando de Batalhão e pela companhia de manobra do BIPara, essa Companhia tem as valências daquela ordem de batalha que está formatada na diretiva e como é óbvio tem lacunas, é limitada em termos de ACar e em termo de AA, que não tem, e é uma obrigação que caio sobre a BrigRR, porque eu tenho a responsabilidade de apoiar aquilo que for a decisão dos chefes na altura, eu tenho que ter e tenho na minha diretiva, da Brigada, ordens diretas para terem estado de prontidão elevado, à semelhança da FRI, uma equipa de AA com míssil Stinger e mais algumas valências que não vêm contempladas na diretiva do CEMGFA.

Acho que há unidades que definem claramente isto. Se olharmos para a organização da 16 *Air Assault Brigade*, com batalhões a 600 homens com efetivos superiores aos nossos, e tem uma componente ACar fabulosa. Logo à partida na sua génese têm muitas armas ACar porque a ameaça de viaturas ou blindados é normalmente elevada quando se salta para a retaguarda e a força está isolada. E tem também sempre a componente AA.

O conceito do nosso emprego não é como está organizado o Batalhão à partida mas sim a forma como nos conseguimos moldar, por isso é que digo que as nossas unidades devem ter módulos de emprego, a nossa FRI independentemente de ter uma organização

prevista em função dos meios aéreos que temos disponíveis para o lançamento da Operação temos que nos andar sempre a organizar.

Acho que devemos estar organizados em unidades estruturais que podem ir até Batalhão mas sempre a ser fácil o comandante decidir que meios é que leva e como é que se organiza. Se ele só poder levar 160 homens, tem de poder decidir dos 300 que tem disponíveis quais vai levar, porque a Operação tem de ser lançada e ele tem de se organizar para tal.

Por tanto penso que temos de ter a capacidade como tínhamos antigamente o CTP uma companhia ACar que tinha 18 postos de tiro de míssil Milan que era a arma ACar da época reforçada por Carl Gustav das unidades. E isso dava oportunidade ao comandante de poder decidir que ia reforçar a força X armas ACar. Hoje não temos isto à partida. Mas é uma preocupação grande que temos é a nível das armas de apoio para complementar uma unidade que venha a ter uma Operação.

3. Qual a necessidade de Portugal possuir forças Paraquedistas? Quais as vantagens para Portugal em ter a capacidade de execução deste tipo de Operações Aerotransportadas com lançamento em massa?

Considerando os TO da modernidade quem tiver na sua organização forças Paraquedistas poderá alargar o espectro de unidades disponíveis e com o seu emprego determinar o sucesso das operações militares.

As vantagens estão fundamentalmente associadas à resposta anterior pois será fundamental continuar a possuir na componente terrestre do Sistema de Forças Nacional esta tipologia de forças ligeiras pelas suas características de flexibilidade e de grande rapidez de emprego para concentrar numa determinada região um elevado potencial de combate.

4. Tendo em conta a diáspora portuguesa e a configuração geográfica de Portugal (continente e ilhas), caso seja necessário fazer a evacuação de não combatentes e se justifique um lançamento em paraquedas de forças militares, como será a abordagem ao poder político?

O emprego da Força de Reação Imediata está definido em diretivas do General CEMGFA e será enquadrado pela legislação em vigor.

5. Na constituição de uma força para executar uma Operação Aerotransportada, quais são as maiores preocupações? Como seria feita a obtenção dos recursos necessários, tanto materiais como pessoais? Exemplo: capacidade de transporte estratégico.

A geração de uma força para a execução de uma operação aerotransportada deve garantir uma capacidade limitada no tempo mas deverá estar em condições de atuar de forma independente e sustentada e com base em unidades de manobra que integrem as necessárias valências de apoio de combate, apoio de fogos e apoio de serviços.

A atual Brigada de Reação Rápida deveria garantir na sua orgânica os recursos adequados e com elevada operacionalidade e prontidão para a execução desta tipologia de operações, no mínimo, para o emprego de uma Unidade de Escalão Batalhão (UEB).

As forças Paraquedistas pelas suas características representam a excelência do emprego conjunto e combinado e a temática da capacidade de um eventual transporte estratégico estará sempre associado à dimensão da operação a realizar.

Posso dizer que no meu curso de promoção a Oficial General o meu trabalho foi o paradigma da prontidão, que eu também o vocacionei para atividades da FRI e para a capacidade de transporte estratégico. Portugal sempre viu o transporte estratégico relacionado com o C130, que não é uma aeronave de transporte estratégico, porque uma aeronave de transporte estratégico tem de ter a capacidade de fazer voos para uma distância alargada, para uma plataforma onde se lance a Operação. Essas aeronaves podem ser aviões da TAP. Aviões de uma companhia aérea civil podem nos levar a uma base avançada onde lá teríamos os nossos C130 para a condução da Operação. Mesmo em termos de os aviões para a condução da Operação, que se aparecer, estamos limitados porque dos 4 que temos muito poucas vezes estão todos em condições de operacionalidade, umas vezes estão um ou dois na manutenção, agora temos de ter um projetado no Mali, por tanto há alturas em que temos um C130 disponível, dois no máximo. Pode ser que com a aquisição de KC390, com os C130 e com os C295, que já temos, consigamos resolver esse problema.

Também temos alguns meios aéreos estrangeiros em Portugal, derivado de cooperações, uma dessas cooperações tem sido com os Belgas, por norma metem cá quatro C130 para treinar a sua força de reação imediata, vêm por levadas de 90 homens treinar em Portugal, por norma estas levadas estão cá durante um mês. Depois há mais dois grandes exercícios onde treinamos a interoperabilidade que são o EATT e o Real Thaw, onde treinamos a interoperabilidade com a Força Aérea e com outros países. Estes exercícios também são bons para criar relações e facilitar as sinergias quando necessário, porque neste momento nós, comandantes, temos boas relações entre nós.

O General Ben Hodges, paraquedista, que é o comandante do US Army Europe, no qual se inclui a 173rd Airborne Brigade, promove a cooperação com esta Brigada e nós temos beneficiado com isso. E há ainda outro fator associado à realidade que se está a passar na frente de leste que obriga a que haja exercícios quase nas zonas de fronteira, como Swift Response com projeção de forças através do salto em paraquedas na Polónia e na Alemanha, o que tem beneficiado esta cooperação entre tropas Aerotransportadas ou Paraquedistas.

6. Uma Operação Aerotransportada pode ser sinónimo de uma operação de junção, como seria feita a ligação com as outras Brigadas? Como está a interoperabilidade entre Brigadas em Portugal? Está preparado para lançar uma operação com estas características?

Face às características de organização da atual Brigada de Reação Rápida é impensável considerar uma operação aerotransportada de escalão brigada, pois existem naturalmente muitas limitações.

O Conceito Estratégico Militar em vigor (CEM 2014) define como nível de ambição projetar e sustentar, em simultâneo, até três UEB (Combate, Apoio de Combate ou Apoio de Serviços) ou o emprego de um Comando de uma força de Escalão Brigada pelo que as questões de interoperabilidade entre as três Brigadas (BrigMec, BrigInt e BrigRR) a atuar em simultâneo, não se aplica.

Na execução de uma Operação Aerotransportada de escalão Batalhão, as eventuais operações de junção deverão ser realizadas de acordo com a doutrina, e sabendo que após uma Operação Aerotransportada com lançamento em paraquedas a probabilidade de haver uma Operação de Junção é elevada os BIPara devem estar preparados e terem a flexibilidade necessária para executarem esta com uma força de seguimento.

7. Em que quadro de emprego se poderá perspetivar a opção por uma operação aerotransportada com lançamento de Paraquedistas? Qual a sua opinião sobre a aplicabilidade deste tipo de operações (com lançamento em massa) nos conflitos atuais e futuros?

A perspetiva de emprego poderá enquadrar-se no âmbito das alianças onde estamos inseridos, nomeadamente integrando unidades a quem estamos afiliados ou num quadro autónomo com a execução de NEO no âmbito do emprego da Força de Reação Imediata.

Na realidade o emprego de Operações Aerotransportadas com o lançamento em massa não é comum. A aplicabilidade deste tipo de operações, estará sempre associado a

opções político-militares e à capacidade disponível para a projeção da força. A generalidade dos países que possuem forças Paraquedistas, mantêm em elevada prontidão não só UEC mas também UEB, porque mesmo que só se vá efetuar uma Operação de UEC deve-se estar preparado para reforçar, então a UEB também tem de estar preparada. Naturalmente que a capacidade de transporte das Unidades Aéreas será sempre determinante para o eventual escalão a empregar e quem a tiver disponível, estará sempre em vantagem na capacidade de resposta militar.

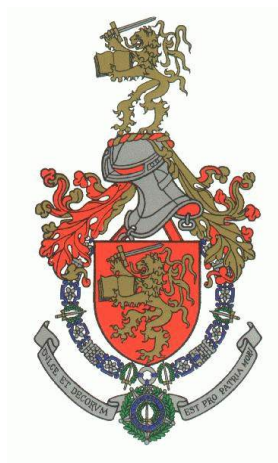
8. Neste âmbito, quais os tipos de conflito ou outras situações atuais onde se poderá perspetivar mais facilmente o emprego de uma operação aerotransportada com lançamento em massa?

Com os múltiplos fatores intrínsecos aos conflitos da modernidade será sempre imprevisível perspetivar onde será mais adequado utilizar uma opção de resposta militar, cujo emprego seja com um envolvimento vertical através de um lançamento em massa.

O importante é que um Comandante possa ter nas suas forças disponíveis a opção de decidir sobre emprego de forças Paraquedistas, pois estas poderão ser seguramente capacidade decisivas no sucesso das operações, pois são uma força de primeiro emprego de grande flexibilidade e de rápida projeção. Devem é estar bem treinadas e bem equipadas com boas armas ACar, com meios de comunicações que permitam não só as comunicações entre as unidades mas também com o comando que se encontra bastante distante.

Vejo a intervenção nas ilhas, não numa vertente de combate, mas numa vertente de apoio humanitário caso haja necessidade. É uma maneira de colocar reforços humanitários no terreno, tal como abastecimento aéreo.

APÊNDICE F – ENTREVISTA CORONEL PEIXEIRO



ACADEMIA MILITAR

Trabalho de Investigação Aplicada

ASSUNTO: Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspetiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.

Entrevista ao Coronel de Infantaria Paraquedista Peixeiro

Perfil do Entrevistado

Nome: Hilário Dionísio Peixeiro

Entrevista n°: 5

Idade: 51 anos

Local: RPara

Organização: Exército Português

Localidade: Tancos

Posto: Coronel de Infantaria Paraquedistas

Hora Início:071000Abr17

Função: Comandante do RPara

Hora Fim:071030Abr17

1. Que capacidades devem ter as modernas forças Paraquedistas?

Têm que ter capacidade de projeção, isto traduz-se em meios modernos, paraquedas, equipamentos de visão noturna, equipamentos de oxigénio e equipamentos de combate. Equipamentos de combate que sejam adaptáveis ao paraquedas têm de ser ligeiros têm de ser manobráveis e têm que permitir que o Paraquedista faça a sua missão de salto e quando chega ao solo possa se libertar o mais rápido possível do seu equipamento de salto e tenha o seu equipamento de combate pronto.

Capacidade de sobrevivência e proteção no terreno, o equipamento que leva para o combate tem de ser suficientemente leve para não o impedir de prosseguir com a missão

mas tem ser suficientemente completo para que ele possa ter acesso ao seu cantil à sua alimentação, que o proteja do frio ou do calor mas tem que lhe dar uma proteção balística, não pesada mas suficiente, para que possa desenvolver a missão sem ser prejudicado e que o proteja de algum tipo de fragmento ligeiro, sabendo nós que a força Paraquedista sendo ligeira não tem uma blindagem que a permita ombrear com forças pesadas.

Tem de haver um equilíbrio entre estas capacidades porque a missão vai ser conduzida a pé e ainda terá de percorrer distâncias consideráveis para chegar ao objetivo.

Outra capacidade é a de combate, movimento e manobra, o equipamento tem de ser ligeiro e manobrável mas tem de dar capacidade para que o Paraquedista faça tiro ajustado, que dê confiança ao combatente, que permita movimentar-se rapidamente de localização em localização e que quando chega ao local seguinte possa apoiar o movimento dos outros. Ligado a esta capacidade está também a capacidade de proteção que referi, nomeadamente no combate ACar, estas forças têm de possuir armas para combater e se protegerem das forças Blindadas ou Mecanizadas.

Por fim tem de haver sempre capacidade de comando e controlo ou de comunicações, mesmo que seja um soldado tem de poder estar em constante comunicação com o seu comandante, o comandante tem de ter comunicações ligeiras mas fiáveis para assim que possível estabelecer comunicação com os seus subordinados e como o escalão superior que normalmente está a grandes distâncias.

2. Quais as fragilidades das forças Paraquedistas e como podem ser colmatadas? Para além das limitações gerais de todas as forças Paraquedistas (fraca proteção, isolamento, curta autonomia), quais poderão ser as principais dificuldades encontradas pelas forças nacionais numa operação deste tipo?

As principais fragilidades têm a ver com o equipamento de proteção. Ainda estamos pouco desenvolvidos em termos de equipamento de proteção, nomeadamente do capacete, os nossos capacetes são um pouco antiquados e não permitem que em qualquer posição o militar possa fazer tiro, determinadas posições em que o capacete atrapalha e não permite que o militar levante a cabeça, mas é o capacete que se usa para o salto e não é exequível que se use um capacete para o salto e outro para o combate. Esta limitação e as outras que vou dizer estão ligadas a orçamentos.

As comunicações táticas têm sido um problema, entre esquadra e secção está mais ou menos resolvido, mas entre pelotão e companhia e companhia e batalhão não temos

equipamentos rádio que sejam fiáveis, são pesados e não têm as bandas todas necessárias para em qualquer sítio e em qualquer local o comandante consiga falar com o seu escalão superior, isto em termos de preparação em território nacional porque nas forças nacionais destacadas isso tem sido ultrapassado porque normalmente há orçamento para comprar equipamento específico para aquela missão, e nas forças nacionais destacadas há sempre meios mais pesados há sempre uma viatura que pode levar uma montagem veicular que por si só dá mais confiança, mas assim já não estamos a falar de forças ligeiras de alta mobilidade.

3. Até que ponto a capacidade de sustentação de uma força Paraquedista poderá condicionar o seu emprego?

A capacidade de sustentação de uma força é planeada e conduzida pelo escalão superior, leia-se EMGFA e é sempre determinante na possibilidade dessa mesma força prolongar a duração da sua intervenção para lá da sua autonomia. Quero dizer que se, por absurdo, uma força qualquer for empregue sem que exista uma capacidade de a sustentar, essa missão não poderá ter uma duração prolongada.

Ainda assim, tratando-se, no caso em estudo, de uma força paraquedista empregue como tal em tarefas adequadas à sua tipologia ligeira, se se pretender utilizá-la para além da sua capacidade de autossustentação, uma capacidade de sustentação nacional pouco desenvolvida ou incompleta em algumas funções logísticas (Reabastecimento, Transporte, Manutenção, Evacuação Sanitária, Serviços de Campanha) ou administrativas, poderá ter menor impacto na condução das operações uma vez que, para esta força será teoricamente necessário um volume menor e menos variado de apoio. Se os homens poderão ter as mesmas necessidades de apoio, já os equipamentos são menos complexos e, por conseguinte, necessitam de menos sobressalentes, munições mais baratas e manutenção mais simples.

4. Qual a necessidade de Portugal possuir forças Paraquedistas? Quais as vantagens para Portugal em ter a capacidade de execução deste tipo de Operações Aerotransportadas com lançamento em massa?

Com esta capacidade Portugal como entidade política tem máximo de opção possíveis para projetar o seu poder militar, está relacionado com dar mais opções ao poder político para essa projeção do poder militar. O poder político decide ou quer honrar um compromisso no sei de uma aliança da NATO ou da CPLP em prol de um país amigo, tem uma força, de alguma dimensão, em três ou cinco dias pronta a projetar onde entender que é necessário. De preferência uma projeta-se uma força que aterre num aeroporto em ambiente

permissivo com a intenção de ajudar, mas o poder político português e os seus aliados sabem que existe sempre a opção e é real e está treinada a opção de colocar uma força no terreno sem ter acesso a um aeródromo ou aeroporto através do salto em paraquedas, que a partir do momento em que está organizada está apta a executar a missão.

5. Como Comandante do Regimento de Paraquedistas e sendo esta a casa mãe onde são formados os Paraquedistas portugueses, pensa estar refletida na formação de base destes militares a preparação para integrarem e conduzirem operações desta índole?

O RPara forma os militares desde o estágio zero, como civil até ao militar qualificado em paraquedismo militar, dá toda a instrução básica, toda a instrução tática individual e em pequenos escalões, parelha, de modo a que o militar se torne um combatente confiante em si próprio e saber os procedimentos para sobreviver no campo de batalha e conseguir cumprir uma missão. Nós entendemos que estas são as condições essenciais, básicas e necessárias para que o militar Paraquedista possa seguir o seu percurso quer seja nos dois BIPara ou aqui no BOAT se enveredarem por uma formação aeroterrestre avançada, neste caso também já somos nós que damos essa formação.

A partir daí a formação de combate em unidades esquadra, secção, pelotão e companhia é feita na integração dos batalhões operacionais.

6. Tendo o RPara o BOAT como seu encargo operacional e sendo este parte fundamental no apoio ao planeamento e execução das Operações Aerotransportadas, como consegue o RPara contribuir para a preparação desta Subunidade?

O RPara tem duas componentes ao seu encargo, a da formação e a operacional que é refletido por aquilo que o BOAT faz. O RPara cria as condições para estas duas vertentes. O trabalho que temos todos os dias é garantir que o BOAT nas suas quatro componentes Precs, Abastecimento Aéreo, Equipamento Aéreo e Cinotécnia tem as melhores condições de trabalho e os melhores equipamentos que temos para que possa fazer o seu treino operacional. O nosso trabalho passar por dar as instalações, dar os equipamentos, manter e fazer as reparações para que o Batalhão não tenha que ter esse trabalho de reparações e recuperação de materiais e se concentre no seu treino. Claro que se tivéssemos equipamento mais moderno e mais pessoal talvez conseguíssemos fazer um trabalho mais completo, mas as condições que conseguimos aos dias de hoje são mais que suficientes para eles levarem a cabo o seu trabalho.

7. Na qualidade de Comandante da principal Unidade dos Paraquedistas qual é a sua visão do papel do a desempenhar pelo RPara na realização de uma Operação Aerotransportada com lançamento de pessoal?

O papel do RPara é visível, sobretudo, através do desempenho de três componentes do BOAT, Precs, Abastecimento Aéreo e Equipamento Aéreo. Se o BOAT conseguir ter Precs bem equipados e a tempo na ZL para operar a zona, conseguir ter o número necessário de paraquedas dobrados para as missões de lançamento nesses dias que vão ser executadas e se conseguir ter as cargas preparadas, com os paraquedas prontos e acondicionadas para fornecer o abastecimento aéreo, o RPara considera que conseguiu fazer essa parte da sua missão. O RPara cumpriu a sua missão se conseguiu fornecer as condições necessárias para que essas três componentes cumprissem com a sua.

Portanto a nossa missão é o apoio e a ligação ao escalão superior permanente, desconflitar horários, desconflitar tarefas, sincronizar tarefas das capacidades do BOAT com outras Subunidades exteriores que a BrigRR precise de combinar, fazemos este papel de facilitador para fora e de apoiante para dentro.

Sempre que há oportunidade treinamos Operações Aerotransportadas com lançamento em paraquedas com as outras Subunidade Paraquedistas, lançamos os Precs que assim que aterram começam a operar a ZL para que o grosso da força seja lançado.

8. Qual a sua opinião sobre a aplicabilidade deste tipo de operações (com lançamento em massa) nos conflitos atuais e futuros?

Tem aplicabilidade, se o poder político entender que é necessário, porque é uma situação de recurso mas que está à mão, as nossas chefias sabem que podem contar com essa capacidade. Tem aplicabilidade porque é uma maneira de projetar a força rápida, com surpresa. Conseguir colocar no espaço de uma madrugada uma força com potencial de combate considerável numa região, principalmente de surpresa.

O desejável é poder fazer a projeção da força de modo mais seguro e mais calmo para locais protegidos e pré planeados para aeródromos ou pistas de aviação, mas não sendo possível, é perfeitamente aplicável o lançamento em paraquedas porque o pessoal está treinado e temos a certeza que de uma madrugada para a manhã seguinte temos no mínimo uma UEC desembarcada reorganizada pronta a seguir para a missão num sítio onde não havia ninguém na véspera.

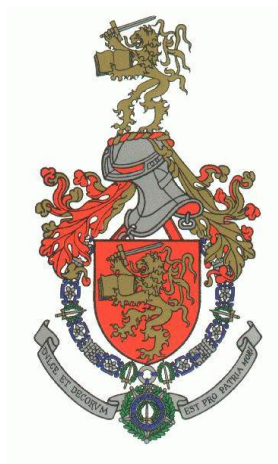
9. Neste âmbito, quais os tipos de conflito ou outras situações atuais onde se poderá perspetivar mais facilmente o emprego de uma operação aerotransportada com lançamento em massa?

Deve ser empregue onde possa haver, ou deva haver uma intervenção rápida de uma força, de um fator de poder militar, que faça a diferença de um momento para o outro. Numa situação onde havia um desequilíbrio de poderes, um desequilíbrio de influências numa região e com a aplicação deste tipo de força naquele momento naquela região desequilibrou-se ou equilibrou-se de novo as forças.

Se for o caso de um conflito simétrico tem de ser uma força apreciavelmente superior a uma Companhia, porque podemos correr o risco de ficar em desvantagem logo quando aterrmos. Porque num conflito simétrico onde se opõem forças de grande dimensão fazer uma infiltração de uma UEC em profundidade, ou estão criadas condições muito favoráveis para que ela faça logo junção com outra força, ou podemos correr riscos que são mais nefastos do que aceitáveis.

Vejo o emprego numa crise humanitária ou numa alteração político-social em que é preciso mostrar força, onde não seja um conflito simétrico de forças a avançar umas contra as outras, uma situação talvez mais difusa e de preferência com a anuência do poder reconhecido na região, no país, para podermos ter mensagens para os média, mensagens de boa imagem para a força, para mostrarmos que estamos lá porque o país pediu e porque queremos ajudar aquela população. Vejo mais neste caso de um *Show of Force* mas de maneira a que tenhamos influência quase no imediato.

APÊNDICE G – ENTREVISTA MAJOR MAMÃO



ACADEMIA MILITAR

Trabalho de Investigação Aplicada

ASSUNTO: Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspectiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.

Entrevista ao Major de Infantaria Paraquedista Luís Mamão

Perfil do Entrevistado

Nome: Luís António Pereira Mamão

Idade: 42 anos

Organização: Exército Português

Posto: Major de Infantaria Paraquedistas

Função: Comandante do BOAT

Entrevista nº: 6

Local: RPara

Localidade: Tancos

Hora Início: 071100Abr17

Hora Fim: 071120Abr17

1. Na qualidade de Comandante do BOAT como vê a importância desta Subunidade no lançamento/condução de uma Operação Aerotransportada?

A nossa missão é apoiar o lançamento de qualquer unidade Subunidade da BrigRR ou de todas as unidades da BrigRR, seria um bom nível de ambição termos capacidade para apoiar o lançamento de uma UEB, claro que depende sempre dos meios aéreos disponíveis e de todos os apoios necessários a uma Operação Aerotransportada.

A importância do BOAT neste tipo de Operações é essencial nomeadamente na operação da ZL pela Companhia de Precs, na preparação e fornecimento dos equipamentos

necessários para o lançamento, os paraquedas que estão a cargo da Companhia de Equipamento Aéreo e todos os reabastecimentos necessários, pelo menos numa fase inicial, serem efetuados pela Companhia de Abastecimento Aéreo. Sem a participação de todas estas valências do BOAT seria impossível ser lançada um Operação Aerotransportada.

2. Na realização de uma Operação Aerotransportada com recurso a lançamento de pessoal (em massa) esse lançamento deverá ser precedido pela infiltração de Precursores para apoio da operação. Pode explicar mais especificamente como é realizada esta ação?

Normalmente a fase inicial da operação de uma ZL é reconhecer e garantir a segurança do local, porque a fase do salto até que a unidade esteja reorganizada no terreno e pronta a combater é uma fase crítica de uma operação deste tipo, a capacidade de defesa é extremamente reduzida. Portanto é importante haver todas as informações e estar assegurada a segurança próxima da zona. Para tal são lançados os Precs normalmente através de saltos a grande altitude, com recurso a infiltrações de *High Altitude High Opening* (HAHO) que permite que a força seja lançada e percorra na ordem de dezena de quilómetros em paraquedas não sendo identificável o que dificulta que a força opositora se aperceba que existe uma força de Precs no terreno.

De seguida é feita a balizagem da zona, para que esta seja facilmente identificável.

3. Sendo o DAAT apenas a constituir em caso de realização de uma Operação Aerotransportada e não tendo o BOAT todos os quadros para o integrarem de que forma acha que deverá ser feito o treino destes militares?

O treino deste militares em termos de DAAT, referimo-nos a todo o pessoal envolvido na parte do embarque, da inspeção e do lançamento de pessoal acaba por ser feito naturalmente na atividade do dia-a-dia. Começa por ser feito na qualificação de instrutor de paraquedismo e a partir daí em todas as missões de lançamento que vão havendo todos os quadros tanto de Sargentos como de Oficiais vão mantendo a sua qualificação, independentemente de não estarem organizados de forma permanente como DAAT, mas o desempenho das funções acaba por ser treinado em todos os treinos e exercícios que vamos participando.

4. A Companhia de Equipamento Aéreo e a de Abastecimento Aéreo conferem capacidades importantes e únicas ao BOAT, no Exército e nas FFAA. Como estão estas Companhias preparadas para desenvolverem as suas tarefas? Qual o papel desempenhado por cada uma na realização de uma Operação Aerotransportada?

Começando pelo Equipamento Aéreo, o Equipamento Aéreo é responsável pela manutenção e dobragem de todos os equipamentos, paraquedas, existentes nas FFAA, porque apesar de haver outras forças a realizar missões através do salto em paraquedas, toda esta manutenção, dobragem e inspeção dos equipamentos é da responsabilidade do Equipamento Aéreo, portanto é essencial porque se não houver paraquedas não será possível efetuar o lançamento de unidades em paraquedas.

Em termos do Abastecimento Aéreo confere-nos uma capacidade que pode ter uma dupla valência, após o lançamento de uma Operação Aerotransportada e pensando sempre que é uma operação em profundidade, que não é perto das linhas amigas, permite que numa fase inicial, até que seja estabelecida uma CP aérea onde possam aterrizar aviões ou linhas de comunicação que permitam a chegada de reabastecimentos, sejam lançadas cargas com todo o equipamento e material necessário, desde munições, armamento, alimentação etc. Além disso o Abastecimento Aéreo pode ser empregue em outro tipo de situações como catástrofes, numa situação nas ilhas onde não se consiga utilizar o aeroporto, onde haja dificuldade de fazer chegar abastecimentos, onde seja necessário uma ajuda urgente, pode ser uma maneira de fazer chegar rápido alimentação, medicamentos, cobertores, tendas ou outro tipo de material necessário num determinado ponto específico de forma rápida e eficaz.

5. Qual a sua opinião sobre a aplicabilidade das Operações Aerotransportadas, com lançamento em massa, nos conflitos atuais e futuros?

É um pouco difícil fazer uma previsão sobre o futuro, garantidamente nos conflitos atuais onde a ameaça está bastante difusa não existe claramente linhas definidas ou fronteiras onde decorrem os conflitos penso que não será muito fácil a aplicabilidade em grande escalas ou em grandes volumes. Julgo que as Operações Aerotransportadas com lançamento em paraquedas têm mais aplicabilidade para objetivos estratégicos, com o lançamento de pequenos grupos de Operações Especiais ou de Precs para se conseguirem inserir no terreno de forma coberta sem serem detetados.

Mas podem sempre ser aplicadas este tipo de Operações em situações de resposta imediata, forças de reação imediata, numa situação de dificuldade ou de desvantagem em que seja necessário o reforço em determinado ponto do TO, em determinados locais muito específicos, onde seja necessário colocar militares.

Se pensarmos na projeção de uma força Mecanizada em comparação com uma força Paraquedista a capacidade é muito menor, é mais morosa e são necessários mais meios para o fazer.

6. Neste âmbito, quais os tipos de conflito ou outras situações atuais onde se poderá perspetivar mais facilmente o emprego de uma operação aerotransportada com lançamento em massa?

Não consigo prever ao certo, mas Operações Aerotransportadas com lançamento em paraquedas à semelhança de outros meios não querendo estar a fazer a comparação, como por exemplo armas nucleares, em determinadas situações devemos ter essa capacidade e é importante, independentemente se depois são usadas ou não.

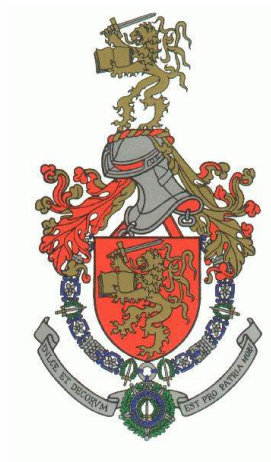
Inclusive está contemplado em termos NATO determinadas capacidades que os diferentes países devem contribuir para que a força e a capacidade da NATO seja de fato efetiva.

Portanto penso que haverá sempre situações, situações muito específicas, em que o lançamento de uma Operação Aerotransportada será a solução.

Poderá ter um enquadramento em situações específicas de apoio a população civil, situações de catástrofe poderá ser uma possibilidade de uso e uma mais-valia para o EP e para as nossas FFAA. Independentemente das operações de combate propriamente ditas, aquilo que temos assistido nos últimos anos é que as forças Paraquedistas tem muita flexibilidade em ser empregues em outro tipo de situações, nomeadamente Operações de Apoio à Paz ou de Manutenção de Paz e normalmente com excelentes desempenhos e resultados.

A prova que as Operações Aerotransportadas se mantêm atuais, apesar de não haver um histórico recente, é que todos os países e a própria NATO continuam a manter e a investir nesta tipologia de forças.

APÊNDICE H – ENTREVISTA MAJOR GENERAL CORREIRA



ACADEMIA MILITAR

Trabalho de Investigação Aplicada

ASSUNTO: Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspetiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força.

Entrevista aos Oficiais Generais Jerónimo, Perestrelo e Correia

Perfil do Entrevistado

Nome: José Manuel Lopes dos Santos Correia	Entrevista nº: 7
Idade: 55	Local: Comando da UI
Organização: Guarda Nacional Republicana	Localidade: Pontinha
Posto: Major General	Hora Inicio: 111430Abr17
Função: Cmdt da Unidade de Intervenção	Hora Fim: 111500Abr17

1. Que capacidades devem ter as modernas forças Paraquedistas?

As capacidades passam pela necessidade que este tipo de forças tem de evoluir no futuro, passa pela tecnologia.

A tecnologia tem de melhorar as formas de inserção e segurança, de forma a colocar tropa no terreno de forma mais rápida, em segurança e o menos disperso possível. Se é com um paraquedas maior ou mais pequeno, alta altitude ou muito baixa altitude depois a tecnologia o irá ditar a forma de o fazer.

Tem de haver uma aposta em meios tecnológicos tanto a nível de infiltração como nos próprios sistemas que utilizam para aterrar no local, estou a falar de precisão de aterragem.

Outra capacidade tem de ser a de combater durante a noite, através de meios de visão noturna modernos.

A aposta em termos futuros tem de passar por dar mais capacidade de mobilidade e proteção às forças Paraquedistas, não só a nível individual, mas através de meios ligeiros blindados que possam ser lançados em paraquedas juntamente com a força.

E acho que a evolução está a ser feita, prova disso é que são raros os países que têm eliminado as suas tropas Paraquedista, apesar de haver algumas vezes que são a favor de uma redução ou de uma completa extinção porque é caro e a crise não tem ajudado.

2. Quais as fragilidades das forças Paraquedistas e como podem ser colmatadas? Para além das limitações gerais de todas as forças Paraquedistas (fraca proteção, isolamento, curta autonomia), quais poderão ser as principais dificuldades encontradas pelas forças nacionais numa operação deste tipo?

As grandes fragilidades são sem dúvida a fraca proteção e a autonomia.

Uma das fragilidades que tem é a quantidade de equipamento, armamento e munições que podem levar consigo e a parte da autonomia logística para se autossustentarem. Isso tudo é limitado porque têm de carregar o que levam, normalmente são forças de entrada que passado uns dias ou têm de ser reabastecidas ou tem de haver uma Operação de Junção.

Outras fragilidades são a dispersão quando aterram no solo e a dependência do número de aeronaves disponíveis para o transporte.

3. Qual a necessidade de Portugal possuir forças Paraquedistas? Quais as vantagens para Portugal em ter a capacidade de execução deste tipo de Operações Aerotransportadas com lançamento em massa?

Este tipo de força é uma vantagem para um país como o nosso, nós ao termos uma limitada capacidade financeira que afeta necessariamente os recursos que temos nas forças armadas, e já não estou a falar da vantagem termos uma força com um elevado grau de preparação que está pronta em intervir em qualquer situação e sempre muito motivada devido à instrução que recebe que é característica dos Paraquedistas, estou a falar de dispormos de uma tropa ligeira com um emprego muito flexível, ou seja de fácil projeção em qualquer ponto caso o país o entenda.

Outra necessidade deriva de Portugal ter uma diáspora grande fora do território nacional, em países como problemas recorrentes como a Guiné ou a Venezuela, para Operações de Evacuação de Não Combatentes, porque até pode não ser usada esta capacidade mas temos sempre de a ter na equação porque é a forma que temos de colocar tropas em pouco tempo num lugar qualquer, que até poderíamos colocar através de helicópteros outro tipo de tropa caso os tivéssemos.

Um país que tenha uma tropa Paraquedista acaba por funcionar como elemento dissuasor, a mística que há associada a este tipo de tropa acaba por funcionar como elemento dissuasor, porque todos os países avaliam aquilo que têm e o que nos temos conta, funciona e está disponível.

Por fim temos compromissos com a NATO, temos que ter um determinado tipo de forças com um determinado grau de prontidão.

4. Tendo em conta a diáspora portuguesa e a configuração geográfica de Portugal (continente e ilhas), caso seja necessário fazer a evacuação de não combatentes e se justifique um lançamento em paraquedas de forças militares, como será a abordagem ao poder político?

Ao poder político tem que se apresentar opções, eu julgo que a tropa Paraquedista só se utiliza, e o salto em paraquedas, quando não há uma maneira mais segura para o fazer. Portanto a apresentação aos políticos terá de ser sempre apresentada com essa ideia.

Por exemplo na Guiné, nós podemos colocar lá força por via marítima mas tem sempre limitações sendo uma delas o porto de Bissau e as características das águas territoriais. Se houver necessidade de colocar forças no terreno com uma maior dimensão e sem haver o consentimento para a aterragem de aeronaves, o lançamento em paraquedas apresenta-se como uma opção muito viável. Daí nunca se ter prescindido de ter uma unidade Paraquedista na FRI e ninguém põe isso em causa, tanto que vem na diretiva do Ministro da Defesa.

5. Tendo sido o meu General comandante da FRI, como vê a viabilidade desta força para executar uma Operação Aerotransportada com lançamento? Existe alguma possibilidade de este quadro se efetivar?

É uma possibilidade muito remota devo confessar, mas sendo uma possibilidade temos de a considerar. Ao termos tropa preparada e pronta para uma FRI temos sempre de pensar na modalidade mais provável e mais perigosa, pode não ser a mais provável mas é a

mais perigosa, sendo que é a mais perigosa porque nos pode colocar numa situação de risco. Portanto considero que a FRI deve contar com essas forças porque se houver uma situação de instabilidade em que a ordem pública está posta em causa que ponha em causa a vida dos cidadãos portugueses temos de ter todos os meios para evitar essa situação.

Em todos os exercícios que fiz enquanto Cmdt da FRI foi treinado o lançamento em paraquedas para caso fosse necessário usar nós estávamos preparados.

6. Na constituição de uma força para executar uma Operação Aerotransportada, quais são as maiores preocupações? Como seria feita a obtenção dos recursos necessários, tanto materiais como pessoais? Exemplo: capacidade de transporte estratégico.

Para já verificar a vantagem da inserção através deste tipo de meios, se for uma vantagem temos de verificar por quanto tempo é que conseguimos fazer esta Operação, se é pontual ou se estamos preparados para que a Operação se arraste, se tiver de se arrastar, por quanto tempo é que estamos preparados que se arraste, se temos planeada uma Operação subsequente, se existem forças de seguimento e se vai haver alguma Operação de Junção ou não.

Depois obviamente temos que pensar em modalidades de ação e em recursos. Quando pensamos em recurso obviamente temos de ter capacidade de transporte estratégico, temos que sobretudo assegurar que em termos nacionais existem, o que não acontece, acho que devemos ter capacidade para lançar no mínimo um comando de Batalhão e uma Companhia que é o que está previsto para a FRI, e todo o tipo de apoios necessários. Tudo o resto terá de fazer recurso a outro tipo de aeronaves de outros países.

7. Uma Operação Aerotransportada pode ser sinónimo de uma operação de junção, como seria feita a ligação com as outras Brigadas? Como está a interoperabilidade entre Brigadas em Portugal? Está preparado para lançar uma operação com estas características?

Sim pode ser sinónimo de uma Operação de Junção necessariamente devido à curta autonomia.

A ligação com as outras Brigadas julgo que seja o menos importante, porque a ligação faz-se com treino e o planeamento adequado. Portugal tem feito poucos treinos nesse sentido, porque a nível de treino temos feito exercícios para a missão de cada Brigada. Seria desejável que houvesse treino desse género? Seria e acho que em termos teóricos é um modelo fiável, para que no futuro mesmo não sendo entre as nossas forças poderá ser com

forças estrangeiras doutro tipo. Mas julgo que não se aplica a Portugal. Temos mais que pensar em Operações Combinadas, porque o emprego de forças Paraquedistas tem de ser ligado com os seus congéneres e pensar e acompanhar todas as evoluções e modelos de emprego das forças desse tipo.

8. Qual a sua opinião sobre a aplicabilidade deste tipo de operações (com lançamento em massa) nos conflitos atuais e futuros?

Eu acho que é sempre aplicável, qualquer país que tenha de preparar forças militares para defender a sua soberania ou os seus interesses tem de ter sempre forma de procurar inserir rapidamente forças num determinado local, seja por questões estratégicas seja por questões táticas, para controlar determinadas áreas ou para negar o acesso a determinadas áreas.

Com meios evoluídos podemos conseguir, através do lançamento em paraquedas a muito baixa altitude, para reduzir a exposição no ar, aliados a aeronaves evoluídas que não sejam facilmente detetadas, podemos entrar em profundidade nas linhas e desembarcar Paraquedistas sem ser detetados.

Como referi anteriormente a aposta nos meios ligeiros blindados que possam ser lançados em paraquedas com a força também passará a dar mais sentido à aplicação deste tipo de Operações, isto devido à evolução dos meios, do aumento dos calibres e da letalidade das armas.

Vejo a aplicabilidade das Operações Aerotransportadas muito vocacionada para as Operações Especiais devido às suas características. Características como a probabilidade de deteção ser muito baixa e da grande precisão que se pode ter no lançamento de pequenos grupos para atingir objetivos estratégicos.

E a prova que este conceito continua a ser aplicável é que nenhum país prescinde deste tipo de forças. Aliás até tem havido uma aposta na evolução destas forças.

9. Neste âmbito, quais os tipos de conflito ou outras situações atuais onde se poderá perspetivar mais facilmente o emprego de uma Operação Aerotransportada com lançamento em massa?

Vejo o emprego em Operações de Evacuação de Não Combatentes sem dúvida como já referi em respostas anteriores.

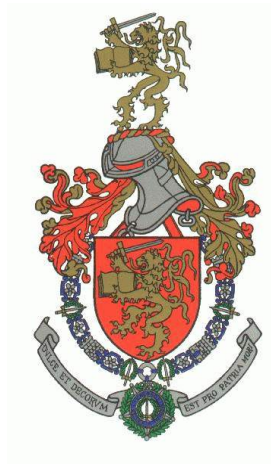
Uma outra situação é no caso de ser necessário fazer negação de áreas como aeródromos, unidades de apoio logístico, pontes, eixos de infiltração chave ou qualquer recurso que seja de importância estratégica ao adversário.

E em Operações Combinadas NATO e União Europeia vejo que é uma possibilidade e temos de estar muito atentos àquilo que se está a passar e acompanhar os exercícios e a atividade operacional que existe a este nível.

O emprego destas forças em áreas inacessíveis por outros meios pode ser feito até num caso de catástrofe natural onde haja necessidade ou em caso de alteração da ordem pública. Estas forças podem ser empregues em qualquer situação onde não haja acesso por outros meios ao local, sendo a única possibilidade o lançamento em massa para fazer face a essa situação.

Por fim o lançamento em massa pode ser usado em casos de demonstração de força.

APÊNDICE I – ENTREVISTA GENERAL DELION



PORTUGUESE MILITARY ACADEMY

Master's Thesis

THEME: Airborne Operations: evolution, current applicability and an outlook on mass parachute drops as a means of force deployment.

Interview with Colonel Delion

1. What capacities should modern paratrooper forces have?

Modern paratroopers should primarily keep capabilities of mass drop, HAHO/HALO, Air delivery and TALO. Their main use is when “no one else” is able to fulfil the mission due to the combination of:

- distance;
- time frame to conduct the action;
- access;

Facing an ENY with a reasonable ratio of forces.

2. What are the main weaknesses Paratrooper forces have and how can they be overcome?

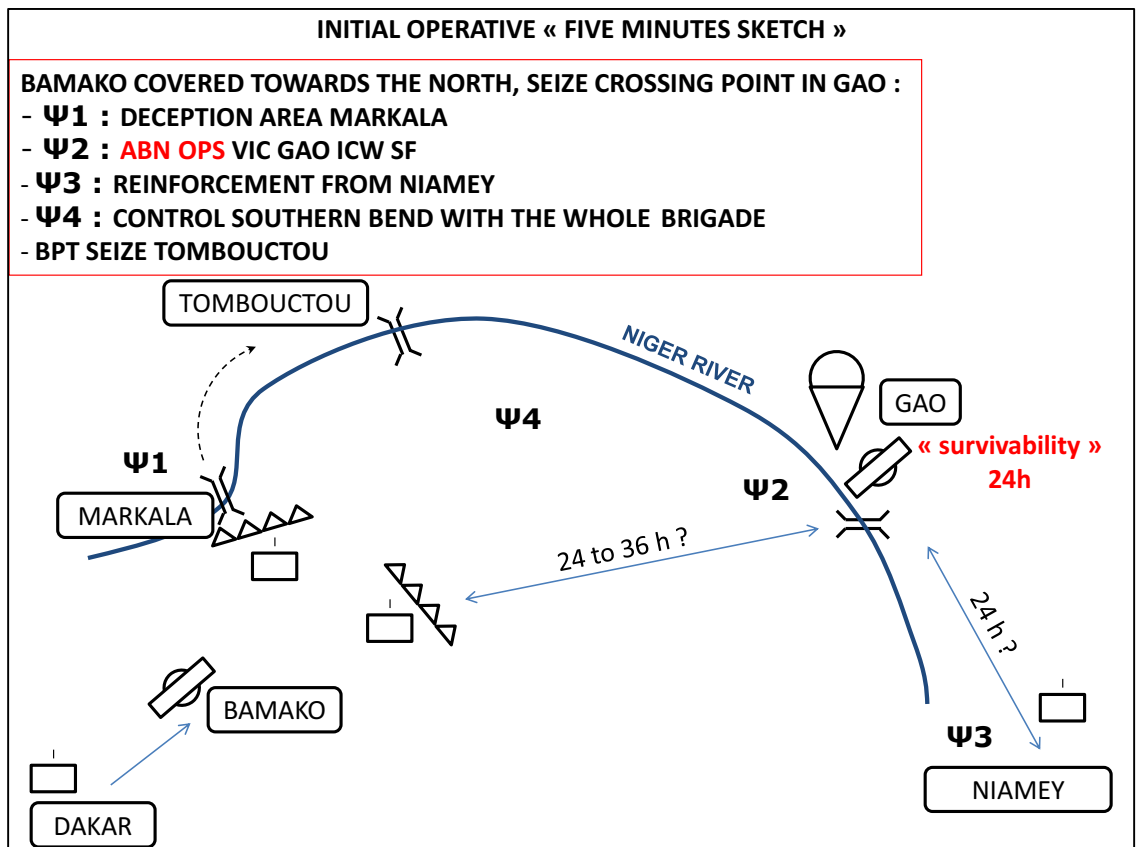
- Lack of protection, firepower and support (mainly ammunition and water/food resupply + CASEVAC);
- Diminish the time of weakness (main lesson learned since Arnhem ...) by quick junction.

3. In which way can a Paratrooper force's support capability act as a restraint to its employment?

For small scale ops, we use the idea of “life string” meaning that we must consider during planning how to extract the force if “something goes wrong”. For large scale Ops the risk is more tolerated but mitigated by a (as possible) quick junction.

4. Why did the French Army carry out a mass drop in the Mali Operations Theater?

Considering the Mali geography, the aim was to use the Niger River as a blockade IOT to catch the ENY on its Southern shore, where open ground is more favourable to our. During MDMP we identified 3 main crossing points (Markala: mission for the “column” raiding from Bamako, Timbuktu; far away ... and Gao: Abn OPS reinforced by a column airlifted in Niamey, the main airstrip in the vicinity with a direct road to the objective).



The seizure of Gao by SF (followed by an INF Coy TALO) increased the tempo of the operation and allows us to switch to Timbuktu with a synchronise action between a column raiding from Bamako and an Abn OPS, acting as a blockade on the northern boundary of the city. Also one of the reason we chose to carry out a mass drop was the fact that the we had air supremacy if that was not the case we would have to carry out Suppression of Enemy Air Defence.

5. What was the French government's view of this type of approach, given the inherent political risk? How did you convince the political power that it was the best approach?

The French pol-mil DMP is related to our constitution where the CHOD is “military advisor to the government” and “operational commander”. So he directly advises the President of the Republic. Given the momentum and the speed of the ENY withdrawal it was the best option to deny him to gather in his rear base = *Adrar des Ifhogas*... and so to fight him “more easily” in open ground.

6. What were the factors taken into account when analysing the risk in the Military Decision Making Process for the execution of a mass drop?

The “message” to any ENY was crystal clear: “we can hit you anywhere and we don’t fear close combat”. With well-trained units jumping on a relatively “smooth” ground (sand) without ENY air-defence, it seems “bankable”. STRATCOM was ready to exploit, as shown below:



7. What were the main decision points that guided the Military Decision Making Process for this operation? What were the primary and secondary objectives? Decisive, enabling and sustainment operations? Drop Zones? Articulation of the force? How many soldiers were involved the mass drop? Material and weapon systems needed? Aircraft required? Contingency plans? Commander's Intent, Concept of Operations and End State?

Around 600 paratroopers and 13 C130-C160 were gathered on very short notice in Ivory Coast. In order to keep operational secret we just explained it was an advanced relief of our troops deployed in Ivory Coast according to a defence agreement.

One Coy reinforced by a command element conduct a TALO in Gao to reinforce an SF team. The 11BP HQ was immediately after deployed in Gao to liaise with SF and take control of the French (second) Column and African partners raiding from Niamey.

A battalion (HQ + 2 Coy, 250 paras) was dropped by night over Timbuktu airfield.

The last Para Coy was in reserve in Abidjan and joined Mali in the following day.

8. How were the Sustainment Operations planned? Was a joint operation planned with a force of another type? Or would it be resupplied and, if so, by which means? Or was an extraction expected? Contingency plans?

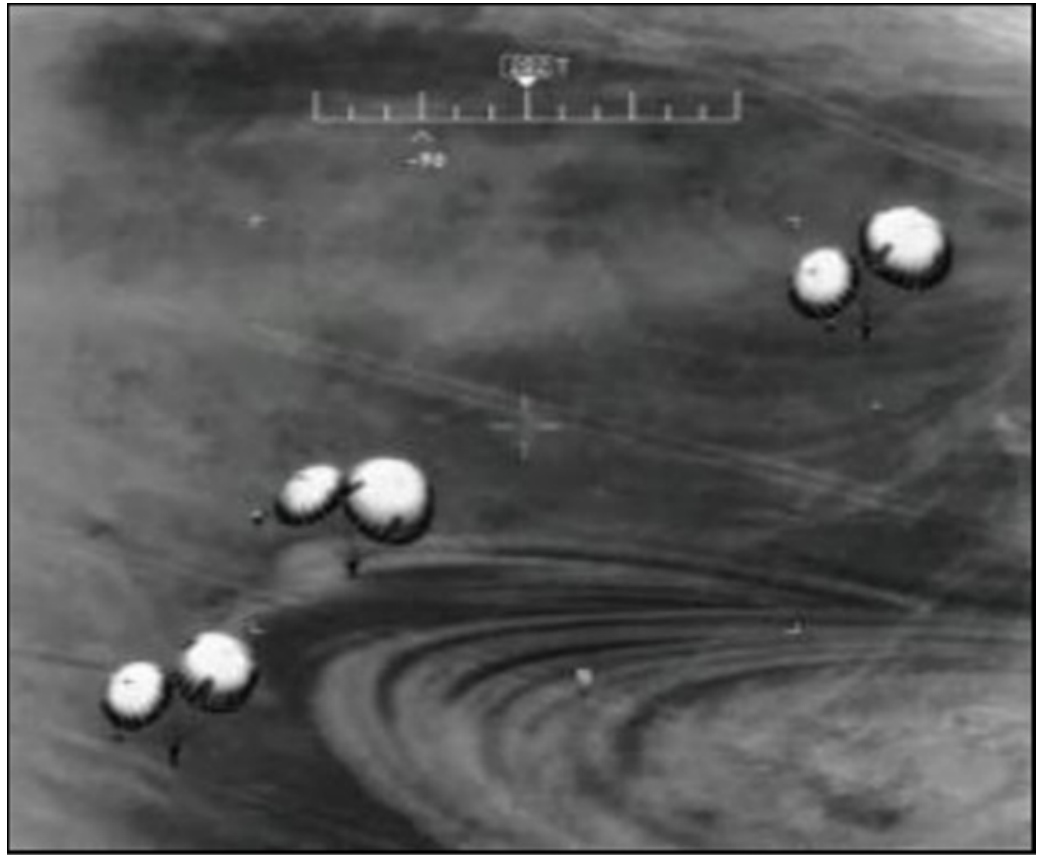
The Abn OPS was an “advanced part/phase” of the joint operation, including sustainment. In itself the jump over Timbuktu was a contingency!

9. Did the force have the opportunity to conduct rehearsals? CPX or LIVEX?

Absolutely NO and they lack planning time.

10. Did the airborne operation go as planned? Being aware that the average payload of the combat soldier nowadays far exceeds that of the forces in previous conflicts, how did you overcome the limitation of the parachute's weight capacity?

The use of reserve canopy was ordered but it's not so easy because it is mainly designed to open in case of emergency and not when your speed of descend is normal (+ need of training during wings period...).



And minimum comfort ...



11. Upon landing, how was the reorganization of force made? Did it go according to plan or were there major incidents?

Reorganization of the force went well. Only 5 light casualties due to hard landing. The S3 and the CIS officer were injured and their deputies took over. It's an old *Lesson Learned* that any level of command must be ready to take the responsibility of "his boss duty".

12. What is your opinion about the applicability of airborne operations by mass drop in modern conflicts?

Abn Ops are always an option to be considered, with both CoA (drop or TALO). If we are in a conflict situation, we have to consider that facing AD for an airplane is not worse than facing anti-tank missiles for a tank crew ...

An interesting example is the joint strategic Russian manoeuvre during Balkans conflict (1999) when a Battalion, raiding from Bosnia seized Pristina Airport when Abn troops gathered “on alert” with their planes and parachutes, ready to jump over this Pristina Airport, in case of During the same time NATO troops (by chance 82(US) AD, 5th (UK)Bde ...) were stationed in Macedonia and France planned a drop over Pristina Airport, shifted to an heliborne ops to seize “Gate 1” on the administrative boundary between Serbia and Kosovo, to block any Serbian troops major movement.

13. In which kind of conflicts or other situations could the use of this type of operations be more easily expected?

Determined Commitment 2004 in Kosovo was an operative NATO reinforcement of KFOR by an Abn Ops.

The Sahelian strip is clearly a perfect example (comparable to the well-known use of paratroopers by France in Indochina or by Rhodesia) of tactical Abn OPS.

14. Personal additional point of view.

We all conducted airborne operations yesterday and today. No one can be sure it will be the case tomorrow ..; but it’s crystal clear in will be the case “after-tomorrow”: so we desperately need to convince our political (and sometime military ...) masters to invest money and human resources to keep alive this unique and essential capability. **The most important phase in a paratrooper’s life is training during peace time!**

ANEXO

ANEXO A – POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES DO BOAT

1. Possibilidades

- a. “Operar Bases de Partida e Bases Avançadas para a condução de Operações Aerotransportadas e/ou Aeromóveis.
- b. Integrar a Força de Reação Imediata (FRI), com um Destacamento de Apoio Aeroterrestre (DAAT) e um Destacamento de Precursores, para apoio à sua Projeção e para o lançamento de Operações Aerotransportadas e/ou Aeromóveis.
- c. Organizar e executar o lançamento de unidades Paraquedistas e de carga aérea..
- d. Conduzir missões de infiltração aérea dos Destacamentos de Precursores até uma altitude de 33.000 pés (acima do nível médio das águas do mar).
- e. Conduzir Vigilância, Aquisição de Objetivos e Reconhecimento em profundidade, com a Companhia de Precursores.
- f. Apoiar as atividades de Formação Aeroterrestre do Regimento de Paraquedistas.
- g. Executar o Controlo de Tráfego Aéreo de aeronaves de asa fixa e móvel.
- h. Reforçar os Batalhões de Infantaria Paraquedista e a segurança Bases de Partida e Bases Avançadas com equipas cinotécnicas.
- i. Reforçar com forças e meios a Unidade de Apoio Militar de Emergência.
- j. Apoiar o Comando Conjunto para as Operações Militares do Estado-Maior-General das FFAA no planeamento, organização, controlo e direção das missões de infiltração aérea de Forças de Operações Especiais, quando estas requeiram a utilização de meios aéreos.
- k. Colaborar em ações de apoio ao desenvolvimento e bem-estar da população, conforme lhe for determinado.
- l. Participar em projetos de cooperação técnico-militar, no âmbito da sua tipologia de força, conforme definido superiormente.
- m. Cumprir outras missões ou realizar outras tarefas que lhe sejam cometidas superiormente.” (EXÉRCITO, 2016a)

2. Limitações

- a. “Necessidade de superioridade aérea local para as operações de abastecimento aéreo e infiltração aérea.
- b. Necessidade de condições meteorológicas favoráveis para as operações de abastecimento aéreo e infiltração aérea.
- c. A quantidade de Bases de Partida e Bases Avançadas a operar, em simultâneo, dependente da ativação de um DAAT para cada Base.”

(EXÉRCITO, 2016a)

ANEXO B – POSSIBILIDADES DE UM BIPara

1. Possibilidades

- a. “Conduzir toda a tipologia de operações em todo o espectro de operações militares, nomeadamente:
- (1) Conduzir operações de assalto aéreo através de salto tático em paraquedas (desembarque aéreo) ou aterragem de assalto, em todo o tipo de conflito, qualquer tipo de terreno e condições meteorológicas, explorando a mobilidade estratégica e velocidade de reação;
 - (2) Conduzir ações apeadas e/ou montadas de alta agressividade, através da concentração de potencial contra forças blindadas, mecanizadas ou apeadas com meios de fogos diretos e indiretos;
 - (3) Conquistar e manter a posse de terreno importante e pontos sensíveis e preparar posições defensivas para garantir a sua defesa, normalmente até à junção com outras forças terrestres;
 - (4) Reforçar forças cercadas ou apoiar a operação de rutura de cerco;
 - (5) Conduzir Operações de aquisição de informações;
 - (6) Conduzir Golpes de Mão a Postos de Comando, Bases de Fogos, Linhas de Comunicações ou instalações Administrativa-logísticas;
 - (7) Conduzir ataques na retaguarda de posições inimigas ou impedir o empenhamento de reservas;
 - (8) Conduzir operações de resposta a crises (CRO);
 - (9) Participar em operações de combate ao terrorismo e de contrainsurreição;
 - (10) Participar em Operações de Estabilização e de Apoio Civil;
 - (11) Constituir unidade de intervenção imediata em qualquer Teatro de Operações;
 - (12) Executar operações em ambientes específicos (áreas edificadas, floresta/selva, deserto, montanha, condições de visibilidade limitada, bem como calor e frio extremos);
 - (13) Conduzir operações em apoio a forças da componente de Operações Especiais.
- b. Colaborar em ações de apoio ao desenvolvimento, bem-estar e apoio militar de emergência, conforme lhe for determinado.

- c. Participar em projetos de cooperação técnico-militar, no âmbito da sua tipologia de força, conforme definido superiormente.
- d. Cumprir outras missões ou realizar outras tarefas que lhe sejam cometidas superiormente.
- e. Tendo por referência os requisitos definidos pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (NATO's Minimum Capability Requirements Parts II - Capability Codes and Capability Statements - 26JAN16), o 1BIPara deverá estar capacitado para:
 - (1) Realizar Operações Aerotransportadas para entrada inicial de forças, em ambiente hostil, com recurso ao lançamento em paraquedas ou a aterragem de assalto, em qualquer tipo de terreno, para explorar a mobilidade estratégica e a velocidade de reação para conquistar terreno vital;
 - (2) Executar Operações Aerotransportadas, em combate de alta intensidade, com limitações significativas no poder de fogo e proteção;
 - (3) Reforçar rapidamente, as forças implantadas na frente de combate, atuando como reserva estratégica ou operacional e realizando incursões táticas;
 - (4) Ocupar áreas ou reforçar unidades amigas isoladas, e conquistar pontos importante na frente de combate para facilitar as operações terrestres ou aéreas;
 - (5) Garantir a proteção a pessoal montado face a fogo de armas ligeiras, rebentamentos de artilharia de 155 mm a 100 m e rebentamentos de granadas de mão (STANAG 4569: K1 M1);
 - (6) Constituir o comando de um agrupamento de armas combinado, bem como, destacar subunidades suas para outro agrupamento;
 - (7) Comandar e controlar até cinco (5) subunidades de manobra;(7)
 - (8) Receber e empregar viaturas blindadas ligeiras (Protected Patrol Vehicles) de modo a atuar como Batalhão de Infantaria Ligeiro (INF-L-BN) ou Batalhão Aeromóvel (INF-L-AMB);
 - (9) Recolher informação e adquirir objetivos através de diferentes meios, na Área de Interesse do Batalhão;
 - (10) Executar operações ofensivas, defensivas, de estabilização e tarefas de transição/complementares;
 - (11) Empregar meios não-letais;

- (12) Executar tarefas independentes de escalão Pelotão;
- (13) Contribuir na Receção, Estacionamento e Movimentos (REM/RSOMI - Reception, Staging, Onward Movement and Integration) de outras unidades;
- (14) Executar operações conjuntas e combinadas, em condições de frio ou calor extremos;
- (15) Manter a cadeia de comando (Operações e Logística) atualizada, de forma automática, sobre a situação das munições, combustíveis e pessoal, bem como dos principais danos sofridos, resultantes ou não do combate;
- (16) Integrar o sistema de informação, vigilância e reconhecimento conjunto (JISR - Joint Intelligence Surveillance and Reconnaissance) da Aliança, de forma a permitir a execução eficiente do plano de pesquisa, o cruzamento de informação com outros meios pesquisa, e a disseminação da informação recolhida a outras forças;
- (17) Atuar por um período de três (3) dias sem ser reabastecida;
- (18) Implementar e manter redes de comunicações robustas (rede segura de voz e dados), assegurando a capacidade de comunicações intra-teatro e com a retaguarda (reach back);
- (19) Obter e divulgar imagens na forma de vídeo ou fotos (de dia ou de noite e em condições de visibilidade limitada), para um centro de processamento / análise / integração de uma forma atempada, eficiente e segura;
- (20) Contribuir para a Imagem Operacional Comum (COP - Common Operational Picture), através da divulgação de dados e informações;
- (21) Garantir um nível de proteção adequado, integrando e empregando meios de Proteção da Força, procedimentos no âmbito de OPSEC, INFOSEC, COMSEC, NBQR, CIED, e políticas e normas de proteção da saúde;
- (22) Garantir proteção adequada no âmbito da defesa contra ameaças NBQR de acordo com "ACO Force Standards";
- (23) Preparar adequadamente os seus militares contra IED de acordo com o "STANAG 2294/ACIEDP-01 Counter Improvised Explosive Device (C-IED) Training Requirements".
- (24) Garantir proteção adequada contra IED de acordo com o "STANAG 4569/AEP-55 Protection Levels for Occupants Armoured Vehicles".

- (25) Controlar e dirigir missões de apoio aéreo durante a fase terminal de ataque, através do "Tactical Air Control Party" (TACP) e por via de Controladores Aéreos Avançados (FAC - Forward Air Controllers), determinando a localização precisa dos alvos a bater e/ou executando a referenciação de alvos com recurso a designadores de laser;
- (26) Empregar medidas que minimizem a vulnerabilidade a um ataque aos sistemas de informação (cyber attack), que mantenham, durante o ataque, o grau de operacionalidade determinado pelo Comandante, e que restabeçam, após o ataque, os serviços de rede afetados.”
- (EXÉRCITO, 2016c)